

PEDRO FERNANDO VIANA PEIXOTO



A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS

MEMÓRIAS DAS FESTAS E ROMARIAS
NO SANTUÁRIO DE FREXEIRAS
GARANHUNS - PE



1880 - 1931

PEDRO FERNANDO VIANA PEIXOTO

A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS

MEMÓRIAS DAS FESTAS E ROMARIAS
NO SANTUÁRIO DE FREXEIRAS
GARANHUNS - PE

1880 - 1931

PPGH |
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA



FICHA CATALOGRÁFICA

P379f Peixoto, Pedro Fernando Viana.
A festa de Santa Quitéria de Frexeiras [recurso eletrônico]
: memórias das festas e romarias no Santuário de Frexeiras –
Garanhuns - PE (1880-1931) Pedro Fernando Viana
Peixoto, 2024.
84 f. : il.

ISBN XXX-XX-XXXXXX-X-X (E-Book)
Originalmente apresentado como Relatório técnico
de Mestrado Profissional em História.

1. Pernambuco - História. 2. Religião. 3. Romaria.
4. Festas religiosas. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
Capítulo 1: ASPECTOS HISTÓRICOS GERAIS SOBRE SÃO JOÃO, GARANHUNS E O POVOADO DE FREXEIRAS	
1.1 Relação territorial do povoado de Frexeiras com os municípios de São João e Garanhuns	07
1.2 Características gerais do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras	11
1.3 Aspectos sobre a economia do povoado de Frexeiras e da cidade de Garanhuns	15
1.4 Impactos econômico-sociais da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	17
Capítulo 2: A ORIGEM DA SANTA QUITÉRIA, DO SANTUÁRIO DE FREXEIRAS E DA FESTA DEDICADA À VIRGEM MÁRTIR.	
2.1 A capelinha de Frexeiras: uma herança do catolicismo popular do período colonial	27
2.2 Santa Quitéria: um símbolo religioso de origem mística e lendária	30
Capítulo 3: A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS: DINÂMICAS, MÍSTICA E DISPUTAS.	
3.1 As festas religiosas transformando os espaços para a promoção da devoção e do divertimento	41
3.2 Particularidades sobre a data da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	45
3.3 A dinâmica da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras: o sagrado e o profano em conexão.....	51
3.3.1 Encontro de festas religiosas: uma fusão entre o culto oficial e as práticas religiosas populares	55
3.3.2 A dinâmica das práticas profanas na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	60
3.4 Disputas pela Festa de Santa Quitéria de Frexeiras	62
3.5 Ex-votos de Santa Quitéria: representação de fé e comunicação com o divino	67
FONTES CONSULTADAS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

APRESENTAÇÃO

A história humana, construída no dinamismo das tensões e conflitos, dos consensos e dissensos, de onde emanam as diretrizes que determinam e consolidam os comportamentos e os valores vividos e praticados em sociedade, guarda a característica da mutabilidade, pois se modifica, evolui, se adequa, se renova, se ressignifica, e assim, demarca a identidade de cada povo conforme à época e o período histórico vivido.

Em meio as vivências e transformações, o homem, protagonista da história, sempre buscou válvulas e gatilhos que o demovesse, mesmo que temporariamente, da rotina gerada pelas atividades e compromissos cotidianos, transferindo ou expulsando as tensões através de atividades lúdicas.

Nesse contexto, as festas registram na história do homem a função de promover entretenimento, diversão e lazer, que suprem, em parte, essa necessidade humana de atingir relaxamento, descontração, distração e divertimento, e assim restaurar o equilíbrio atacado pelas tensões acumuladas, mas também, promover a função, de similar importância, de integração social e da transmissão de cultura entre gerações. Afirma a historiadora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, que “Os momentos de divertimento são partes fundamentais da vida humana e estão intimamente associados ao contexto histórico e social” (Santos, 2011, p. 09).

Por outro lado, acrescenta a historiadora Mary Del Priore, que os entretenimentos disponibilizados nas festas, promovem prazeres, descanso e alegria, mas também permitem introjetar em seus participantes, mensagens com valores, sentimentos, conhecimentos e normas de vida comunitária (Del Priore, 1994, p. 10). Daí é possível compreender que as festas, ao mesmo tempo que apresentam importância na promoção do entretenimento e diversão, exercem um papel fundamental e indispensável na formação pessoal e social dos indivíduos, através da transmissão de conhecimentos e valores culturais, políticos, econômicos e religiosos, que são representações de cada período histórico.

Observando o contexto de transformação e evolução da história, esse trabalho procurou identificar e apresentar as nuances, especificidades e vivências que caracterizaram a identidade da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, no período de 1880 a 1931, retratando os valores culturais e os significados religiosos e simbólicos decorrentes das práticas festivas, tanto de natureza religiosa, quanto profana, com foco, sobretudo, nas especificidades locais, mas referenciando os movimentos nacionais e gerais que de alguma forma os influenciaram.

Nesse processo foi observado que os órgãos de imprensa daquele período se referiam com muita frequência ao casarão/capela onde era mantida a imagem da Santa Quitéria, como “a capelinha de Frexeiras”, motivo pelo qual são feitas várias referências ao local utilizando-se o simbólico tratamento de outrora.

Em sintonia com as dinâmicas dos eventos que constroem a história da humanidade, também as festas se moldam às mudanças e transformações sociais, reproduzindo valores decorrentes dos comportamentos do tempo vivido, mas ao mesmo tempo também os influenciando. Segundo a historiadora Martha Campos Abreu, “Independente da obstinação de permanência e continuidade de determinadas estruturas formais, a festa é sempre recriada e reapropriada, refletindo paixões, conflitos, crenças e esperanças de seu próprio tempo.” (Abreu, 1999, p. 14). Acrescente-se que as festas religiosas, apesar de uma maior potencialidade na preservação de valores cristalizados, também acompanham o seu tempo, e assim, estão suscetíveis as acomodações de mudanças de comportamentos e de novas práticas.

A Festa de Santa Quitéria de Frexeiras acomodou em suas celebrações religiosas, conteúdos típicos das tradições festivas praticadas durante o recorte temporal pesquisado, as quais consistiam essencialmente em permanências advindas do período imperial, tais como o hasteamento da bandeira para indicar o início das festividades, as novenas, as pomposas procissões, as missas cantadas sob os estandartes montados em frente ao casarão/capela, e também os foguetórios, além das tradições que foram sendo inventadas no curso do tempo.

As tradições também foram reproduzidas em suas comemorações profanas, através das práticas destinadas ao entretenimento, à diversão e ao lazer. Entre algumas delas, podemos citar: ao entardecer, as divertidas cavalgadas e os prazerosos passeios das famílias pelo vilarejo de Frexeiras, sob o clima agradável proporcionado pela altitude e pelas colinas garanhuenses; ao avançar da noite, a diversão consistia no tradicional samba, além das bebidas típicas da época, as jogatinas, entre outras.

Encontramos a principal ligação entre as festas e a religião através das celebrações alusivas aos santos católicos, cujas datas e períodos comemorativos são, via de regra, estabelecidos pelo calendário hagiológico, este que delimita no tempo, muito mais que uma data, mas os impactos sobre a rotina e o comportamento das pessoas nas comunidades, face os preparativos necessários para vivenciar as festividades. Entretanto, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras demonstra que o calendário hagiológico não era o único padrão para se determinar as datas festivas dos santos católicos, e numa demonstração do caráter popular no qual estava imbuída, abriu possibilidades para discussão sobre a data em que era realizada.

No início do período histórico pesquisado observamos que a atuação leiga ainda exercia força expressiva na execução das festas religiosas, verificando-se uma predominância da própria comunidade na realização dos eventos festivos. Conforme a historiadora Edilece Souza Couto, “Os padres, membros das ordens religiosas, responsabilizavam-se apenas pelas celebrações litúrgicas.” (Couto, 2004, p. 64). Resultou das ações leigas uma considerável inserção de elementos e símbolos profanos durante as comemorações festivas religiosas, os quais, segundo o historiador Jerri Roberto Marin, passaram a ser considerados, aos olhos das autoridades eclesiais, excessivos e até ofensivos a fé cristã, culminando na ação da igreja para exercer maior controle sobre a forma como as festas religiosas ocorriam, especialmente no contexto do processo de romanização implementado pela Igreja Católica no Brasil, cujo início havia se dado a partir da segunda metade do século XIX e avançou sob a influência dos movimentos de transição social e política pelos quais o país vivia, com a queda do Império e o surgimento da República (Marin, 2001, p.150-152).

Narramos ainda a aparente disputa entre a Diocese de Garanhuns e os familiares membros da família Guilherme da Rocha, quanto ao controle da capela e da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, as quais, apesar do processo de romanização da Igreja Católica haver sido substancialmente consolidado, se mantiveram sob o domínio da família proprietária do casarão/capela, daí resultando em posicionamentos advindos da diocese, que impactaram especialmente no contexto dos festejos religiosos da festa.

Por fim é feita uma breve abordagem sobre os ex-votos, simbologia marcante que representa materialmente a fé dos romeiros no pagamento das promessas feitas perante a Santa Quitéria e que bem harmoniza e ilustra o ambiente da capela e da festa, representando o clímax da jornada do romeiro na expressão mais genuína da sua fé, constituindo elemento identitário do santuário, e acima de tudo, compondo o ambiente místico que circunda o santuário de Frexeiras.

Capítulo

ASPECTOS HISTÓRICOS
GERAIS SOBRE SÃO JOÃO,
GARANHUNS E O POVOADO
DE FREXEIRAS



A relação do homem com o ambiente e as práticas festivas vão sendo definidas à medida que surgem as demandas, e se consolidam no tempo conforme alcançam importância e se tornam necessárias para o lugar e para a vida das pessoas que lá residem e o frequentam. Assim, uma festa quando se torna tradicional demarca um lugar no ambiente e um espaço no curso do tempo que influencia as pessoas às práticas necessárias para manutenção das tradições construídas, mas ao mesmo tempo também é influenciada pela cultura, pelos hábitos, pelos costumes e pelas condições de vida do povo das respectivas localidades. Então, conhecendo o espaço físico do vilarejo de Frexeiras, a arquitetura de suas construções, a estrutura do local, as condições e atividades econômicas dos moradores, a cultura, as instituições, as práticas e os comportamentos religiosos, os hábitos e os costumes da comunidade, é possível melhor compreender como se desenvolviam as festividades religiosas e como estas impactavam a vida dos moradores, construindo a relação do espaço com as práticas humanas que se consolidaram e tornaram a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras um evento tradicional que é frequentado anualmente por milhares de visitantes.

Nesse contexto, se torna valioso inicialmente conhecer o espaço geográfico onde ocorriam as efervescentes manifestações religiosas e profanas que atraíam milhares de pessoas para comemorar, festejar, fazer promessas, depositar as ofertas votivas, enfim, prestar agradecimentos e reverência a uma santa do catolicismo que pouco era conhecida em terras brasileiras durante o recorte temporal pesquisado.

1.1 – Relação territorial do povoado de Frexeiras com os municípios de São João e Garanhuns.

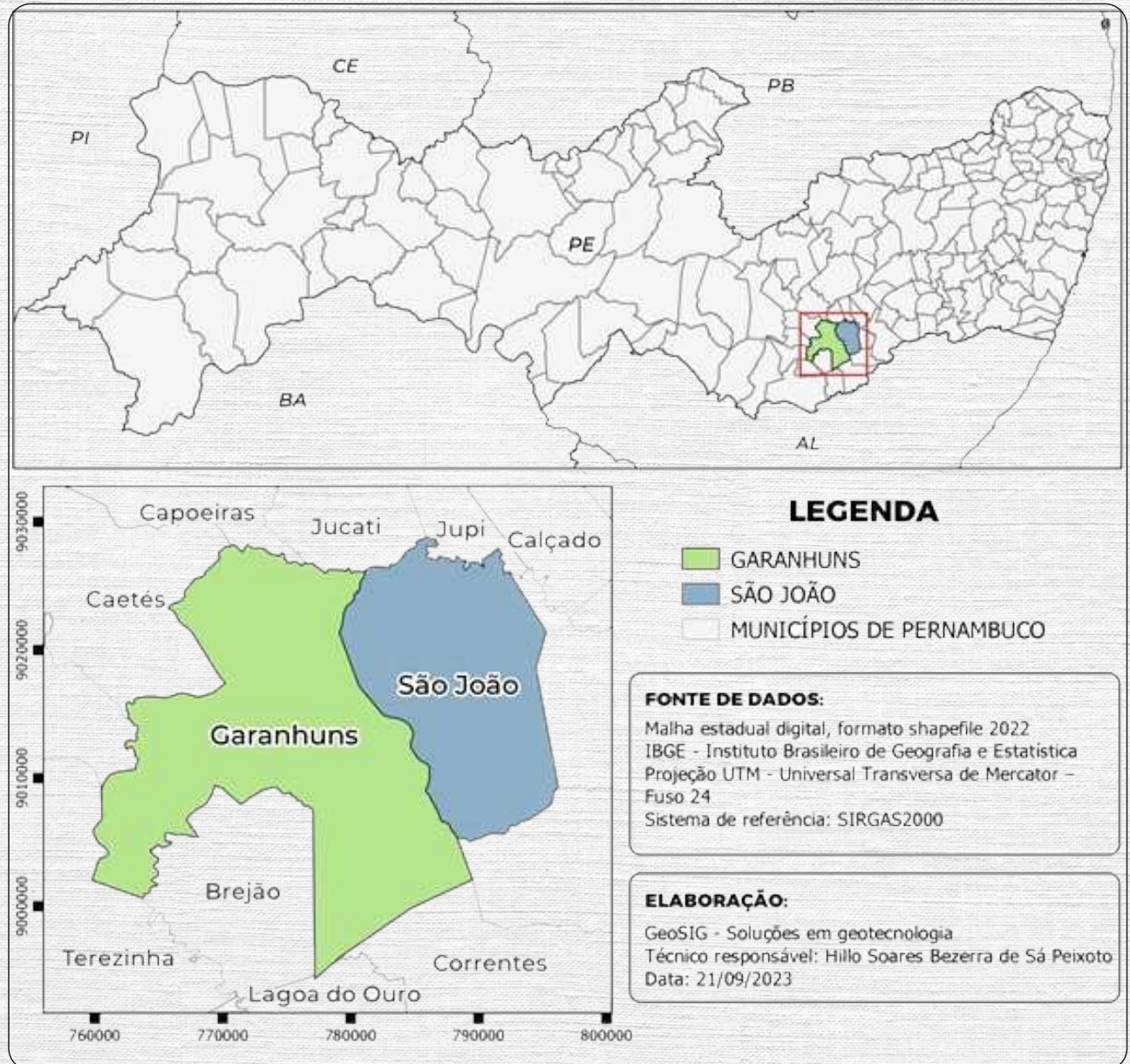
A princípio, vale salientar que o povoado de Frexeiras, onde é realizada tradicionalmente a Festa da Santa Quitéria, atualmente pertence ao município de São João-PE, porém, nesses escritos as referências se darão prevalentemente em relação ao município de Garanhuns, tendo em vista que durante o período pesquisado o referido povoado pertencia ao território do município de Garanhuns.

O município de São João se encontra localizado na Região Agreste de Pernambuco, distante 225 km da capital pernambucana, com uma população de 23.835 habitantes, conforme dados do último censo demográfico (IBGE, 2022).

Já o município de Garanhuns também integra a Região Agreste de Pernambuco, se encontra localizado a 231 km da capital pernambucana, seguindo pela rota mais curta (via Caruaru), com uma população de 142.506 habitantes, conforme o último censo demográfico (IBGE, 2022); caracterizada pelo clima frio e agradável decorrente da privilegiada localização geográfica entre colinas e pela altitude de 842 metros. As cidades sedes dos dois municípios se encontram distantes cerca de 18 quilômetros entre si, e mantém próxima relação sobre os variados aspectos, em especial quanto as atividades de comércio, turismo e de serviços de educação e saúde, já que o município de Garanhuns se caracteriza por ser uma cidade polo na Região Agreste Meridional.

O mapa adiante ilustra as localizações dos municípios de São João e de Garanhuns em relação ao estado de Pernambuco, apresentando-os numa perspectiva na qual os dois municípios são destacados em conjunto:

Figura 01 – Mapa das localizações dos municípios de São João e de Garanhuns - PE



Fonte: Elaborado por Hilo Soares Bezerra de Sá Peixoto, 2023.

Durante o recorte temporal pesquisado, ambos os municípios formavam uma única região geográfica. São João estava inserido em terras da recém-criada cidade de Garanhuns, integrando-a inicialmente na condição de vilarejo e posteriormente como distrito. De acordo com o historiador Alfredo Leite Cavalcanti, a então nominada vila de Santo Antônio de Garanhuns foi elevada à categoria de sede e cidade com a denominação de Garanhuns, através da Lei Provincial n.º 1.309, em 04 de fevereiro de 1879 (Cavalcanti, 1997, p. 197-198).

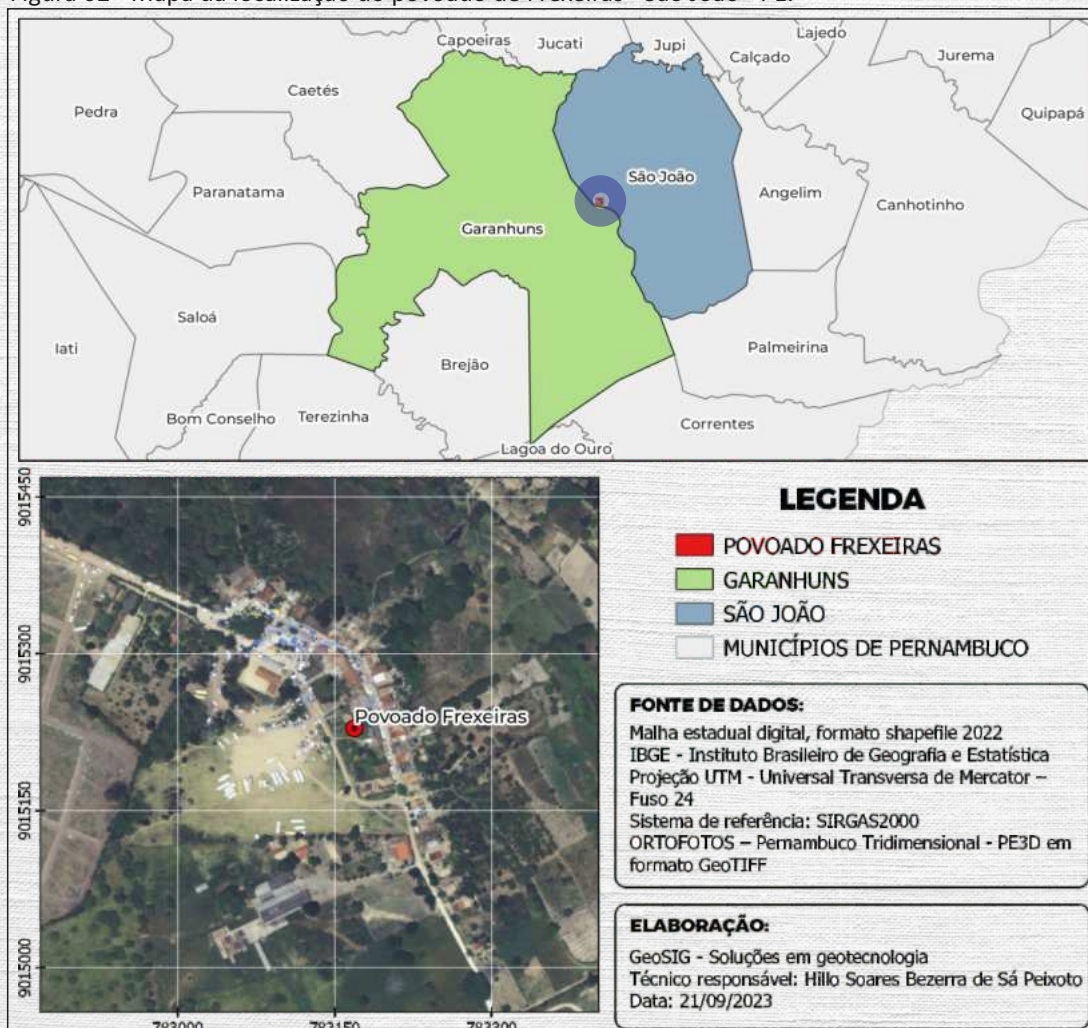
O vilarejo de São João, então pertencente a área territorial de Garanhuns, logo após esta haver sido elevada à condição de cidade, foi classificado pela Câmara de Vereadores da cidade de Garanhuns, em 23 de janeiro de 1883, como distrito da referida cidade. São João permaneceu na condição de distrito até o ano de 1958, quando foi transformado em município, conservando o mesmo nome (Cavalcanti, 1997, p. 389-391).

O ato que criou o município de São João, promovendo a sua separação do município de Garanhuns, foi a Lei Estadual nº 3.280, de 25 de novembro de 1958, no entanto, a separação somente foi efetivada com a instalação da sede administrativa do município de São João, a qual se deu no ano de 1962, quando foram realizadas as demarcações das divisas territoriais dos referidos municípios (Pernambuco, 1958; Cavalcanti, 1997, p. 390). Assim, a partir desse marco, o povoado de Frexeiras deixou de pertencer a Garanhuns, passando a integrar o município de São João.

O povoado de Frexeiras fica distante 234 km da capital pernambucana, possuindo diversas vias de acesso, tanto a partir da sede do município de São João, de onde fica distante cerca de 10 km, quanto partindo do município de Garanhuns, de onde fica distante cerca de 6,5km, considerando o trajeto com início a partir da praça Tavares Correia (Relógio das Flores), consistindo esse no principal e mais fluído acesso para chegar ao santuário.

O mapa a seguir destaca a localização do povoado de Frexeiras em relação aos municípios de São João e de Garanhuns:

Figura 02 - Mapa da localização do povoado de Frexeiras - São João - PE.



Fonte: Elaborado por Hilo Soares Bezerra de Sá Peixoto, 2023.

Promovendo um resgate das memórias que caracterizavam e promoviam a identidade espacial do povoado de Frexeiras no final do século XIX, até meados do século XX, podemos concluir que àquela localidade guardava aspectos de uma comunidade tipicamente rural, distante do desenvolvimento e dos hábitos e costumes vividos à época nos centros urbanos.

Se tratava de um pequeno vilarejo embrenhado entre sítios e fazendas da zona rural de Garanhuns, formado de algumas pequenas e humildes casas, em geral construídas em alvenaria ou taipa, com algumas poucas construções beneficiadas com acabamento em reboco e a maior parte desprovida de acabamento, deixando aparentes os materiais empregados na construção, o que fazia com que os imóveis aparentassem estar em estado de ruínas. Dentre elas se destacava o casarão colonial que mantinha em seu interior a capelinha com a imagem de Santa Quitéria. Tais casinhas formavam uma única e pequena rua, sem nenhuma estrutura urbana, cuja localidade não proporcionava condições adequadas para o acolhimento e o apoio aos visitantes, a exemplo de banheiros públicos e instalações para hospedagens.

No tocante as condições do vilarejo de Frexeiras, uma matéria publicada no jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), faz uma descrição que bem retrata a simplicidade que predominava na arquitetura do lugar, conforme podemos observar na transcrição que segue: "Frexeiras é um pequeno povoado, se é que este nome se pode dar a algumas casinhas arruinadas que formam uma única pequena rua que ali existe demorando a 6 quilômetros ao nascente desta cidade".

Atualmente, mesmo pertencendo ao município de São João, já é perceptível a aproximação da expansão imobiliária, com loteamentos de terrenos e construções que avançam a partir de bairros da cidade de Garanhuns e se avizinham do povoado, inevitavelmente alterando o visual do lugar, principalmente em seu entorno, conforme pode ser visto pela foto de satélite que compõe o mapa anteriormente apresentado.

Face as transformações impostas pelo tempo, parte dos imóveis do povoado receberam reformas, a rua calçada mostra que o povoado recebeu melhoramentos urbanos, porém, alguns poucos imóveis ainda se mantêm aparentemente incólumes, conservando aspectos característicos do pequeno vilarejo rural de outrora, que à época já recebia milhares de pessoas em romarias para participar da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Figura 03 – Visão parcial do povoado de Frexeiras.



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

1.2 Características gerais do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.

As terras onde está localizado o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras se trata de propriedade privada, a qual permanece sob a posse dos membros remanescentes da família Guilherme da Rocha, família essa a quem é atribuído o mérito pela chegada da imagem da Santa Quitéria ao povoado de Frexeiras. O acesso ao casarão/capela permanece como nos tempos passados, franqueados de forma livre e gratuita a todos os visitantes, sejam fiéis, romeiros, pesquisadores ou simplesmente curiosos.

Integra a estrutura do santuário, o casarão colonial que abriga a capela da Santa Quitéria, cuja data provável da construção é desconhecida, porém, é possível verificar que ela data de muitas décadas, pois existe registro de que ela passou por uma reforma durante a segunda metade do século XIX, conforme matéria publicada no jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), cujo conteúdo informa que foi realizada uma reforma para melhoramentos da capelinha de Santa Quitéria de Frexeiras, a qual alterou o aspecto que o local apresentava, de uma acanhada casinha de orações, para uma interessante, arejada e bem construída capelinha; os melhoramentos foram implementados com os auxílios e doações dos moradores que habitavam a localidade e também dos romeiros e fiéis que em suas peregrinações visitavam a capela, e tais melhorias foram apresentadas no mês de setembro do ano de 1884, durante a tradicional festa anualmente realizada em homenagem e devoção a Santa Quitéria.

Figura 04 – Fachada do casarão que abriga a capelinha com a imagem da Santa Quitéria



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2023.

Figura 05 – Salão dos milagres



Fonte: Anna Terra, 2014.

No casarão colonial, logo após cruzar a porta de entrada, o visitante se depara com o salão dos milagres, que se trata de um espaço composto de duas amplas salas onde são depositados os milhares de ex-votos oferecidos pelos fiéis, os quais ficam expostos e pendurados nas paredes, recobrin-do-as em sua quase totalidade, além de muitos outros depositados pelo chão e ocupando todos os recantos do salão.

Figura 06 – Salão dos milagres



Fonte: Anna Terra, 2014.

Figura 07 – Altar com a imagem da Santa Quitéria



Fonte: Renan Quevedo, 2018

Após a travessia do salão oromeiro se depara com a imagem da santa milagrosa exposta em um pequeno altar, protegido por grades de ferro e posicionado entre dezenas de quadros com ex-votos em forma de fotografias, os quais testemunham muitos dos milagres alcançados pelos devotos, e que por eles foram depositados no santuário durante suas visitas ao local. Também estão colocadas em frente ao altar algumas urnas onde os visitantes podem depositar contribuições e doações.

A exemplo de grande parte dos santuários religiosos, também no de Santa Quitéria de Frexeiras existe um velário, que é um local para os devotos que visitam a capelinha de Santa Quitéria acenderem as velas votivas que são ofertadas à santa milagrosa. As velas são queimadas comumente como parte complementar de outro ex-voto oferecido pelos romeiros, ou podem consistir na única forma de pagamento de suas promessas. Mas também, tendo em vista que a vela representa para o católico o fogo que simboliza a luz, a qual serve para estabelecer uma comunicação com o plano espiritual, consiste em um momento místico para o fiel apresentar suas orações com novos pedidos e promessas à santa protetora.

Figura 08 – Velário do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.



Fonte: Descanso para a loucura, 2012.

Por fim, em frente ao casarão colonial, completando a estrutura do santuário de Frexeiras, existe uma casa na qual funciona o Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças, onde estão alocadas e expostas diversas obras de arte produzidas por artistas anônimos, mas também por artesãos renomados da Cultura Popular Nordestina, a exemplo do Mestre Vitalino de Caruaru e de Zezinho de Tracunhaém, além de diversas peças representativas de ex-votos, que constituem uma parcela remanescente das ofertas depositadas pelos devotos e fiéis da Santa Quitéria ao longo da existência do santuário, como também diversos objetos característicos do cotidiano nordestino, tais como: antigas máquinas de costura, televisores, rádios, antigas cédulas e moedas nacionais, também dinheiro estrangeiro, paramentos de sacerdotes católicos e artesanato indígena, entre outros.

Figura 09 – Fachada, hall de entrada e a placa de inauguração do Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças



MUSEU MARIA DAS GRAÇAS
 PARTICULAR

Saiba Mais

O Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças é um dos 134 museus pernambucanos cadastrados na plataforma da Rede Nacional de Identificação de Museus, do Ministério da Cultura (Brasil, 2023). Foi criado no ano de 1974 (Guia, 2011), entretanto, sua inauguração somente ocorreu no dia 15 de novembro de 1976, conforme indica a placa de inauguração afixada na entrada do museu. Sua fundação se deu por uma iniciativa do museólogo Olegário Guilherme da Rocha, então administrador do santuário de Santa Quitéria, em parceria com a pesquisadora Maria do Carmo Mendonça da Rocha. O museólogo atribuiu o nome ao museu em homenagem a mãe dele (Mariz e Theije, 1991, p. 44). Enfim, é um local que agrega obras e elementos artísticos que documentam e retratam aspectos da história religiosa e cultural da região. (Leite, 1976, p. A-20).

Fonte: Compilação a partir do acervo pessoal do autor, 2023.

Imagens que ilustram algumas peças de obras de arte popular, ex-votos e objetos do Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças.

Figura 10– Amostra do acervo do Museu de Cultura Popular e Ex-votos Maria das Graças.



Fonte: Compilação a partir do acervo pessoal do autor, 2023.

1.3 Aspectos sobre a economia do povoado de Frexeiras e da cidade de Garanhuns.

O povoado de Frexeiras, assim como toda a vasta área rural do município de Garanhuns, estavam inseridos numa economia, cuja atividade passava por transformações ao final da década de 1870 e início da década de 1880. Segundo o historiador Alfredo Leite Cavalcanti, a criação do gado vacum, principal fonte de riqueza dos então habitantes do município, foi progressivamente sendo substituída pela agricultura, ficando reduzida a criação de gado leiteiro para fins do consumo local. Entre os produtos agrícolas mais cultivados e responsáveis pela maior geração de renda no município de Garanhuns, estavam o algodão, o café, a mamona, a cana-de-açúcar, o agave, frutas e hortaliças (Cavalcanti, 1997, p. 261 – 267).

O algodão era o produto agrícola que destinava-se a exportação, e que após a inauguração da estrada de ferro no município durante o ano de 1887, passou progressivamente a ser beneficiado em equipamentos mais aperfeiçoados, em especial após a instalação da Usina Garanhuns, no ano de 1921; o café teve sua produção iniciada na região pelo Capitão Luís de Barros Pereira Rego (Luís Burgo), a partir do ano de 1877; o trigo foi produzido em caráter experimental e não avançou por falta de apoio do Governo do Estado para a construção de um moinho na região; a mamona, foi também cultivada e exportada em grande escala; a cana-de-açúcar, o agave, as frutas e as hortaliças também contribuíram com a economia local; já culturas como a mandioca (para produção da farinha), o milho e o feijão, limitavam-se ao consumo local, vindo a ter uma maior expressividade na economia do município, como produtos de exportação, a partir do ano de 1934, após o surgimento das rodovias (Cavalcanti, 1997, p. 261-267).

Nesse contexto, o vilarejo de Frexeiras, as fazendas do seu entorno e todos os moradores que ali desenvolviam atividades agrícolas, vivenciaram as transformações econômicas que ocorreram no município de Garanhuns, em grande parte estimulados pela chegada da linha férrea a essa região. A atividade da pecuária perdia espaço para os plantios de café, que pouco a pouco iam assumindo o domínio da atividade econômica na região, fornecendo trabalho aos moradores locais, já que o cultivo, a colheita e a manutenção das plantações careciam do trabalho braçal. A princípio, o trabalho após colheita: o despulpamento do café, também era realizado artesanalmente, com o uso da mó, do cacete, ou do pilão, e as impurezas separadas por urupemas, porém, a partir de 1906 esse processamento passou a ocorrer de forma mecânica (Cavalcanti, 1997, p. 262).

Figura 11 – Usina Garanhuns (Companhia Industrial de Algodão e Óleos).



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928

Figura 12 – A mó, o pilão e o cacete.



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928

Harmonizando-se com os relatos de Alfredo Leite Cavalcanti em relação ao avanço da cultura do café sobre as demais culturas na região, importante registrar uma publicação do jornal Diário de Pernambuco (26 jan. 1888, p. 3):

Com a inauguração da estação desta cidade, fato importantíssimo para os seus anais, num período recentíssimo, tem-se desenvolvido por tal forma o gosto dos nossos agricultores e pessoas até aqui mesmo estranhas a agricultura, pelo plantio do café e cacau que faz admirar, e tal vai sendo o seu desenvolvimento que longe não virá o dia em que uma nova brilhante fase se descortina num futuro recentíssimo para os habitantes desta comarca, outrora tão abatida e desfavorecida dos poderes públicos.

O povoado de Frexeiras entre os anos de 1880 e 1931 se manteve como um vilarejo estritamente rural, sem expansão em suas moradias, principalmente por estar localizado dentro de uma propriedade privada pertencente à família Guilherme da Rocha; seus moradores obtinham a subsistência a partir dos trabalhos nas fazendas de café da região, da agricultura de subsistência e do comércio que surgiu entorno da atividade da fé, já que era comum as visitas dos romeiros ao santuário de Santa Quitéria, especialmente durante o período das festividades em homenagem à santa milagrosa.

Não obstante a expansão agrícola em todo o município de Garanhuns, as atividades do comércio que existiam em decorrência do frequente movimento de pessoas em visitas a Frexeiras, incrementavam a renda das pessoas que exerciam atividades comerciais no vilarejo e no seu entorno, em especial na própria cidade de Garanhuns, já que o vilarejo e a cidade estavam ligados territorial e administrativamente ao mesmo município, além do que, Garanhuns era a maior cidade da região, a que passou a disponibilizar a melhor estrutura para acolhimento e hospedagem dos visitantes, mas também àquela situada mais próxima ao vilarejo de Frexeiras, e por onde, necessariamente, muitas das pessoas que visitavam o santuário por ela transitavam.

Conforme já visto anteriormente, durante o recorte temporal da pesquisa o vilarejo de Frexeiras se manteve inserido nas extensões de terras que pertenciam a Garanhuns. Também foi nessa época que Garanhuns foi elevada à condição de cidade, e coincidentemente foi uma época de muito crescimento e progresso para Garanhuns e toda a região, especialmente em razão da influência do avanço da construção da linha férrea do Recife ao São Francisco, com uma estação ferroviária no distrito de São João e também outra estação na cidade de Garanhuns, cuja inauguração se deu no ano de 1887. Na seção Revista Diária, do jornal Diário de Pernambuco (17 set. 1887, p. 2), foi assim noticiado o evento da inauguração: "Entremos, pois, pela porta mais larga: Realizou-se no dia 21 do mês proximoamente findo a entrada da máquina de lastro, pela primeira vez, na estação desta cidade. Na estação foi enorme a afluência de pessoas que foram assistir a essa festa do progresso." O fato também foi noticiado pelo Jornal do Recife (02 out. 1887, p.1), que assim publicou: "As 11 horas entrou na estação o trem inaugural, conduzindo o presidente da província, diretor, chefe de polícia, comandante das armas, e outras autoridades e convidados." Em outro trecho da publicação, acrescenta: "Passados a sala do telégrafo, foram trocados os telegramas oficiais, cujos textos, não pude adquirir".

A chegada da ferrovia estabeleceu grandes efeitos comerciais e sociais para o local, já que a ligação direta com a cidade do Recife atraiu inúmeros forasteiros para produzir na região, os quais adquiriram terras pertencentes a latifúndios e contribuíram intensamente para o crescimento da cidade de Garanhuns e das demais comunas da região (Cavalcanti, 1997, p. 207).

A importância da linha férrea na aproximação das pessoas entre as cidades de Recife e Garanhuns é retratada por Cavalcanti (1997, p. 207), quando faz uma comparação entre o tempo despendido pelos viajantes no deslocamento do referido trecho, se utilizando dos meios de transporte anteriores a chegada do trem, com àquele resultante do trajeto feito por trem:

Anteriormente, para o comércio com a praça do Recife, o transporte era feito em costa de animais, cujas tropas levavam, seis dias para ali chegarem e outros tantos ou mais, gastavam os comerciantes para a realização dos negócios, inclusive tratamento dos animais e, ainda, outros seis dias para regressarem. Dezoito ou vinte dias para a ida e volta de uma tropa de animais quando a distância que separava Garanhuns do Recife, pela estrada dos tropeiros, era de pouco mais de duzentos quilômetros.

O reconhecimento da importância da linha férrea para a região também é reportado pelo correspondente do Jornal do Recife (02 out. 1887, p.1), através da afirmação a seguir: "[...] uma estrada de ferro é, como ninguém pode contestar, um dos poderosos elementos de progresso, conquista da ciência moderna, devemos nós os pernambucanos nos congratular com esse grande acontecimento [...]".

Figura 13 – Estação ferroviária de Garanhuns.



Fonte: Estações ferroviárias do Brasil.

1.4 Impactos econômico-sociais da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

A abertura de uma rota fluida proporcionada pelo transporte ferroviário, atraiu um maior número de visitantes para a cidade de Garanhuns, não somente advindos da cidade do Recife, mas também de todas àquelas que foram beneficiadas e receberam a passagem da linha férrea ao longo das dezenas de quilômetros de trilhos construídos desde o Recife até Garanhuns.

Salientamos que essa evolução relatada, notadamente quanto ao meio de transporte que veio para encurtar as distâncias para àqueles que precisavam cumprir esses trajetos, certamente também influenciou, em grande medida, o quantitativo de pessoas que passou a visitar o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, bem como, a participar das festas que eram realizadas em homenagem a referida santa, conforme será possível observar na continuidade desse estudo.

O aumento do número de pessoas que passaram a visitar a cidade de Garanhuns despertou para a necessidade de se construir locais adequados para hospedá-las, estimulando assim, interessados a investir na construção de hotéis ou pousadas. Encontramos a notícia da construção do primeiro hotel na cidade de Garanhuns nos escritos de Cavalcanti (1997, p. 199), "Em 1886, deu-se começo à construção da estação ferroviária e o início da "Rua do Imperador", atual Dantas Barreto, e nela foi levantado o prédio onde funcionaria o Hotel Estrela, a primeira casa do gênero da Cidade, [...]".

No dia 07 de setembro de 1887, mesmo mês em que ocorreu a inauguração da estação ferroviária na cidade de Garanhuns, foi noticiada a abertura do Hotel Duas Nações, também construído próximo a referida estação, sobre o qual noticiava-se haver sido luxuosamente montado e que oferecia muito asseio e modicidade de preços, inclusive, durante a noite desse mesmo dia, foi realizado nos salões do referido hotel, pelo Sr. Augusto Alves Portella Filho, subempreiteiro das obras da 3ª seção da estrada férrea, um esplêndido baile em oferecimento aos amigos dele, onde compareceram as mais distintas famílias garanhuneses (Diário de Pernambuco, 17 set. 1887, p. 2).

Outro hotel, considerado o mais famoso à época, foi o Hotel e Hospedaria Motta, fundado em 1889, sob a direção de Vicente Dantas Filho, localizava-se em frente à estação ferroviária, à Rua Rosa e Silva (atual Dantas Barreto), cujo prédio no futuro serviu de instalações das Mercedárias e onde atualmente funciona o estacionamento do Grupo Pérola (Túnel, 2016). Já no início da década de 1900, o jornal A Província (27 dez. 1904, p. 1), anunciava: "HOSPEDAGEM confortável para 30 famílias, no Hotel Motta, em Garanhuns". Tinha como proprietários o casal Francisco da Motta e Silva e Joaquina da Motta e Silva; foi uma hospedaria escolhida por diversas autoridades e personalidades da época, e onde eram realizados diversos encontros e reuniões profissionais, políticas e sociais.

Já na década de 1930, após haver passado por reformas ao longo dos anos e sob a direção do novo proprietário, Sr. Noé Pires Pereira, recebeu a denominação de Grande Hotel Motta, e uma publicação do jornal Diário da Manhã (29 jan. 1930, p. 1), anunciava que ele era o maior hotel do interior do Estado, o único a contar com trinta acomodações.

Figura 14 – Fachada do Hotel e Hospedaria Motta - Garanhuns-PE



Fonte: Comissão Memorial do Centenário

Em razão da chegada da linha férrea, inegavelmente Garanhuns vivia um avanço em seu crescimento econômico e social, porém, é preciso ressaltar que as características associadas ao clima da cidade e as convicções e práticas religiosas da época, inclusive relacionadas ao santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, também contribuíam para o interesse das pessoas em visitá-la, dessa forma, tornando-os elementos de importância no cenário econômico e social local.

A cidade de Garanhuns tinha, e ainda mantém, um clima agradável, de temperatura amena e ar puro, decorrente da sua localização serrana, o qual à época era considerado mais saudável e próprio para o tratamento de determinadas enfermidades, portanto, um lugar adequado para restabelecer a saúde, mas também propício para o descanso nos finais de semana, feriados, dias santos e nos períodos das férias, conforme é possível observar através das dezenas de publicações, em especial anúncios promovidos pelo Hotel Motta em jornais de circulação no Recife, a exemplo dos publicados em A Província (03 dez 1904, p. 4; 08 dez 1904, p. 1), os quais, ao mesmo tempo que divulgavam as qualidades do hotel, exaltavam a cidade de Garanhuns como um local de temperatura agradabilíssima, onde se respirava ar puro e de clima adaptado para a cura do fígado, beribéri e anemia.

Em outro exemplo de publicação, desta vez no Jornal do Recife (05 dez 1905, p. 1), o anúncio informa: "Não há quem ignore mais que o clima salubérrimo de Garanhuns seja uma necessidade à vida. Fígado, intestino, febres, beribéri e tantos incômodos outros, são curas certas ali no Hotel Motta, [...]". Também em mais um exemplo publicado, desta vez, no Jornal Pequeno (04 mar 1909, p. 2), encontramos: "[...] que ali afluem de todas as nacionalidades, atraídos pelo clima ameníssimo e salubre daquela Europa Brasileira".

O CLIMA DE GARANHUNS

O clima frio, um dos principais motivos pelos quais os visitantes buscavam conhecer a cidade de Garanhuns e nela desfrutar de momentos agradáveis, rendeu, à época, carinhosos apelidos à cidade, a exemplo de "Europa Brasileira", mencionado na publicação do parágrafo anterior, ou "A Petrópolis do Norte", conforme encontramos no jornal A Província (25 dez. 1904, p. 05).

Na atualidade Garanhuns é mais conhecida pelos títulos de "Suíça Pernambucana" ou "Cidade das Flores" (Garanhuns, 2023); mas também como "Terra de Simôa", em razão de motivos históricos que remetem à povoação que deu origem à cidade, cujas terras foram doadas pela herdeira da Fazenda do Garcia, viúva Simôa Gomes de Azevedo. Não podendo deixar de mencionar o apelido "Suíça Brasileira", divulgado nacionalmente através da canção "Onde o Nordeste Garoa", interpretada pelo cantor Luiz Gonzaga (Almeida, 1978).

Verificamos que na primeira parte do período pesquisado os registros já denotam a importância da Santa Quitéria para o vilarejo e para a região, a qual em razão dos muitos milagres a ela atribuídos pelos devotos, já era vastamente conhecida como uma santa milagrosa, além das fronteiras de Garanhuns, motivo que impulsionava inúmeros romeiros a realizar visitas ao santuário onde estava o casarão/capela que acolhia a sua imagem em Frexeiras.

As romarias eram compostas por incontáveis devotos que compareciam ao vilarejo principalmente durante as festividades em homenagem a santa milagrosa, cujos objetivos principais eram prestar agradecimentos pelos milagres alcançados e pedir a intercessão da santa por novas graças em suas vidas.

Publicação do jornal Diário de Pernambuco (02 out 1884, p. 2), encaminhada pelo correspondente do referido jornal em Garanhuns, no dia 26 de setembro daquele ano, registra o movimento das pessoas que chegaram para a festa que aconteceu no dia 08 de setembro de 1884, relatando o seguinte:

[...] à tarde se reúne grande número de pessoas para apreciarem a chegada do povo que em grande quantidade a ela concorrem, notando-se, entretanto, que a maior parte das pessoas que ali aglomeram são romeiros que, depois de vencerem grandes distâncias, vêm render graças à ínclita Santa Quitéria, por infindáveis de milagres, por ela praticados em benefício da humanidade sofredora.

A mesma publicação também informa: "Em sua capelinha nas Frexeiras teve lugar no dia 8 do corrente a tradicional festa da Gloriosa Santa Quitéria, com a pompa do costume e uma concorrência extraordinária." Numa indicação de que a Festa de Santa Quitéria já existia há muitos anos, tendo se tornado tradicional, cuja construção histórica já havia sido sedimentada e compunha a memória daquela comunidade, tendo sido integrada a rotina de quem lá habitava e participava ou frequentava o evento. Outrossim, demonstra o quanto a festa despertava o interesse das pessoas que em grande quantidade participavam e frequentavam o evento festivo.

Importante salientar que a festa consiste no momento especial para o encontro periódico do romeiro com o santo de sua devoção, o qual em geral reveste-se de um duplo caráter: religioso e profano. Afirma a historiadora Julita Scarano, que as romarias destinadas a comemorar a festa de um santo, além de constituir momento de pedir ou render graças por benefícios alcançados, representam verdadeiros momentos de socialização, onde se faz e amplia amizades, namora e se diverte (Scarano, 2004, p. 31).

Outra publicação, também do Diário de Pernambuco (17 set. 1885, p. 2), faz considerações sobre a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras ocorrida no dia 08 de setembro daquele ano, fazendo o seguinte relato: "Celebrou-se no dia 8 do corrente com uma missa cantada a tradicional festa da gloriosa Santa Quitéria, que se venera em sua capelinha de Frexeiras, e demora duas léguas ao nascente desta cidade". Complementa ressaltando a grande presença dos frequentadores, afirmando: "A concorrência foi enorme". Assim, reforça o caráter de tradição e expressividade que a festa já havia conquistado, além de informar que, como de costume, havia atraído uma quantidade muito grande de fiéis e romeiros.

Não é possível expressar em números, a quantidade de pessoas que a Festa de Santa Quitéria, em suas edições ordinárias, atraía anualmente, porém, é possível compreender que àquelas festividades, em especial as realizadas nas décadas de 1880 a 1900, de fato alcançaram considerável repercussão e valor junto à comunidade garanhuesa, atraindo parte considerável dos moradores da cidade de Garanhuns para delas participarem, conforme é possível abstrair da publicação do jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), que assim afirmou: "Eis aí em que consiste a tão falada festa das Frexeiras que nos dias 7 e 8 deste mês torna esta cidade quase um deserto". Ao que parece, as festividades em Frexeiras se tornaram programação obrigatória de considerável parcela da comunidade garanhuesa, sendo um local para as pessoas professarem a fé cristã, mas também para o encontro e descontração entre as famílias.

Apesar das publicações anteriores fazerem referência apenas aos períodos festivos, é possível presumir que um local considerado sagrado por um vasto número de pessoas não ficava restrito às visitas apenas durante à época da festa, mas sim, apesar de ocorrerem com um menor fluxo de romeiros, que elas se estendiam por considerável quantidade de dias durante o ano, em especial nos finais de semana, por se tratar do período que os cristãos tradicionalmente destinam ao descanso, aos cultos e aos encontros religiosos.

Conforme a historiadora Julita Scarano, mesmo a romaria não fazendo parte da vida diária do peregrino, se trata da busca por um local que foi escolhido pelo santo e onde é possível pedir, agradecer e homenageá-lo; onde o peregrino se afasta do seu lugar habitual, da sua morada, para caminhar em busca de um local sagrado e dos benefícios que ele poderá trazer para a sua vida (Scarano, 2004, p. 33). E esses benefícios que o homem busca do Alto surgem das suas necessidades diárias, portanto, a busca pelo auxílio da divindade, a promessa e o agradecimento não escolhe data, são qualificadas pelas necessidades imediatas da rotina humana por meio de intenções de fé. Assim, é comum que o devoto busque em momentos, que não apenas o festivo, o local por ele considerado sagrado para render graças por um benefício alcançado ou para pedir ao santo de sua devoção pela obtenção de algo que ele julga possível alcançar somente pela intervenção de uma divindade.

Decerto que a relação entre o povoado de Frexeiras e a cidade de Garanhuns estava concentrada, de maneira especial, na expressividade da fé e da religiosidade presentes na imagem da Santa Quitéria de Frexeiras, cujo período de maior envolvimento se concentrava durante as festas em homenagem a santa milagrosa, que ocorriam anualmente na primeira semana de setembro, porém, não se restringia apenas ao período festivo, pois a significação religiosa da santa milagrosa estava presente de forma permanente na vida das pessoas, sendo o principal atrativo para as pessoas visitarem o santuário em momentos diversos daqueles destinados as festividades.

Por outro lado, o aumento do número de visitantes a Garanhuns decorrentes das melhorias no transporte proporcionadas pela ativação da linha férrea, também contribuiu para que o santuário de Frexeiras passasse a ter uma maior movimentação de romeiros em períodos não festivos, entretanto, notadamente durante as festas é que essa relação alcança maior importância e se revela mais efetiva, pois a festa da Santa Quitéria passa a ser o motivo para um maior volume de pessoas visitarem a cidade de Garanhuns, e isso foi possível apurar a partir do surgimento do interesse de estabelecimentos de hospedagens pelo público de romeiros, conforme comprovam os anúncios publicados em jornais do Recife que divulgavam os serviços de hospedagem do Hotel Motta, o qual à época foi o mais importante estabelecimento do ramo instalado em Garanhuns, conforme poderemos exemplificar adiante. Em um dos anúncios do ano de 1905, o jornal A Província (05 set. 1905, p. 1), publicou: "É no dia 7 do corrente a tradicional festa das Frexeiras em Garanhuns, procurai o hotel Motta."

No ano seguinte, mais um anúncio publicado no jornal A Província (28 ago. 1906, p. 1), informou: "Festa das Frexeiras em o Hotel Motta, digo, em Garanhuns, quem é que não aproveita 3 dias santos? Alerta rapaziada." O mesmo jornal a Província (30 ago. 1906, p. 1), divulgou outros dois anúncios: o primeiro dizia "...aí vem o que muita gente desejava: 3 dias santos, 7, 8 e 9 para uma excursão a Garanhuns e ao Hotel Motta."; enquanto que o segundo informava "O Hotel Motta em Garanhuns está prevenido para hospedar a grande romaria de todos os anos a Santa Quitéria que se venera ali." Mais um dos anúncios publicado pelo Jornal do Recife (04 set. 1908, p. 2), faz uma comparação da festa com as obras de melhoramentos do Porto do Recife, à época amplamente reivindicadas pelos comerciantes do Estado, indicando o quanto ambas eram desejadas. "Obras do Porto e os três dias Santos para um passeio ao importante Hotel Motta em Garanhuns são as coisas mais desejadas."

Por fim, é possível concluir que a relação de Frexeiras com Garanhuns ocorre em um primeiro momento por uma simples relação territorial e de economia doméstica, mas alcança maior relevância em razão dos aspectos relacionados a fé e a religiosidade das pessoas com o santuário, com a imagem da santa e com a Festa da Santa Quitéria.

Se tratando de uma festa e de um lugar que tanta importância alcançou nessa época e o quanto representou para a vida das pessoas da comunidade e de todos os romeiros que depositaram suas esperanças e fé na busca por graças e milagres, desperta o interesse em conhecer melhor como tudo teve início.

CONHEÇA MAIS SOBRE GARANHUNS

Instituições e empreendimentos que contribuíram para a formação humana e o desenvolvimento social em Garanhuns.

Foi também durante o recorte temporal pesquisado que em Garanhuns foram fundados e construídos diversos empreendimentos e instituições em saúde, educação e religiosas, que contribuíram com a forma de pensar e agir, enfim, com a formação intelectual, moral e religiosa das pessoas da época. Assim, ao seu tempo e com o peso da representatividade que cada uma delas teve sobre a comunidade local, influenciaram comportamentos sobre as escolhas religiosas, cuidados com a saúde, temas diversos sobre o cotidiano da comunidade, inclusive sobre as práticas festivas religiosas e demais formas de diversão e de entretenimento.

O surgimento de um relevante empreendimento hospitalar durante um período de escasso atendimento em saúde à população da cidade de Garanhuns e região.

Na década de 1920, quando a população padecia com um sistema de atendimento em saúde com baixa oferta de médicos e leitos hospitalares, em especial no interior do Estado onde a população sentia esses efeitos com maior intensidade, valioso registrar a construção do primeiro hospital particular de grande porte da cidade de Garanhuns, mas que também ofertava leitos para o atendimento de pessoas menos favorecidas, por meio de subvenção pelos poderes públicos. Fundado em 1929, foi nominado de Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns (IMCG), e posteriormente, no ano de 1937, recebeu a designação de Sanatório Tavares Correia (Diário de Pernambuco, 24 dez. 1933, p. 33; Diário de Pernambuco, 21 jul. 1937, p. 5).

Figura 15 – Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns.



Fonte: Iba Mendes Pesquisa.

Figura 16 – Sanatório Tavares Correia.



Fonte: IBGE.

Seu proprietário e fundador foi o médico José Alves Tavares Correia, "Dr. Tavares Correia", natural do município de São Brás – AL, o qual concluiu o curso na Escola de Medicina do Rio de Janeiro, e no ano de 1924 fixou residência e instalou um consultório médico na cidade de Garanhuns, onde alcançou reconhecimento e conceito atendendo pacientes da Suíça pernambucana e de toda a região, e lá permaneceu até o seu falecimento no ano de 1952 (Jornal do Recife, 14 ago. 1924, p. 4; Jornal do Recife, 16 ago. 1924, p. 3; Rêgo, 1987, p. 159).

Figura 17 – Sanatório Tavares Correia.



Fonte: IBGE.

No ano de 1929 fundou o Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns, cuja sede foi inaugurada no ano de 1931; o projeto das instalações teve a assinatura do engenheiro garanhense Ruber Van Der Linden, e foi executado pelo construtor português Manoel Fernandes; tendo sido projetado sob um plano geral de construção que seguia técnicas que permitiam que ampliações fossem realizadas sem alterar o traçado geral (Jornal do Recife, 01 jul. 1928, p. 5; Diário de Pernambuco, 24 dez. 1933, p. 33).

Publicações em jornais da época, informavam que o referido instituto médico era considerado o maior do interior do Estado, com estrutura equiparada as das casas de saúde da Capital pernambucana, inclusive, tem matéria que afirma que ele pode ter sido o mais completo estabelecimento médico-cirúrgico do interior dos estados do Norte (Jornal do Recife, 01 jul. 1928, p. 5; Jornal do Recife, 21 dez. 1928, p. 02; Jornal do Recife, 25 ago. 1929, p. 7; Diário de Pernambuco, 12 fev. 1932, p. 5). Conforme o historiador Alberto da Silva Rêgo (1987, p. 160): o Dr. Tavares Correia, "[...] em abril de 1934 dava início à publicação de um Boletim Médico, com edição quinzenal, contando com a colaboração de Eurico Lira, Lessa de Azevedo e outros."

Figura 18 – Propaganda do Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns. Diário de Pernambuco, 12 de fevereiro de 1932.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A estrutura física e material do instituto apresentava divisão em dois setores, um para doentes e outro para repouso, e entre estes a administração e o refeitório. A seção de doentes era composta de duas enfermarias, uma para homens e outra para mulheres, subvencionadas pelo governo do Estado e por prefeituras municipais; um pavilhão com dez quartos para doentes pensionistas; uma ampla e moderna sala para cirurgias; duas salas de curativos; sala de esterilização com estufa termo-elétrica e autoclave; seção de eletroterapia; aparelhos de raios ultra-violeta; necrotério; capela, entre outros; além de uma área destinada ao repouso, totalmente isolada da destinada aos doentes, com oito quartos; mais dois quartos para familiares de doentes vindos de localidades distantes; todos eles alocados em dois confortáveis bangalôs, com salas de visita e de estar, além de uma quadra de tênis; com localização em frente ao parque dos eucaliptos e afastada do centro da cidade. Já quanto a estrutura humana da casa de saúde, cabe destacar a presença do Dr. Tavares Correia e de seus assistentes, Dr. Lessa de Azevedo e Dr. Pontes de Lira (Jornal do Recife, 01 jul. 1928, p. 5; Diário De Pernambuco, 24 dez. 1933, p. 33).

Estabelecimentos educacionais que se consolidaram na história da cidade de Garanhuns.

Conforme Alfredo Leite Cavalcanti (1997, p. 245 – 252), a primeira escola mantida pelo poder público em Garanhuns, data de 1878, a cargo do professor Manoel Clemente da Costa Santos, a qual era exclusivamente para homens; já a primeira escola que atendeu ao público feminino, data de 1884, cuja educadora foi a professora Lílissa Silvina de Oliveira e Silva, casada com o Capitão Napoleão Marques Galvão; no ano de 1922, a região que pertencia a Garanhuns já contava com 11 escolas municipais e 8 estaduais, além das escolas particulares; e na gestão do prefeito Mário Sarmento Pereira de Lira (1930 – 1934), o número de escolas municipais foi elevado para 72 unidades, o que levou o gestor municipal a ficar conhecido como o Prefeito da Instrução.

Alguns dos colégios particulares tradicionais que hoje existem na cidade de Garanhuns, tiveram sua fundação durante o período desta pesquisa e, desde a origem, foram colégios confessionais, em sua maioria ligados à Igreja Católica, e fundados com a dupla missão de promover educação formal, aliada a profissão da fé cristã em suas respectivas doutrinas religiosas.

Conforme Urbano de Melo Filho Vitalino e Marcílio Lins Reinaux, o primeiro deles foi o Colégio XV de Novembro, ligado à Igreja Presbiteriana local, foi fundado no ano de 1900, através de um casal de missionários protestantes norte americano, George William Butler e Rena Butler. Inicialmente recebeu o nome de Escola Paroquial Evangélica de Garanhuns, passando ao nome atual em 09 de abril de 1908. Iniciou as atividades em uma estrutura improvisada ao lado do templo da Igreja Presbiteriana, e no final da década de 1920 passou a funcionar em sede própria (Vitalino e Reinaux, 1999, p. 71 - 75).

Figura 19 – Colégio XV de Novembro



Fonte: Iba Mendes Pesquisa.

O segundo, conforme José Eudes Alves Belo, foi o Colégio Santa Sofia, este ligado a Igreja Católica, fundado no ano de 1912, por irmãs religiosas da rede Damas da Instrução Cristã no Brasil, cuja rede já havia fundado um primeiro colégio no Recife, em 1896. Então, a convite do vigário da Paróquia Santo Antônio, monsenhor Afonso Pequeno, fundaram o referido colégio, o qual inicialmente atendia somente ao público feminino e voltava-se tanto para a formação geral de disciplinas quanto para a orientação das práticas, ritos e sacramentos da Igreja Católica Apóstolica Romana. Funcionou inicialmente em imóveis alugados e posteriormente foi instalado em um belíssimo prédio construído em um terreno doado pela Igreja Católica local, ao lado da catedral, no centro da cidade (Belo, 2019, p. 76 - 77).

Figura 20 – Colégio Santa Sofia



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928.

No ano de 1915, de acordo com Manoel Neto Teixeira, foi fundado o Colégio Diocesano de Garanhuns, pelo cônego Benigno Lira. Foi inicialmente nominado de Gymnasio de Garanhuns, e surgiu como uma opção para jovens do sexo masculino da elite garanhuesa, cujas famílias eram praticantes da Religião Católica, e que constituíam a maioria da população do Município. Durante muitos anos foi dirigido por padres, dos quais muitos também foram professores; tendo sido o primeiro diretor, o padre José Ferreira Antero. Durante longas décadas consistiu num estabelecimento exclusivo para jovens do sexo masculino, funcionava sob o regime de internato, e em razão da eficiência no ensino, aliada a uma organização fundada na ordem, disciplina, harmonia e respeito a hierarquia, alcançou conceito junto a comunidade, passando a receber jovens sob o regime de internato, vindos de vários estados do Nordeste. A princípio funcionou em um prédio localizado ao lado da Catedral e em outros imóveis do centro da cidade, até enfim, no ano de 1925, alcançar uma sede com estrutura ampla e adequada para o funcionamento (Teixeira, 2015, p. 37 - 38).

Figura 21 – Colégio Diocesano de Garanhuns (antigo Gymnasio de Garanhuns).



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928

A ORIGEM DA SANTA QUITÉRIA,
DO SANTUÁRIO DE FREXEIRAS E
DA FESTA DEDICADA À VIRGEM
MÁRTIR.

A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS



É sedutora a busca pelo princípio, pela origem, por uma história que retrate e justifique o surgimento de um personagem, de um evento ou de um elemento histórico. Quanto aos locais sagrados não é diferente, pois essa ideia da origem encanta, atrai e aguça a curiosidade. É o conhecido mito de origem, o qual, em geral, ao se tratar dos elementos relacionados com os santos do catolicismo, perceberemos que estará ligado ao surgimento dos milagres. Conforme afirma a historiadora Julita Scarano, “Os lugares de peregrinação, os santuários cristãos, surgiram quase sempre relacionados ao milagre, à proteção especial de Cristo, da Virgem e dos santos cuja vida era voltada a Deus e à prática da virtude.” (Scarano, 2004, p. 25).

Em relação à origem do santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, e respectivamente da festa em sua homenagem, o surgimento também está inserido no contexto dos milagres atribuídos a Santa Quitéria, porém, não é possível afirmar uma data, mas apenas sugerir um período provável de quando foi criado, conforme apresentaremos adiante.

2.1 A capelinha de Frexeiras: uma herança do catolicismo popular do período colonial.

A princípio cabe observar um relevante aspecto, pois tendo em vista se tratar de um santuário conservado sob os cuidados de particulares, portanto, não vinculado a diocese ou a paróquia local, não houve a preservação de documentos que retratem aspectos históricos relativos a organização, ao funcionamento e a evolução das festas, das romarias e da própria capela, assim, não existe disponível para pesquisa no local nenhum documento que relate ou conte a origem e a história do santuário.

Tão somente pode ser encontrado no vilarejo um livreto de autoria anônima, intitulado “A vida de Santa Quitéria”, que é comercializado em algumas lojas de produtos religiosos lá existentes, o qual apresenta uma versão resumida da vida da santa, algumas orações, e uma curta versão da história do povoado de Frexeiras e da chegada da imagem da santa na localidade. Conforme esse livreto, tudo inicia quando “No final do século XVII a família Correia da Rocha vem de Portugal tomar posses de terras que lhe foram cedidas pelo Rei D. Pedro II (filho de D. João IV e Dona Luísa de Gusmão), e em sua bagagem trouxeram consigo a imagem de Santa Quitéria”.

O que de concreto encontramos no santuário e que de alguma forma revela um pouco de sua história, primeiramente é o próprio casarão colonial; demais é a imagem da Santa Quitéria e o rico acervo iconográfico de ex-votos, composto de várias obras de arte da cultura popular nordestina, além de fotos, imagens, representações de partes de corpos esculpidas em madeira, barro ou gesso, etc., que retratam e divulgam a fé e a devoção dos romeiros a Santa Quitéria, cuja menção as suas existências foi reportada em matéria do jornal Diário de Pernambuco (02 out 1884, p. 2), a qual será analisada mais adiante em abordagem sobre os ex-votos.

Face ao que foi inicialmente relatado, resta trabalhar o resgate das memórias da festa da Santa Quitéria essencialmente através de documentos de publicações de jornais da época, ou que retratam o período, confrontando-os com a historiografia que registra as vivências do referido período. Nesse contexto, apresentaremos alguns relatos e algumas possíveis versões sobre o surgimento do santuário, donde extrairemos que algumas são perfeitamente factíveis, entretanto, outras delas são difundidas sob a forma de suposições e até lendas. O fato é que o santuário está localizado em terras pertencentes aos membros da família Guilherme da Rocha e vem sendo transferido entre seus descendentes há várias gerações, os quais o controlam até os dias atuais.

Inicialmente iremos expor uma versão apresentada no relatório de um curto documentário produzido pela estudante Juliana Karlla Paes Dias, o qual informa que:

Figura 22 – Capelinha com a imagem da Santa Quitéria.



Fonte: Iba Mendes Pesquisa.

O Santuário de Santa Quitéria em Frexeiras surgiu como canto de refúgio espiritual, para escravos e camponeses, que buscavam na fé o remédio para suas dores físicas e morais. Sua história gira em torno de relatos populares, que pregam seu surgimento por volta do ano de 1695, quando o patriarca da família Guilherme da Rocha veio de Portugal ao Brasil, trazendo consigo a imagem de Santa Quitéria, [...] (Dias, 2011, p. 11).

As versões mais fortemente difundidas sempre remontam aos meados ou final do século XVII ou início do XVIII. Algumas delas constam do resultado da pesquisa desenvolvida pela socióloga Cecília Loreto Mariz e pela antropóloga Marjo de Theije, publicada no artigo intitulado: “A santa do povo: o catolicismo dos leigos no santuário de Santa Quitéria”. No referido artigo, a primeira versão informa que no ano de 1664, teria vindo para o Brasil com sua família o médico português Benjamim Vaz Correia Rocha da Cruz Vilela, o qual aqui teria se estabelecido como fazendeiro em propriedade doada em sesmaria pela coroa portuguesa, cuja extensão incluía, entre outros municípios, o que hoje são os municípios de São João e Garanhuns. Então, membros dessa família, a qual seria ancestral dos Guilherme da Rocha, teria trazido consigo a imagem de Santa Quitéria e a mantido para adoração em sua residência, surgindo daí o início da devoção a Santa Quitéria e por consequência a origem do santuário (Mariz e Theije, 1991, p. 43).

Tal versão se revela historicamente incompatível, já que a história sobre o desenvolvimento dessa região, nesse período, aponta apenas para a doação de duas sesmarias, a primeira em 1658 (Sesmaria dos Aranhas) e a segunda em 1671 (Sesmaria dos Burgos), mas nenhuma delas doada ao Dr. Benjamim Vaz Rocha da Cruz Vilela (Cavalcanti, 1997, p. 29 – 31), inclusive, foi uma das observações apresentada pelas referidas pesquisadoras, na forma de nota, ao final do artigo acima referenciado.

Uma segunda versão, esta apresentada na forma de lenda, “diz que o Dr. Benjamim Vaz Correia Rocha da Cruz Vilela, o médico português, que teria chegado em 1664, trouxe nove filhas, uma delas Santa Quitéria.” (Mariz e Theije, 1991, p. 44).

Uma terceira versão descrita no mesmo artigo, indica que essa origem teria sido bem mais recente, nos fins do século XIX ou início do século XX, acerca da qual é dito que:

A mulher de um fazendeiro de café da região teria sonhado com Santa Quitéria e, como não a conhecia, teria pedido a alguém que foi à Europa saber se havia essa santa e em caso positivo trazer sua imagem. Depois de algum tempo, a imagem teria sido considerada milagrosa pela população local (Mariz e Theije, 1991, p. 44).

Quanto a essa terceira versão, parece ser pouco provável que tenha ocorrido no período de tempo indicado no artigo, pois já nos fins do século XIX, mais precisamente no ano de 1884, uma publicação do Diário de Pernambuco anunciava a festa que havia sido realizada naquele ano em homenagem a Santa Quitéria, fazendo menção de que se tratava de um evento tradicional e costumeiro, numa clara indicação de que a fama da festa da santa milagrosa já estava consolidada naquele período, portanto, já existiria há um tempo considerável, suficiente para ser reconhecida como uma festa de repercussão regional e que reunia em suas celebrações elementos que a tornava esplendorosa, conforme podemos verificar através da reprodução do trecho da publicação adiante:

Garanhuns – Em 26 do mês findo escrevem-nos o nosso correspondente a seguinte carta: Em sua capelinha nas Frexeiras teve lugar no dia 8 do corrente a tradicional festa da Gloriosa Santa Quitéria, com a pompa do costume e uma concorrência extraordinária. Quem há aí nesta província que uma ou outra vez não tenha ouvido falar na festa das Frexeiras? (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 2).

A última versão, constante de publicações do jornal Diário de Pernambuco, escritas em momentos distintos pelos jornalistas Waldimir Maia Leite, Luzanira Rêgo e Valdeluza D'Arce, conta que a imagem de Santa Quitéria foi trazida para Frexeiras por Severino Correia da Rocha, o primeiro proprietário da fazenda onde hoje está o santuário. Severino, que imigrou de Portugal para o Brasil em 1715 com seus irmãos, fixou residência em Frexeiras, na região de Garanhuns, enquanto os irmãos seguiram para Alagoas. Devoto de Santa Quitéria, trouxe consigo a imagem de santa protetora, a quem atribuiu seu sucesso na pecuária e no plantio de café; então construiu uma capela em sua fazenda onde colocou a referida imagem para adoração (Diário de Pernambuco, 02 set. 1976, p. A-20; Diário de Pernambuco, 18 set. 1977, p. B-01; Diário de Pernambuco, 07 jul. 1978, p. B-1).

Ali surgiram as histórias das primeiras curas miraculosas que se espalharam pela região e a imagem passou a atrair romeiros que buscavam o local para fazer e pagar promessas, depositando aos pés do altar da Santa Quitéria oferendas em forma de objetos de madeira e barro, além de joias, entre outros, o que levou o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras a se tornar, ao longo dos anos, um local de peregrinação intensa e cuja festa tradicional em homenagem a santa milagrosa atrai milhares de participantes anualmente.

No tocante a tradição, é valioso considerar que ela consiste no elemento definidor das práticas que se protraem no tempo, consubstanciada por memórias, crenças, comportamentos, símbolos, lendas, costumes e valores, os quais passam a integrar, dar significado e solidez a cultura de um povo e que se consolidam pela transmissão duradoura entre as gerações. De acordo com o sociólogo Anthony Giddens, “Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes.” (Giddens, 1991, p. 38).

Não obstante a relação do sagrado e do mundo das crenças haver sido mais intensa nas sociedades tradicionais do que nas modernas, diferentes festas e celebrações religiosas continuam fazendo parte das tradições das comunidades, enaltecem os elementos culturais das respectivas regiões, fortalecem a cultura e promovem uma imagem identitária do lugar. Assim, quando os devotos de Santa Quitéria retornam anualmente a Frexeiras e se apropriam dos espaços, inevitavelmente ressignifica-os, e nesse processo reinventam suas tradições, adaptando-as as novas circunstâncias evolutivas do tempo; e é desta forma que a festividade tem se mantido viva por gerações.

Apesar dos insuficientes registros que permitam datar o surgimento da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, ela possivelmente antecede o período pesquisado em tempo suficiente para haver se tornado um evento tradicional na região, pois assim sugerem os registros de publicações de jornais da época. Mas independente de uma data que estabeleça o marco da origem ou surgimento do santuário e da festa de Santa Quitéria de Frexeiras, é possível que suas existências ultrapassem dois séculos, tendo ao longo do período pesquisado atraído e envolvido milhares de pessoas na magia devocional típica do catolicismo popular, que alia a fé ao delírio prazeroso dos festejos culturais que se renovavam anualmente. E nesse retornar cíclico do romeiro a Frexeiras, para festejar, comemorar, homenagear, venerar, agradecer e pedir proteção a Santa Quitéria, a referida festa se tornou um evento tradicional que impacta sobre os espaços e as vidas das pessoas da comunidade e que encontrará abordagem mais profunda na continuidade desse trabalho.

Mas antes de aprofundar os estudos sobre as festividades em Frexeiras, vamos apresentar algumas breves informações, porém, de valiosa importância, sobre quem foi a Santa Quitéria e como se deu o surgimento dela em solo brasileiro, cuja origem é marcada por narrativas que agregam aspectos místicos e lendários.

2.2 – Santa Quitéria: um símbolo religioso de origem mística e lendária.

A presença de práticas religiosas na vida do homem está associada à sua existência. Iremos encontrar narrativas históricas que ligam as pessoas a religiosidade entre os egípcios e gregos, aborígenes e indígenas, que desde então vêm cruzando oceanos e percorrendo civilizações até alcançar o tempo presente. Ao longo da história a religiosidade se estabeleceu com divergências quanto a compreensão da verdade, e assim foram criadas diversas doutrinas, ramificações ou formas de crença, entretanto, algo tem sido compartilhado por todos, que é a confiança em forças que extrapolam a compreensão humana, que estão presentes no campo do sobrenatural, do incompreensível, no mundo do mistério.

As imagens no catolicismo surgem como expressão visual do simbolismo da fé, partindo da necessidade do homem de ver e sentir materializado seu objeto de crença. “As primeiras declarações sobre imagens datam do séc. IV, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano.” (Belting, 2010, p. 178).

A Igreja Católica que inicialmente se mantinha resistente a presença de imagens de culto, até como uma forma de se distinguir das religiões pagãs na antiguidade, enfim, compreende a força destas representações e inicia a reflexão sobre a possibilidade de aceitá-las em seus cultos, pois “A Igreja tinha de lidar com a necessidade dos recém-chegados de ter imagens que representassem o objeto de sua fé.” (Belting, 2010, p. 178). O uso de imagens preocupava o clero tendo em vista o risco de costumes pagãos invadirem, de forma indesejada, as práticas cristãs. Mas como não considerar as resistências daqueles que advindos de outras práticas e agora abraçavam o cristianismo? Já que eram incrédulos a uma fé com símbolos imateriais, não visíveis, não palpáveis.

Mas é somente no século VI que surgem notícias da primeira utilização de imagens religiosas pela igreja, mais precisamente quando algumas imagens votivas foram doadas pela família imperial à igreja de Blachernae. Então, quando já não era mais possível ignorar o culto às imagens, estas passaram a ser vistas como um instrumento pedagógico para ensinar a Escritura Sagrada àqueles mais ignorantes e iletrados, tornando-se essa a ideia oficial do uso de imagens na época pela Igreja Romana (Belting, 2010, p. 179).

O fato da igreja, mesmo que de forma mitigada, haver reconhecido as imagens como objeto de simbolismo da fé cristã, gerou expressivas discordâncias e disputas, refletidas em movimentos, como o dos iconoclastas no século VIII e da Reforma de Lutero (Reforma Protestante), no século XVI, cada um deles em seu contexto histórico, político e econômico contribuíram para a transformação dos dogmas da religião católica. Então, concílios, sínodos e incontáveis encontros aconteceram séculos adiante onde se discutiam a problemática sobre ser ou não ser possível a materialização do divino (Belting, 2010, p. 179 - 186).

Enfim, através da reunião de teólogos no Concílio de Trento (1545 – 1563), ficaram redefinidas as teorias que o catolicismo moderno deveria seguir. Também denominado de Concílio da Contrarreforma, foi convocado pelo Papa Paulo III, com a finalidade de garantir a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, mas também como uma ação para obstar à divisão então vivida na Europa devido a Reforma Protestante proposta por Martinho Lutero. Foi através desse Concílio que a Igreja Católica estabeleceu regras esclarecedoras quanto as condições a serem aplicadas às imagens, às relíquias e a todas as edificações religiosas, as quais perduram e são aplicadas até o tempo presente (Besen, 2016, p. 279 - 294).

Na sessão XXV do documento que resultou do Concílio de Trento, ficaram definidas normas quanto a invocação dos santos, honra das relíquias e o uso das imagens, cuja função de instruir aos fiéis caberia a todos os Bispos e demais pessoas que recebessem da Igreja a missão de ensinar e instruir. Do conteúdo do decreto consta que deve ser ensinado aos fiéis que será bom e útil invocar aos santos por socorro e auxílio, através de súplicas e orações, para obter os benefícios que devem ser pedidos a Deus, pois “os Santos reinam juntamente com Cristo e oferecem a Deus suas orações pelos homens.” Já em relação as imagens, o decreto determina que àquelas que representam o Cristo, a Santíssima Virgem e os demais santos, devem ser conservadas nos templos, e a elas devem ser tributadas a devida honra e veneração, esclarecendo que a veneração não deverá se dar em razão dos elementos iconográficos expostos, mas em razão dos protótipos que eles representam, ou seja, a adoração deverá ser dirigida ao Cristo ou ao santo representado na imagem. Por fim, determina que os bispos devem utilizar as narrações dos mistérios da redenção cristã, os quadros, as pinturas e outras figuras, com a finalidade promover a educação do povo no sentido de preservar a memória e venerar os artigos da fé (Concílio, 1563).

As imagens do catolicismo são criações humanas que partem do contexto cultural de um determinado tempo histórico, representam símbolos religiosos que transmitem mensagens sobre uma determinada devoção. Para compreensão desse sentido é preciso conhecer o contexto histórico, a circunstância e a cultura do tempo e do local onde a personagem representativa da imagem foi originada.

ICONOCLASTAS: conhecidos como os quebradores de imagens – “eram contra o culto dos ícones, por isso favoreceram a explicação doutrinária pelo discurso” (Lupi, 2001, p. 150).

SÍNODOS: instituídos pelo Papa Paulo VI, ao final do Concílio Vaticano II, no ano de 1965, são assembleias periódicas de bispos representantes das diversas partes do mundo, que convocadas pelo Papa se reúnem para discutir sobre assuntos relevantes para a Igreja, e ao final apresentam proposições ao Papa que serão transformadas em um documento identificado como “exortação pós-sinodal”. O objetivo é promover um processo participativo onde toda a Igreja esteja envolvida em torno de um assunto relevante, e dessa forma obter contribuições que auxiliem o Papa a governar a Igreja (Valentini, 2008).

Diante disso, cumpre-nos o desafio de bem fazer a leitura para interpretar e compreender as cargas culturais que foram se acumulando num processo de construção e reconstrução ao longo do tempo, processo esse que será a missão a ser cumprida após essa breve, mas necessária introdução. Assim, nos próximos parágrafos adentraremos na busca pelo conhecimento da significação católica acerca de Santa Quitéria, a santa que veio de terras estrangeiras e aportou em Frexeiras.

As narrativas sobre a origem de Santa Quitéria têm sido atribuídas a países como França, Espanha e Portugal, entretanto, uma pesquisa desenvolvida por Luís Alberto Casimiro, em trabalho intitulado “Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho”, sobre a qual serão baseados os relatos adiante, apresenta algumas biografias que dão uma maior indicação de que o seu nascimento se deu em terras portuguesas, não obstante, tais relatos apresentarem muita semelhança com os demais hagiológicos.

Em razão desses motivos, aliado ao fato de que todos os elementos até então vistos indicam que a imagem da capelinha de Frexeiras também foi trazida de Portugal, concentraremos nossa atenção nas narrativas que sinalizam a origem da santa milagrosa em terra lusitana. As principais narrativas apresentadas por Luís Alberto Casimiro, encontram suporte nas obras “Agiológico Lusitano”, de Jorge Cardoso, publicada em 2002 (edição fac-similada do original de 1666), e “Vida, e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigiosa Santa Quitéria, sereníssima Infante de Portugal, no Monte de Pompeyro”, produzida por Frei Bento da Ascensão, publicada no ano de 1722; sendo esta última uma das mais importantes fontes sobre a vida da jovem santa.

HAGIOLÓGIO

1 - Conforme o Vocabulário Portuguez e Latino: Agiologio - derivado do Grego Agios, santo, e logos, discurso, o mesmo que discurso sobre a vida, e virtudes dos Santos. Jorge Cardoso intitulou o livro, que compôs das vidas dos santos e dos que morreram com opinião de santidade em Portugal, Agiologio Lusitano (Bluteau, 1712, p. 169).

2 - De acordo com o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa, palavra com grafia atualizada: hagiológico - s. m. Tratado sobre a vida dos santos (Ferreira, 2004, p. 1020).

Figura 23 – Santa Quitéria e suas oito irmãs. Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras.



Fonte: Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, vol. 27, 2010.

Ambas as literaturas assemelham-se nas narrativas, de onde se pode extrair que o nascimento de Santa Quitéria ocorreu na região então conhecida como Bracara-Augusta, atual cidade de Braga; foi filha de Lúcio Caio Atílio Severo, governador da província e de Cácia Lúcia Severo; casal pagão e oriundo de famílias nobres, mas que ficaram muitos anos sem ter descendentes, porém, ao Cácia engravidar, concebeu nove irmãs de parto único, ocorrido durante um período que o esposo se encontrava ausente, acompanhando o Imperador Adriano em viagem pela Península (Casimiro, 2010, p. 146).

O parto foi encarado por Cácia como um mau presságio, que temendo uma indignação do esposo, tramou matar as filhas, entregando-as a Cita – criada da família, para que esta as afogasse no rio. Porém, Cita sendo uma cristã oculta, descumpriu a determinação e entregou as crianças ao arcebispo de Braga, o qual as batizou pelos nomes de Quitéria, Eufémia, Germana, Liberata (ou Librada), Vitória, Basília, Marinha, Genebra e Marciana, tendo entregado-as a diversas famílias cristãs para serem educadas na religião cristã (Casimiro, 2010, p. 146). A figura ao lado, representa essa passagem, com as irmãs de Santa Quitéria ao seu entorno.

Em razão de uma perseguição aos cristãos por todo o Império Romano, promovida pelo imperador Adriano, o governador Lúcio Caio ordenou a prisão daqueles cristãos que estivessem em seus domínios, quando então, Quitéria e suas irmãs também foram presas e o pai descobre sobre a existência das filhas, propondo que as mesmas renunciassem ao cristianismo e casassem com jovens ricos e nobres que lhes seriam oferecidos, porém elas haviam feito votos de castidade e se consagrado ao Senhor, em gratidão por terem nascido de um milagroso parto e terem sido livradas da morte que a mãe as havia condenado, então recusaram às propostas do pai por considerarem contrárias à vontade de Deus e fugiram se espalhando por diversas regiões mundo afora. Essa passagem está representada iconograficamente em outra imagem na qual a Santa Quitéria segura um pergaminho com a inscrição “O meu esposo é Jesus” (Casimiro, 2010, p. 147-148).

O fato da Santa Quitéria haver recusado a proposta do pai, causou-lhe tamanha indignação e fúria, que ele autorizou a Germano, o jovem a quem Quitéria havia sido prometida, para que acompanhado de vários soldados, partisse em captura da filha com ordens para matá-la, cortando sua cabeça. Antes de ser capturada, a jovem Quitéria, sabendo ser perseguida, teria se escondido no oco do tronco de uma árvore, tendo pedido a um pastor das redondezas, que a tinha visto, para que não a denunciase, porém, o pastor ao ser inquirido por Germano afirmou não ter visto ninguém, mas por meio de gestos apontou para onde se refugiava Santa Quitéria.

Figura 25 – Santa Quitéria. Sorihuela del Guadalimar (Espanha).



Fonte: Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, vol. 27, 2010.

Figura 24 – Santa Quitéria com o pergaminho. Capela 6 do Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras.



Fonte: Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, vol. 27, 2010.

Durante esse episódio, reza a lenda que o pastor que a denunciou foi mordido por seus cães que haviam ficado raivosos após Santa Quitéria haver sido encontrada, ele então, muito ferido, ajoelhou-se diante da jovem prestes a ser martirizada, a qual o perdoou mandando lavar as feridas com água de uma fonte que ela fez brotar no local. Essa é a razão dela ser invocada como advogada contra a raiva, e também explica a iconografia ao lado na qual existe a presença de um ou mais cães aos seus pés (Casimiro, 2010, p. 145).

Ao ser capturada, o próprio Germano, na manhã do dia 22 de maio do ano de 135, tomou a espada e promoveu a decapitação de Santa Quitéria, que, assim, se tornou a primeira mártir em terra que depois viria a ser portuguesa. Ainda segundo a tradição, brotou uma fonte no local do martírio, e os soldados e o próprio Germano ficaram cegos após a decapitação. Reza a lenda, que após Santa Quitéria ser decapitada, teria caminhado levando a cabeça nas mãos, de Pombeiro da Beira até o lugar onde queria ser enterrada, atualmente Felgueiras, no norte de Portugal (Casimiro, 2010, p. 150). Sendo a passagem representada pela iconografia adiante (figura 26).

Figura 26 – Santa Quitéria martirizada segurando a cabeça. Capela 8 do Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras.



Fonte: Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, vol. 27, 2010.

Verifica-se que a iconografia marca as passagens da vida de Santa Quitéria pelo martírio. Abaixo, podemos ver mais uma imagem na qual ela é representada com a palma que a identifica como mártir, ou com um ramo de açucenas, sinal da sua pureza; um livro aludindo a Sagrada Escritura e uma coroa de rosas, que simboliza a sua glória (Casimiro, 2010, p. 157).

As notícias dos primeiros milagres atribuídos a Santa Quitéria são datadas do século VII, conforme indica a Bibliotheca Sanctorum, os quais coincidem com o período quando ela começou a ser venerada como mártir. Já o seu martírio foi referido pela primeira vez no século XII, no Martirológio de São Severo (Casimiro, 2010, p. 144).

O culto a Santa Quitéria é encontrado em vários locais pelo mundo. Casimiro (2010, p. 153–154) destaca que o principal centro de culto está na região da Aquitânia, França, especificamente em Aire-sur-l'Adour, um patrimônio mundial da Unesco e rota dos “Caminhos de Santiago”. Outros locais de veneração na França incluem Bordéus, Tours, Marselha e a diocese de Rouen, na Normandia. Na Espanha, Santa Quitéria é cultuada em Sigüenza, Zaragoza, Tarragona, Palencia, Toledo, Aragão, Palma de Maiorca, Alcázar de San Juan e Sorihuela del Guadalimar.

Em Portugal, afirma Casimiro (2010, p. 154 – 155), que apesar da veneração a Santa Quitéria ser de menor expressão quando comparado aos demais santos, o culto a ela está difundido por diversos locais do país, até mesmo em regiões autônomas.

Entre esses locais estão as dioceses de Évora, Coimbra, Braga, São Roque, Portalegre e Porto. São encontradas capelas com o nome de Santa Quitéria em várias freguesias, a exemplo de Curral das Freiras, Calheta e Madalena do Mar; a jovem mártir também é a padroeira da paróquia de Boaventura, no Funchal, igreja histórica construída em 1731. Também são realizadas celebrações anuais em Silveirinho (Penacova), em Quintães (Barcelos), em Ferrel, e em Meca (freguesia do município de Alenquer). Tem ainda uma capela de Santa Quitéria, numa antiga sinagoga na Vila Nova de Foz Côa.

Por fim, é imprescindível citar o Santuário de Santa Quitéria no antigo monte Pombeiro, em Felgueiras, pois ali está fincando o monumento que melhor reproduz toda a sua glória, com uma iconografia que transmite aos fiéis oito passagens da vida da Santa Quitéria, desde o nascimento até o martírio, representados por meio de encenações iconográficas distribuídas em oito capelas dispostas ao longo do monte e unidas entre si por um caminho de terra batida, íngreme e sinuoso que inicia próximo a povoação e finda diante da escadaria do Santuário (Casimiro, 2010, p. 155).

Figura 27 – Santa Quitéria. Santuário de Santa Quitéria, Felgueiras.



Fonte: Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias, vol. 27, 2010.

A vida gloriosa da Santa Quitéria, a qual é feita alusão através dos oito passos referidos, se torna motivo de recordação frequente nas publicações dos jornais que servem de fontes para o presente trabalho, quando são feitas menções a santa e a sua festa em Frexeiras, a tratando como a gloriosa ou a ínclita Santa Quitéria.

No Brasil, por influência de Portugal, em especial através da ação dos jesuítas e dos colonizadores portugueses, os locais de veneração a Santa Quitéria se espalharam por todo o território, dentre os quais muitos ainda conservam considerável apreço e culto a virgem mártir. Podemos fazer referência a alguns exemplos, como a cidade de Santa Quitéria, no Ceará, onde além dela ser a padroeira da cidade, empresta o nome ao próprio Município, o qual teve sua fundação no ano de 1856; outra cidade que também recebe o nome de Santa Quitéria está localizada no Estado do Maranhão; valioso mencionar também a paróquia de Santa Quitéria, em Curitiba (Casimiro, 2010, p. 154). O Município de Esmeraldas - MG, é outra localidade que acolhe Santa Quitéria como a padroeira da cidade (Esmeraldas, 2023). Em Minas Gerais ainda encontramos à santa mártir bracarense nas cidades de: Diamantina, Catas Altas, Ouro Preto e Congonhas (Dias, 2018, p. 67).

Outros locais de devoção também são encontrados nos estados do Paraná, Rio de Janeiro, Maranhão, Ceará, e Minas Gerais, além de Pernambuco (Dias, 2018, p. 66). Neste último Estado, destacamos o povoado de Frexeiras, vilarejo onde está localizado o santuário da Santa Quitéria, cujos festejos em devoção à santa ultrapassam dois séculos, e a quem têm sido atribuídos milhares de curas e milagres ao longo desses anos, tendo se tornado um local de permanente romaria, onde estão depositados milhares de ex-votos, e onde é realizada uma grandiosa festa anual, consistindo na inspiração e no objeto do presente trabalho de pesquisa.

A capelinha do santuário abriga a centenária imagem da santa milagrosa, a qual fica exposta aos visitantes, adornada por volumosa quantidade de aparentes joias, consistentes em colares, correntes e medalhas, que fazem parte do rico acervo de ex-votos lá existente, e que foram ofertados pelos fiéis, durante as visitas ao local ao longo dos anos, como forma de agradecimento pelos milagres alcançados.

Quanto as datas das celebrações festivas, elas ocorrem em dias e meses diferentes em vários lugares do mundo, a depender da localidade. Na paróquia de Boaventura, no Funchal, as festas são realizadas no quarto domingo do mês de maio; já em Meca (freguesia do município de Alenquer) é realizada uma romaria anual no primeiro domingo depois do dia 22 de maio; na arquidiocese de Braga, acontece no dia 8 de junho (Casimiro, 2010, p. 143 – 162). Em Santa Quitéria, no Ceará, a celebração ocorre no dia 22 de maio, onde inclusive é feriado municipal (Legais, 2015). Nessa mesma data acontecem às festas de Santa Quitéria das cidades de Esmeraldas (Esmeraldas, 2023), e de Congonhas (Congonhas, 2022).

Figura 28 – Imagem de Santa Quitéria de Frexeiras



Fonte: Blog do Roberto Almeida, 2023.

Outros inúmeros lugares a homenageiam no mês de novembro, a exemplo de Pombeiro da Beira, no Concelho de Arganil, cuja festa anual celebra Santa Quitéria no dia 1º de novembro; em Rodrigo Silva, distrito de Ouro Preto, não existe uma data fixa, ela é celebrada no último domingo de agosto ou no último domingo de setembro, conforme permitam as condições meteorológicas (Dias, 2018, p. 61-79).

Enfim, em Frexeiras os registros encontrados indicam que as festas comemorativas têm sido realizadas na primeira semana do mês de setembro, com a abertura das festividades ocorrendo no dia 31 de agosto e o encerramento nos dias 07, 08 ou 09 de setembro.

Essa é a história de Santa Quitéria que foi necessário retratar, uma jovem donzela que consagrou sua vida a Jesus Cristo, sendo esta a principal motivação do seu martírio. Apesar de não se encontrar entre as santas mais populares e conhecidas, as narrativas de sua origem, inclusive com alguns eventos de conteúdo lendário, a coloca em disputa entre as nacionalidades da Espanha, França e Portugal. No contexto histórico, foi através dos imigrantes lusitanos, em especial dos jesuítas, que o seu ingresso aconteceu em terras brasileiras, onde ocupou espaço na crença, fé e religiosidade das pessoas de várias regiões do país, tendo produzido marcas na memória dos que a veneram, as quais vem sendo por gerações, reavivadas e ressignificadas através das recorrentes celebrações em sua honra.

A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS

Capítulo

A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS: DINÂMICAS, MÍSTICA E DISPUTAS.

A FESTA DE SANTA QUITÉRIA DE FREXEIRAS



A tradicional Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, verificada no recorte temporal pesquisado, era um evento típico da religiosidade popular, que se destacava pela fusão de rituais próprios do catolicismo romanizado, com as manifestações sagradas e profanas típicas do catolicismo popular ou leigo, além das manifestações de agradecimentos dos romeiros expressadas pela entrega dos ex-votos. As celebrações aconteciam durante a primeira semana do mês de setembro, com os visitantes ocupando a única rua que formava o pacato povoado de Frexeiras, promovendo a transformação transitória dos espaços, da rotina e da própria vida das pessoas que lá habitavam.

Importante ressaltar que ao tratar de religiosidade popular, o conceito adotado foi o construído por Raimundo Heraldo Maués, que parte da compreensão de que o catolicismo popular não está associado a uma religiosidade de classes populares, mas àquelas práticas que se contrapõem ou que não se associam ao catolicismo hierarquizado ou romanizado, entretanto, são práticas e elementos considerados sagrados que não seguem um protocolo romanizado, mas que são adotados por aqueles que as praticam independentemente das classes e condições sociais nas quais estejam inseridas, inclusive, aceitas por membros do clero, enfim, são o conjunto de práticas socialmente reconhecidas como católicas, que são partilhadas sobretudo por aqueles que não são especialistas no conhecimento do sagrado, sendo eles pertencentes as classes dominantes ou não dominantes (Maués, 1987, p. 38).

IMPORTANTES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CATOLICISMO ROMANIZADO.

A romanização do catolicismo pode ser compreendida como um processo que foi desencadeado por meio das reformas promovidas pela Igreja Católica, com o intuito de reorganizar suas estruturas e o seu corpo eclesial, tornando-a homogênea e centralizada. “A instituição seria rigidamente hierarquizada e verticalmente integrada desde suas bases até a Santa Sé.” (Marin, 2001, p. 152). Dentro desse processo, buscava “retomar as determinações tridentinas, sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades”. (Gomes, apud Abreu, 1999, p. 350). As determinações tridentinas foram normas advindas do Concílio de Trento, cuja destinação essencial foi promover a reestruturação da Igreja Católica a partir de meados do século XVI.

O marco do processo de romanização se deu a partir do Concílio de Trento (1545 – 1563), também denominado de Concílio da Contrarreforma, onde ficaram redefinidas as teorias que o catolicismo moderno deveria seguir. Tal concílio partiu da convocação do Papa João III, e teve como finalidade estabelecer a unidade da fé e a disciplina eclesiástica, visando estagnar o processo de divisão que ocorria na Europa decorrente da reforma protestante dirigida por Martinho Lutero (Besen, 2016, p. 279 - 294).

Os concílios são assembleias ou reuniões de autoridades da Igreja, onde são discutidas questões pastorais, de doutrina, fé e costumes. São convocados de tempo em tempo conforme a necessidade de reforma, renovação ou para manifestar de forma mais clara a doutrina cristã.

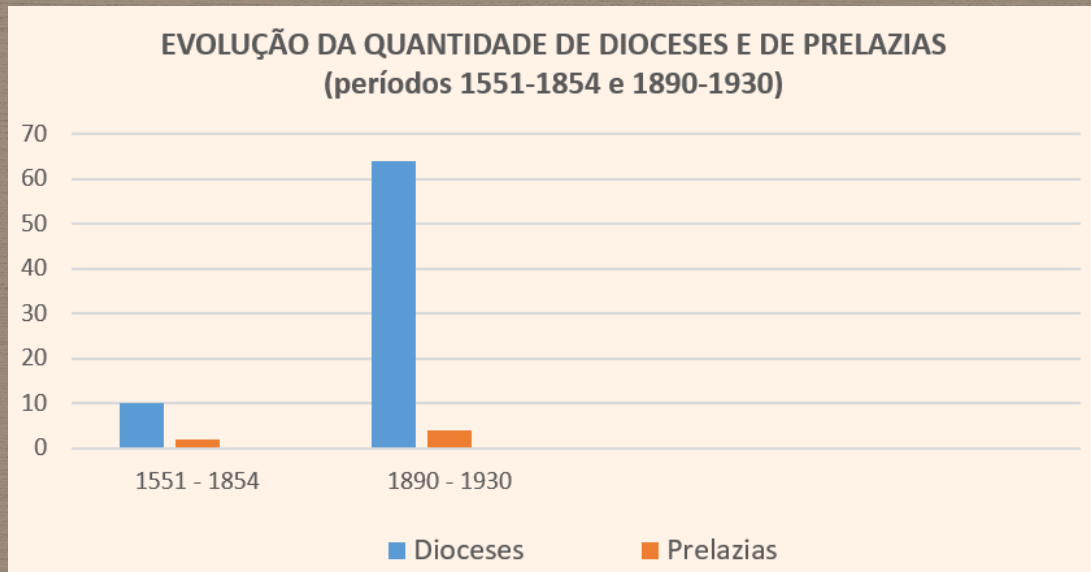
No Brasil, o processo de romanização teve início a partir da segunda metade do século XIX, tendo se consolidado com o predomínio das políticas e das práticas pastorais romanizadoras durante a primeira metade do século XX. O fato é que durante o Império os bispos tiveram dificuldades em avançar com o catolicismo romanizado, pois a igreja vivia sob o regime de padroado, porém, com o advento da República, a separação entre a Igreja e o Estado propiciou a liberdade de ação necessária para a implementação de várias medidas político-institucionais previstas pelo movimento reformador que viabilizaram conquistar os objetivos pastorais e políticos em relação a sociedade civil e ao Estado, alcançando um nível considerável de homogeneidade de ação pastoral e disciplina hierárquica de abrangência nacional (Marin, 2013, p. 35 – 36).

Para fins de esclarecimento, o padroado consistiu na condição negociada entre o Império e a Igreja e vigente durante o período imperial, pela qual o imperador acumulava os direitos políticos de realeza e o título de grão-mestre das ordens religiosas, assim, exercia ao mesmo tempo o governo civil e o religioso. Portanto, na condição de administrador do governo religioso, promovia a arrecadação dos dízimos, nomeava os ocupantes dos governos das dioceses e das paróquias, tinha a responsabilidade de zelar pela construção e conservação dos edifícios de culto, remunerava o clero e promovia a expansão da fé cristã. (Azzi, 1977, p. 163). Grão-mestre consistia na função de chefe superior da ordem religiosa.

As medidas implementadas pela reforma, visavam a organização de uma estrutura que fosse ao mesmo tempo eclesial, administrativa e política. A paróquia passou a ter o padre como o centro de referência, que era o orientador espiritual e coordenador das atividades administrativas no âmbito do seu território, o qual se subordinava ao bispo no âmbito da diocese, e todos se subordinavam a Roma, estabelecendo-se uma estrutura de hierarquia em pirâmide. Nessa estrutura todas as organizações laicas foram chamadas a trabalhar em favor da causa da Igreja Católica na condição de leigos, portanto, subordinados ao comando do clero. (Marin, 2013, p. 23).

A expansão da estrutura da Igreja Católica, após a concreta implementação do processo de romanização ocorrido no Brasil no pós-império, pode ser constatada através dos números apresentados na tabela a seguir, cuja elaboração se deu a partir dos dados extraídos do livro “Questões de religiões: teorias e metodologias”, organizado pelo historiador Jérri Roberto Marin, que demonstram a crescente evolução das dioceses e prelazias no respectivo período

Gráfico 01: Comparativo da evolução da quantidade de dioceses e prelazias fundadas nos períodos 1551 a 1854 e 1890 e 1931.



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados extraídos de (MARIN, 2013, p. 25).

A romanização foi um processo que contribuiu de forma decisiva para o avanço do serviço de evangelização, através da organização hierárquica e da uniformização de práticas e rituais, em consonância com as normas estabelecidas pela Sé Apóstolica. Não é possível afirmar que tenha alcançado homogeneidade plena, pois considerando as peculiaridades e a diversidade cultural, de raças e costumes sob a qual estava constituída a população sobre o imenso território nacional, a depender da localidade, teve maior ou menor abrangência, porém, é inegável que a penetração e o avanço da Igreja Católica, implementando as práticas romanizadas, em especial a partir da separação do Estado promovida pela Carta Magna de 1891, bem como, a conseqüente ligação direta e mais intensa com a Sé Romana, proporcionou um maior e mais consistente crescimento do catolicismo romanizado no território brasileiro.

Acerca dessas transformações ocorridas no catolicismo no Brasil, se faz imperioso apresentar as reflexões de Beozzo (1977, p. 743), segundo o autor, principalmente no período 1880 – 1920:

[...] rompe-se o equilíbrio entre o abasileiramento do catolicismo pela sua convivência com a senzala e com o índio, pelo cruzamento de tradições reinóis e da terra, catolicismo mestiço e barroco, convivendo com reisados e congadas, com irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos pretos e São Benedito e a sua “europeização” embutida na luta por um catolicismo mais “puro”, mais “branco”, mais ortodoxo, mais próximo de Roma. Dizemos que o equilíbrio se rompeu pois um dos dois catolicismos passa a ser considerado ilegítimo e supersticioso, um mal a ser extirpado, enquanto o outro impõe-se como o único legítimo e reconhecido pela hierarquia da Igreja.

Conforme será observado adiante, essas mudanças sobre as práticas católicas, com impactos no controle das organizações laicas, produziram com o seu avançar, impactos relevantes sobre os locais e a forma de culto do catolicismo popular, inclusive, sobre o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.

De acordo com José Cláudio Alves de Oliveira, as festas surgiram muitas vezes como um espaço de encontro da população e elas foram comuns no Brasil colônia. Eram manifestações em geral de origem europeia, inicialmente possuíam fundo religioso, mas foram usadas também para a representação política e tornavam-se, enfim, num espaço de socialização, lazer e entretenimento (Oliveira, 2017, p. 51).

Nas palavras da historiadora Mary Lucy Del Priore, as festas representam uma expressão teatral organizada pela sociedade, além de também expressar fatos políticos, religiosos ou simbólicos. É através das festas que as pessoas liberam energias e sentimentos reprimidos, angústias, paixões e prazeres, pois buscam na alegria da festa ajuda para suportar o trabalho, o perigo e a exploração a que são submetidos em suas rotinas pela sobrevivência, mas também são locais de manifestações de violências, ao tempo que, servem para reforçar laços de solidariedade ao envolver a comunidade para contribuir com a sua realização e dela participar (Del Priore, 1994, p. 10).

Segundo Doralice Sátyro Maia e Nirvana Lígia Albino Rafael Sá, as festas podem ser compreendidas como fenômenos sociais, costumam ter regramento e lógica própria no tocante as cerimônias, aos rituais e as celebrações que a integram, e conseqüentemente constroem a tradição da cidade, vila ou povoado, passando a funcionar como uma forma de identidade do evento e do lugar onde ela acontece. Desde o período colonial que festas de padroeiras e santos são celebradas e integram o calendário local como forma de homenagem ao santo do lugar. No geral são eventos que unem manifestações religiosas e profanas, mas também, em alguns casos, as cívicas (Maia; Sá, 2008, p. 18-19).

A festa em homenagem a Santa Quitéria de Frexeiras do período pesquisado, representava um caso típico do catolicismo popular na forma do conceito construído por Raimundo Heraldito Maués, onde verificava-se as práticas religiosas populares, com celebrações festivas de cunho religioso em ambiente não controlado pela igreja, mas, em alguns momentos, compactuados ou aceitos por membros do clero, inclusive, com a prática de celebrações romanizadas nos espaços do santuário de Frexeiras.

No contexto dos locais onde ocorrem as festas religiosas, passemos a destacar o papel de influência que elas exercem sobre os espaços das comunidades, promovendo mudanças, ora permanentes, ora efêmeras, mas que alteram o tempo e a relação do homem com os elementos visuais e com os espaços de uso, convivência e sociabilidade, buscando criar um lugar único, acolhedor e prazeroso para aqueles que desfrutarão dos momentos festivos, seja das cerimônias e rituais religiosos ou apenas dos eventos profanos, ou de ambos.

3.1 – As festas religiosas transformando os espaços para a promoção da devoção e do divertimento.

As festas religiosas têm essa capacidade de representar mudança, modificar o espaço, promover impactos no tempo e na vida das comunidades, moldando-os para transformá-los em lugares únicos e exclusivos. Luis Boada nos lembra que o espaço pode ser humanizado, transformado num lugar diferenciado do restante, bastando que para tanto ali sejam realizados ritos que cumpram com essa missão, o que pode muito bem ser realizado através das festas religiosas (Boada, 1991, p. 88).

As festas populares de rua impõem às cidades transformações provisórias e necessárias sobre o ambiente para a vivência de momentos extra rotina. É na utilização do espaço público, de maneira excepcionalmente modificado e destinado aos momentos de lazer e sociabilidade das pessoas, que os comportamentos individuais e coletivos encontrarão descontração e intimidade em cada recanto da urbe. Assim, os espaços que outrora significavam apenas locais de passagem e circulação rotineira, presos as regras de trânsito e normas de conduta do cotidiano, se tornam espaços de lazer e diversão.

A realização da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras ocorria durante a primeira semana do mês de setembro, onde diariamente os visitantes ocupavam a única rua que formava o pacato povoado de Frexeiras, alterando de forma transitória o espaço, a rotina e a própria vida das pessoas que lá habitavam. Mesmo que não fossem realizadas melhorias significativas ou estruturantes, ocorriam alterações que promoviam a aparente sensação de embelezamento e acolhimento aos que lá visitavam e prestigiavam o evento. Sob a ótica de Emilio Carlos Rodriguez Lopez, os festejos públicos promovem verdadeiras ressignificações dos espaços urbanos (Lopes apud Santos, 2011, p. 41 – 42).

É de valiosa importância a reflexão sobre as modificações que as festas produzem sobre os espaços, pois é partir dessas transformações que os visitantes encontram o acolhimento para as práticas lúdicas, afinal, conforme discorre Michel de Certeau (1998, p. 169 – 217), “o espaço é o lugar praticado”, portanto, as manifestações e práticas humanas é que dão sentido aos espaços.

Cumprido destacar que o início do período histórico pesquisado é marcado pela ausência de eventos festivos em suas mais diversas formas na cidade de Garanhuns e região, assim, por não existirem festas significativas onde as famílias pudessem se divertir, as comemorações religiosas se tornavam as principais formas de encontro e divertimento das famílias. Afirma Alfredo Leite Cavalcanti, que:

[...] sobre os costumes dos antigos habitantes de Garanhuns, chega-se à conclusão da quase inexistência de diversões, visto que somente aos domingos, ou dias santificados, durante as visitas entre famílias, estas se divertiam, ouvindo “cantadores de histórias”, leitura de romances de cavalaria, especialmente “história do Imperador Carlos Magno”, os violeiros cantadores e repentistas, convidados para esse fim” (Cavalcanti, 1997, p. 225).

Somente a partir de 1887, quando foi criada uma banda de música para a inauguração da estrada de ferro, cujo trecho chegava a Garanhuns, é que os hábitos foram aos poucos se modificando, a princípio com a população assistindo apresentações da referida banda; logo após músicos da mesma banda iniciaram a realização de passeios com a execução de valsas pelas ruas da cidade, os quais passaram a ser acompanhados por moradores; e mais adiante, com o aumento de pessoas visitando a cidade, vindas principalmente de Recife ou de Maceió, em razão da facilidade de acesso proporcionada pela linha férrea, é que foram adotados, a princípio os saraus, e posteriormente os bailes (Cavalcanti, 1997, p. 225-226).

Considerando que o início do período se caracterizava pela oferta de raros espaços para socialização e divertimento, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras representou uma importância mais significativa para o entretenimento da comunidade garanhuense, porém, com o passar do tempo, manteve sua relevância, permanecendo um evento especial tanto para os moradores quanto para os visitantes do vilarejo. Sempre foi digna de grandes esforços para criar um ambiente adequado e significativo, capaz de atender às expectativas tanto sagradas quanto profanas dos que a prestigiavam. A festa não apenas conservou a tradição, mas também enriqueceu a vida cultural e social da comunidade, celebrando suas raízes e oferecendo uma experiência memorável em cada edição.

Afirma a historiadora Carla Simone Chamon, em suas análises sobre os festejos cívicos oitocentistas em Minas, que:

[...] toda festa, se sustenta pelo seu encantamento. Sem sombra de dúvida, o que primeiro se sobressai numa comemoração festiva é a sua beleza, o seu poder de encantar e seduzir, tanto a quem participa (como ator ou espectador), como a quem dela toma conhecimento indiretamente, por relatos escritos ou orais. (Chamon, 1998, p. 194 apud Santos, 2018, p. 130):

Não obstante o registro da modéstia e simplicidade do vilarejo de Frexeiras, as comemorações festivas demandavam que modificações fossem realizadas nos espaços físicos do povoado e no casarão que abriga a capelinha com a imagem da Santa Quitéria, produzindo a caracterização dos espaços de forma adequada a refletir a significação e a grandiosidade que as festividades dedicadas à santa representavam para os moradores da localidade e para os romeiros.

Elencamos inicialmente o registro de uma modificação permanente realizada no santuário de Santa Quitéria de Frexeiras com o intuito de melhorar a estrutura do local, proporcionar melhor acolhimento aos romeiros, mas também para embelezar a capela e ressaltar a importância e grandiosidade da santa para a localidade e para as pessoas que ali participavam das festas e romarias. Registra o jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), que para a festa que se realizou no dia 8 de setembro de 1884, observou-se que a capela havia passado por melhoramentos físicos, que a transformaram de uma acanhada casinha de orações de outrora, para uma interessante capelinha, bem construída e arejada.

Mas era a arquitetura efêmera da festa que merece maior destaque, pois se renovava com maior frequência, a cada ciclo festivo era atualizada para oferecer a sensação de acolhimento aos visitantes e demonstrar a importância e grandiosidade da festa e da santa nela homenageada.

Sobre a arquitetura efêmera registrada nas festividades em Frexeiras, destacamos a ornamentação, a qual era aplicada desde a estrada de acesso ao povoado e se estendia pela rua e pelas modestas casas que constituíam o vilarejo; os moradores colocavam enfeites confeccionados em folhagens, os quais formavam belos arcos, que acompanhados de bandeirinhas presas a cordões, penduradas e entrecruzadas entre as casas, se espalhavam ao longo da rua e proporcionavam o tom festivo do lugar. Em frente ao casarão onde fica a capela que acolhe a imagem da Santa Quitéria, era armado um elegante pavilhão onde ocorria a celebração da missa campal, assim, destacando o caráter religioso das festividades (Jornal do Recife, 28 set. 1900, p. 1).

As práticas de decorar as casas dos vilarejos, além de iluminar e enfeitar as ruas durante as festividades, faziam parte de uma tradição portuguesa existente no período colonial, e representavam a alegria das romarias e das procissões, cuja herança se protraiu no tempo, contagiando as gerações seguintes quanto à forma de comemorar e festejar os santos padroeiros ou de devoção (Del Priore, 1994, p. 38).

Encontramos comparativo nas práticas de preparar e embelezar os espaços para a realização da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, nas comemorações natalinas que aconteciam na igreja Matriz da cidade de Garanhuns. Narra Cavalcanti (1997, p. 222-223), que exceto algumas lâmpadas a querosene, a iluminação era feita por garrafas de ferro, nas quais eram inseridos fios torcidos de algodão e abastecidas com querosene. Então, durante o período das festas a fachada da Matriz e quase todas as casas das ruas principais da cidade eram iluminadas por uma grande quantidade de lanternas; os habitantes complementavam a decoração enfeitando as ruas com cordões de bandeirinhas entre as árvores, enquanto que as portas e janelas das casas eram ornamentadas com colchas, tapetes e jarros com flores naturais.

Completando a ornamentação do povoado tinham as barracas, as quais também eram construídas em folhagens e se espalhavam em elevada quantidade por toda a rua, e onde a maior parte dos negociantes da comunidade expunham suas mercadorias à venda; nelas eram oferecidas as mais variadas guloseimas, tais como bolos, bolachas, sucos, etc., além das bebidas típicas da época; algumas expunham a venda objetos que representavam algum tipo de recordação do santuário, e outras ofereciam jogos onde as pessoas se entretinham apostando com dinheiro (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 2).

As barracas com comidas e bebidas se tornavam atrativos importantes no contexto das festividades, as quais normalmente montadas nos pátios e praças em frente às igrejas e capelas, era próximo a elas que, após findo os rituais religiosos, as pessoas costumavam se encontrar com o intuito de descontrair e manter boas conversas com parentes e amigos, acompanhados de uma bebida e algum petisco.

Acerca das barracas, dos alimentos, bebidas e das diversões com jogos que à época existiam e eram comumente oferecidos e comercializados durante as festividades que aconteciam na cidade de Garanhuns, Cavalcanti (1997, p. 222), os descreve informando que os botequins ou barracas eram revestidos e cobertos com folhagens de palma de ouricuri, e nelas eram comercializadas garrafas com cidras, capilés, gengiberras e outros refrigerantes, além de bebidas alcoólicas como a genebra, o vinho do Porto e a “gibirita” ou “mamãe sacode”, como era conhecida a aguardente pelos consumidores da época. Em relação as guloseimas comercializadas, afirma que era comum, entre outras coisas, os tabuleiros de cocadas e de arroz doces. Já as barracas dedicadas as diversões com jogatinas ofereciam jogos de roleta, dados e baralhos.

Nos relatos anteriores observamos a primeira transformação pela qual o povoado de Frexeiras passava durante as festividades de Santa Quitéria, esta promovida pelos próprios moradores e organizadores do evento, mas uma segunda acontece simultaneamente, que é a transformação do espaço decorrente da movimentação da chegada de negociantes da região que buscavam na festa a oportunidade para obter uma renda extra, além dos romeiros que chegavam de lugares distantes para lá acamparem temporariamente.

Os deslocamentos eram realizados sobre carros puxados por bois, que se alastravam pela estrada, transportando além de pessoas, os produtos que seriam comercializados, as mobílias, os objetos e os mantimentos necessários para lá permanecerem acampados com as suas famílias durante parte ou todo o período festivo. Além dos comerciantes, outras tantas famílias de romeiros, vindas de localidades diversas, cumpriam o ritual de se deslocar para Frexeiras e lá permaneciam acampados por vários dias para participar das romarias em homenagens a Santa Quitéria. Nessa movimentação dos visitantes, a grande maioria das pessoas que participava das romarias era formada por aqueles que visitavam o santuário mas retornavam aos seus locais de origem no mesmo dia, e como era comum na época, os deslocamentos eram feitos, além dos carros de bois, sobre lombos de cavalos e a pé (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 02).

Enfim, com o vilarejo ornamentado e transformado para vivenciar as práticas sagradas e profanas que faziam parte da tradição da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, era chegada a hora de receber àqueles que davam vida e luz a festa: as pessoas, os visitantes, os festeiros, os romeiros e devotos da Santa Quitéria.

No clima das festas, a rua se transforma no espaço da liberdade praticada, de forma exuberante, descompromissada, alegre, acolhedora e plena, se contrapondo a rotina sisuda e fria do dia a dia, onde as experiências praticadas são compartilhadas entre àqueles que ocupam o mesmo espaço físico e de significados, independentemente de apresentarem similaridade ou não de costumes e ideologias, onde as práticas vivenciadas são transmitidas aos futuros frequentadores dos espaços.

Figura 29 – Carros de bois dos moradores da área rural próxima a Frexeiras em visitação ao santuário de Santa Quitéria.



Fonte: blog do Carlos Eugênio, 2014.

PERMANÊNCIAS QUE DESAFIAM O PROGRESSO

Destacamos que o uso de carros de bois ainda compõe o cenário da vida do homem do campo na região do Agreste Meridional pernambucano. Assim, ainda é um costume entre os moradores que habitam a área rural da região próxima ao santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, que se deslocam para lá utilizando seus carros de bois como meio de transporte para conduzir pessoas e produtos.

3.2 – Particularidades sobre a data da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

A festa representa o momento especial para o encontro periódico do romeiro com o santo de sua devoção, o qual costuma constar tradicionalmente do calendário, e em geral reveste-se de um duplo caráter: religioso e profano. Assim, as festas e as romarias que homenageiam os santos, além de se tornar um espaço para pedir ou render graças por benefícios alcançados, também são verdadeiros momentos de socialização, divertimento e lazer. Sob o ponto de vista exposto pela historiadora Julita Scarano:

As romarias, ao comemorar as festas dos santos, constituem o momento de obter graças, pagar promessas, agradecer aos benefícios recebidos. São também oportunidade de um agir social, possibilitando encontrar pessoas, fazer amizades, namorar, divertir-se. É ocasião de sair da vida rotineira, do dia-a-dia, e de participar de um evento significativo que envolve, ao mesmo tempo, uma parte celeste, que constitui sua motivação básica e essencial, sua razão de ser, ainda que muitos peregrinos disso se esqueçam, e abrange também um aspecto lúdico, uma festa que favorece o encontro com o outro. É o momento de troca de idéias, de fazer novos conhecimentos, enfim, é o momento da festa (Scarano, 2004, p. 31).

Mesmo a romaria não fazendo parte da vida diária do peregrino, se trata da busca por um local que foi escolhido pelo santo e onde é possível pedir, agradecer e homenageá-lo; onde o peregrino se afasta do seu lugar habitual, da sua morada, para caminhar em busca de um local sagrado e dos benefícios que ele poderá trazer para sua vida (Scarano, 2004, p. 33).

O calendário é o instrumento que ao longo da história demarca essa ação transitória que as festas detêm sobre a utilização dos espaços no tempo, eles delimitam um espaço-temporal que estabelece o dia do santo padroeiro e onde são desencadeados os acontecimentos festivos que criam uma memória coletiva na comunidade no tocante ao período ou data de realização das festas.

Na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, observamos que apesar do cristianismo haver dado um caráter mais solene as festas religiosas, atribuindo um calendário com dias dedicados aos santos, é possível que o aspecto determinante na escolha do período para a realização da referida festa seja um resquício das festas do período colonial. Segundo Del Priore (1994, p. 13), as festas coloniais religiosas ou pagãs, por uma tradição advinda de origem europeia, tinham suas celebrações festivas determinadas pelos ciclos das plantações ou das colheitas como forma de reunir a comunidade em torno de um evento para celebrar, agradecer ou pedir por proteção, geralmente se dirigindo a uma divindade protetora da plantação.

De acordo com o hagiológico português, o dia dedicado a render homenagens a virgem mártir é 22 de maio, data em que é celebrado o seu martírio, entretanto, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras ocorre tradicionalmente durante a primeira semana do mês de setembro, portanto, próximo ao término do inverno e da colheita agrícola na região. Acrescente-se que parte massiva do público que prestigia essa celebração festiva, tradicionalmente é de moradores das áreas rurais dos diversos municípios da Região Nordeste, em grande parte agricultores, pequenos pecuaristas e pessoas outras cuja atividade econômica é desenvolvida essencialmente no campo ou no regime doméstico, daí talvez um possível motivo pela escolha desta data.

No tocante aos aspectos ligados a lavoura, são encontrados ex-votos que registram as visitas dos romeiros à capelinha de Frexeiras para prestar agradecimentos pela fartura obtida na colheita das suas plantações. Como exemplos seguem as figuras que reproduzem tábuas votivas oferecidas por romeiros a Santa Quitéria de Frexeiras, nas quais constam inscrições com agradecimentos pelos bons resultados de suas lavouras.



Cumpramos acrescentar que não encontramos registros que indiquem em quais datas as festas aconteciam em período anterior ao recorte temporal analisado, portanto, não é possível afirmar que eram as mesmas desde as suas primeiras edições ou que tenham sofrido alterações ao longo do tempo. Porém, não podemos deixar de observar que ela coincide com o período no qual o governo imperial instituiu o dia 07 de Setembro como data oficial para realizar as festividades em comemoração ao Dia da Independência do Brasil. Assim, não se pode descartar a possibilidade de tal data haver influenciado de alguma forma sobre a escolha do período para a realização das festas comemorativas em homenagem a Santa Quitéria em Frexeiras.

ANOTAÇÕES RELEVANTES SOBRE O DIA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

O dia 07 de Setembro foi instituído oficialmente como data festiva de comemoração nacional em homenagem ao Dia da Independência do Brasil, pela Carta de Lei Imperial de 09 de setembro de 1826, que assim disciplinou: “Art. 1.º Serão de festividade nacional em todo o Imperio os dia [...] 7 de Setembro, [...]”, enquanto o art. 2.º determinava: “Cessarão nos mesmos dias o despacho dos Tribunaes, e se farão todas as demonstrações publicas proprias de semelhantes festividades.” (Brasil, 1826).

Já no ano de 1827, primeira data que se seguiu à publicação da referida lei, tiveram início as festividades comemorativas ao dia 07 de Setembro (Carvalho apud Santos, 2011, p. 27). Ainda, segundo Hendrik Kraay (apud Santos, 2011, p. 27), o Sete de Setembro surgiu expressando uma força de natureza polivalente, “... pois tanto exaltava uma origem monárquica, como a partir de fins da década de 1820, podia ser interpretado pelos exaltados como uma resposta de Dom Pedro I a demandas populares por se romper com Portugal.”

Em Pernambuco, as pesquisas da historiadora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, apontam a ocorrência de relatos da comemoração da festa do dia 07 de Setembro dignos de ressalva, apenas no ano de 1829, e conforme registros encontrados no jornal Diário de Pernambuco datado de 24 de setembro de 1829, tais festejos provocaram incômodos em alguns por razão das fortes influências decorrentes do tumultuado quadro político que se vivia no Estado no final da década de 1820 (Santos, 2011, p. 27 – 28). Por outro lado, esses festejos, conforme também indicaram os jornais da época, “mobilizaram de forma intensa o espaço da cidade e sua população. Houve uma profusão de eventos que congregou diferentes segmentos da sociedade.” Santos, 2018, p. 97-98). Assim, indicando o sucesso e grandiosidade das festas.

Conforme Kraay (2022, p. 1-5), desde a década de 1820, os festejos do dia Sete de Setembro foram atos políticos, através dos quais ocorriam os debates acerca da natureza do Estado e de Nação que estavam sendo construídos, portanto, durante os anos que se seguiram observou-se o embate em que o poder imperial reivindicava o protagonismo exclusivo sobre a independência do Brasil em relação a Portugal, promovendo festas que buscavam envolver o povo no clima de exaltação ao rei que proclamou a independência, enquanto que, os opositores criticavam tal atitude exclusivista e excludente do povo, já que atribuíam o processo da independência não a uma postura ativa do rei, mas sim, a outros movimentos e revoltas que anteriormente haviam acontecido, a exemplo da Inconfidência Mineira e a revolução republicana de 1817 em Pernambuco, tendo o rei agido com oportunismo estratégico para atrair para si o protagonismo do processo da independência, o qual naturalmente estava fadado a acontecer.

Acerca do movimento imperial da independência, observa Malerba (2022, p. 271):

O 7 de Setembro foi elevado pelos ideólogos do Império do Brasil à data de fundação da nação, e dom Pedro I alçado a herói dessas façanhas. As representações do “brado do Ipiranga” constituem-se de e compõem narrativas épicas, de um herói viril escoltado por uma legião de “dragões” da sua guarda, todos ricamente fardados e servidos de belas montarias.

Não obstante, toda a narrativa suntuosa foi criada mesmo sem haver existido substanciais relatos de testemunhos oculares do evento, inclusive, pelo contrário, existiam relatos que contradiziam tamanha representação espetacular, como o feito pelo coronel Antônio Leite Pereira da Gama Lobo, primeiro comandante da Guarda de Honra de Dom Pedro na jornada a Santos, o qual narra acontecimentos muito discretos e até cômicos (Malerba, 2022, p. 271).

Era uma data pela qual, no decorrer dos anos, a monarquia buscava reforçar a ideia de nação, de unidade nacional, incentivando o patriotismo entre os nacionais, e as comemorações ocorriam com festividades em todas as províncias. Relata Kraay (2022, p. 4), que um jornalista francês após presenciar a festa da independência de 1858 no Rio de Janeiro e ler relatos sobre a comemoração do dia nas províncias, conclui que “em todos os lugares, festejou-se o 7 de Setembro com o mesmo entusiasmo, a mesma unanimidade que no Rio de Janeiro”.

Esse embate em busca de atrair o protagonismo pela conquista da independência do Brasil permanece até a Proclamação da República, e durante esse período há momentos em que os festejos ocorrem como maior ou menor intensidade, mas sempre apresentando uma característica marcante que é a busca pela demonstração da força e do poder político que a data efetivamente representava.

Demonstração disso, eram as avaliações feitas pelos periódicos da época após as festividades comemorativas da independência. Se por um lado os órgãos oficiais avaliavam que “[...] as festas oficiais eram sempre muito concorridas e os vivas correspondidos entusiasticamente pelo povo, que afluía em massa à praça e pelo público mais seleta que enchia o teatro”; por outro lado, os periódicos opositoristas teciam as suas narrativas sobre as mesmas festas, apresentando versões contrárias, informando que a festa teria se dado com “pouca concorrência, vivas mal correspondidos e povo indiferente. Apesar das avaliações diversas das festas realizadas, todos concordavam que o dia devia ser comemorado” (Kraay, 2022, p. 4).

Indiferentes a tudo isso encontravam-se as elites, que ávidas por visibilidade e proeminência, aproveitavam-se das comemorações do Sete de Setembro para se aproximar do poder transmitido pelo símbolo da monarquia, e assim, exibir e demonstrar publicamente a sua posição de importância na hierarquia social (Kraay, 2022, p. 4).

Na cidade de Garanhuns, à medida que as comemorações do 07 de Setembro aconteciam anualmente, o correspondente do Diário de Pernambuco publicava notas se manifestando sobre o assunto. Em 1885, em razão da data ter passado sem comemorações, ele se manifestou afirmando:

Como sempre passou aqui inteiramente despercebido o dia em que foi proclamada a Independência do Brasil, e em que este paiz começou a ser contado no mappa das nações livres! Sendo o dia 7 de Setembro o maior dia nacional e que todos deviam saudar com as maiores demonstrações de jubilo e entusiasmo, passa ele entretanto para todo o paiz completamente despercebido!... Quanta falta de patriotismo (Diário de Pernambuco, 17 set 1885, p. 2).

Já no ano de 1887, em razão de haver ocorrido consideráveis comemorações, ele se manifestou dizendo: “O dia 7, o imortal dia 7 de Setembro, que é a data mais gloriosa da nossa historia patria, não passou felizmente, despercebido este anno aqui, sendo pelo contrario magnificamente solemnizado, como não há exemplo nos antes desta comarca.” (Diário de Pernambuco, 17 set. 1887, p. 2).

Nessa época, o fato do dia Sete de Setembro estar associado ao imperador, aparentemente fazia com que as comemorações também representassem um termômetro da satisfação ou insatisfação do povo da cidade de Garanhuns com o governo imperial. Pois vejamos que o ano em que as comemorações são realizadas com grande empolgação, ocorrem naquele em que foi inaugurado o trecho da extensão da linha férrea até a cidade de Garanhuns, cuja inauguração se deu no mesmo mês em que se comemorava a Independência do Brasil. Assim, aparentemente repercutiu uma gratidão do povo pela grandiosa e importante obra que a cidade recebeu do governo naquele ano.

O 07 de Setembro foi uma data criada com fins de construir um sentimento patriótico e de envolvimento da população com o imperador, para demonstrações de gratidão pelo feito da independência do Brasil, assim, se tornou um dia de festividades para que os habitantes da nação estivessem disponíveis para comemorar e de alguma forma se congratular com o imperador.

Considerando que a Igreja esteve vinculada e subordinada administrativamente ao governo imperial, é possível que o período destinado as homenagens a Santa Quitéria de Frexeiras tenha sido acomodado para coincidir com a importante data instituída pelo imperador, pois, apesar da capelinha de Frexeiras não se encontrar vinculada a Igreja, por ter sido fundada e pertencer a particulares, a festa de Frexeiras homenageia uma santa do catolicismo, e durante tal período exista a aproximação da Igreja com os donos do santuário de Frexeiras, com celebrações dos sacerdotes nas festas em homenagem à referida santa, portanto, não podemos deixar de considerar que a vinculação da imagem dos proprietários do santuário a tão importante data festiva para o império, só traria vantagens, pois como já visto, a proximidade ao símbolo da monarquia promovia visibilidade e transmitia demonstração de importância na hierarquia social.

Um outro aspecto a ser considerado sobre uma possível escolha da data para a realização das festas de Santa Quitéria de Frexeiras, é que o Município de Garanhuns fica localizado em uma região onde os invernos são muito frios, ocorrem chuvas intensas, que impactam sobremaneira sobre as estradas que interligam as cidades - à época não pavimentadas -, portanto, impactariam negativamente no deslocamento das pessoas para as comemorações. O Jornal do Recife (10 set. 1921, p. 04), publica um informe do correspondente de Garanhuns, datado do dia 06 de setembro de 1921, que noticia: “Estamos no início do estio e Garanhuns, enroupa-se, pinta-se, endireita-se pra receber os forasteiros que buscam os seus ares magníficos e sadios.”, portanto, era no período da estiagem que se ampliava as expectativas de Garanhuns receber mais visitantes.

Enfim, é possível que o motivo para a escolha da data da festa, em período tão distante do calendário hagiológico, não tenha sido somente um dos supostamente elencados, mas talvez tenha se dado pelo conjunto de vários desses motivos, ou outros mais que não pudemos detectar. O fato é que a santa milagrosa era homenageada em Frexeiras com a pompa que o costume da época exigia, cuja festa promovia a devoção e a diversão aos milhares de pessoas que dela participavam anualmente.

Ainda sobre as datas, cabe uns breves comentários acerca do dia em que a festa era realizada durante os primeiros dias do mês de setembro. Apesar das festividades dos tempos mais recentes seguirem um padrão onde o dia principal tem ocorrido no dia 07, durante o período pesquisado encontramos registros da Festa de Santa Quitéria haver sido comemorada em diferentes dias do mês de setembro. Em alguns anos os anúncios indicavam um dia exclusivo para as festividades, já em outros indicavam dois ou três dias de festas.

Aparentemente se tratava apenas de uma questão de divulgação, pois as festividades sempre iniciavam com a abertura no dia 31 de agosto, seguia-se por cerca de uma semana com eventos mais breves, e ao final do ciclo festivo aconteciam os eventos mais intensos e expressivos, como a procissão, a missa e uma maior incidência de atrações profanas após as solenidades religiosas, isso durante um, dois ou três dos últimos dias dos festejos, conforme tenha ocorrido a organização festiva daquele ano, levando a crer que o último dia sempre era o mais expressivo, inclusive em razão do encerramento da festa.

Os registros encontrados mostram que as aberturas das festividades eram realizadas no dia 31 de agosto com o hasteamento da bandeira, e as comemorações se estendiam até a data prevista para o encerramento da festa. Durante àqueles dias que antecediam o dia principal dos festejos, pessoas da comunidade rezavam novenas diárias, as quais faziam parte dos rituais preparatórios para o grande dia de homenagem à santa milagrosa. No tocante as novenas que compunham a programação das atividades de cunho religioso do santuário, vejamos o que noticiava o Jornal do Recife (10 set. 1921, p. 04): “As novenas começadas a 31 de agosto têm se revestido de grande concorrência, apesar de haver falecido no dia 3 do corrente o octogenário João Guilherme, proprietário da santa milagrosa”.

Nesse ano ocorreu o falecimento do herdeiro da família Guilherme da Rocha que até então era o proprietário do santuário de Santa Quitéria, Sr. João Guilherme da Rocha, fato que não implicou em cancelamento ou adiamento do evento, mas provavelmente foram prestadas durante as festividades, todas as homenagens pertinentes e merecidas, tendo em vista que ele se manteve por um longo período na administração e controle do santuário, sendo a pessoa que aparece como o administrador do local desde o início do período pesquisado até o ano de 1921.

O contexto indica que a última data da programação era utilizada para fazer referência ao dia da Festa de Santa Quitéria, que de fato era um ciclo de festividades, conforme podemos abstrair da forma como ocorriam as divulgações. Vejamos que para a festa do ano de 1884, uma divulgação anterior a realização da mesma, enviada pelo correspondente do Diário de Pernambuco, no dia 31 de agosto de 1884, informou: “será hoje hasteada a bandeira da ínclita Santa Quitéria, que se venera em sua capela das Frexeiras, cuja tradicional festa será celebrada no dia 8 de setembro vindouro.” (Diário de Pernambuco, 06 set. 1884, p. 2). Em seguida, no dia 26 do mês de setembro daquele ano, o mesmo correspondente do Diário de Pernambuco enviou mais uma matéria narrando os acontecimentos da festa anteriormente divulgada, e ao final afirmou: “Eis aí em que consiste a tão falada festa das Frexeiras que nos dias 7 e 8 deste mês torna esta cidade quase um deserto.” (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 2). Observamos que a festa não durava apenas um dia, mas a data da festa aparentemente era o dia do encerramento, onde eram celebrados os eventos solenes, com a participação de membros do clero.

Outra observação é que essas datas apareciam distribuídas em dias diversos da semana, não tinha um padrão, assim, em razão da ocorrência da mudança da data, é possível imaginar que era para promover uma acomodação a algum dia específico da semana, ou do final de semana, porém, não era isso que acontecia, conforme pode ser visualizado no quadro abaixo.

Amostras dos dias da semana em que as festas de Santa Quitéria de Frexeiras foram realizadas

DATAS	DIAS DA SEMANA
07 e 08/setembro/ 1884	Domingo / Segunda
08/setembro/1885	Terça-feira
09/setembro/1900	Domingo
07/setembro/1905	Quinta-feira
07, 08 e 09/setembro/1906	Sexta/Sábado/Domingo
06, 07 e 08/setembro/1908	Domingo/segunda/terça
07/setembro/1921	Quarta-feira

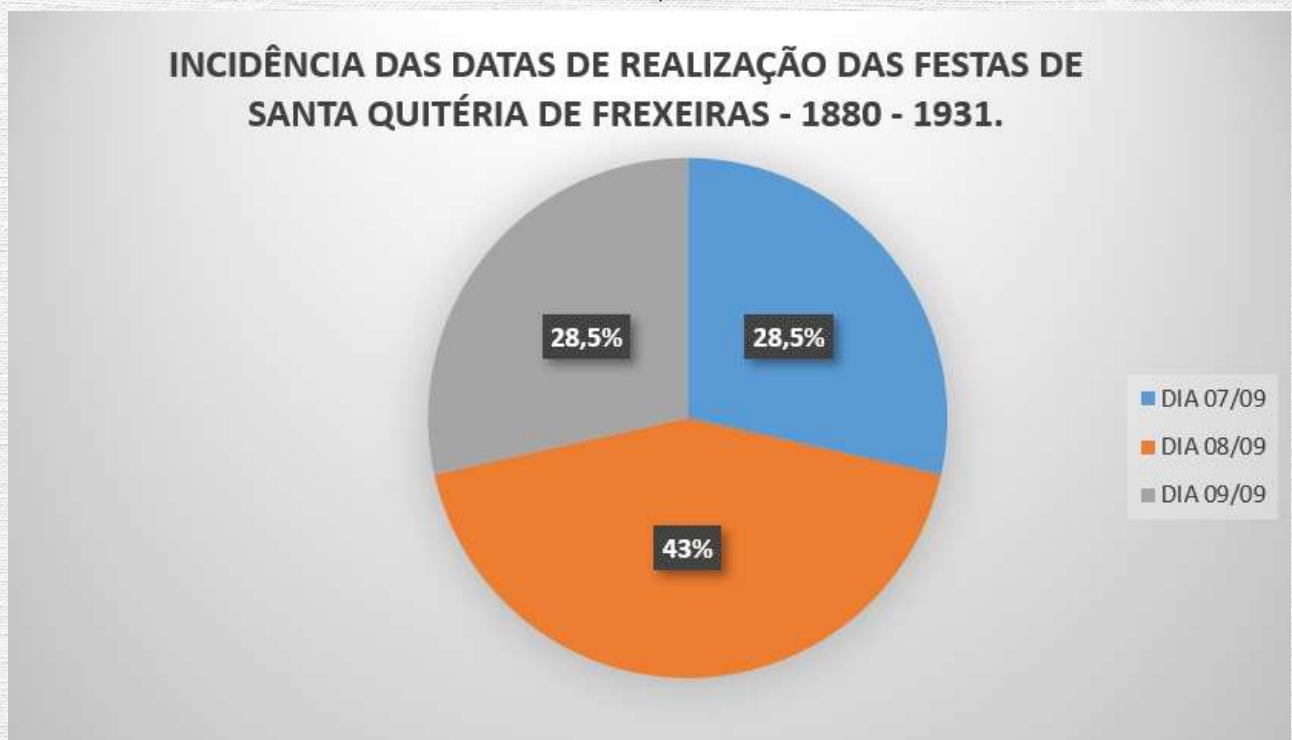
Vale relembrar que o período pesquisado foi marcado pela profunda transformação e expansão que a Igreja Católica passou no território brasileiro, se desvinculando da subordinação ao governo imperial, conquistando a autonomia e promovendo uma reorganização e ampliação das estruturas e dos serviços pastorais e de evangelização. Nesse contexto, uma das metas dessa expansão foi a formação sacerdotal para o aumento de padres, já que os então existentes eram em quantidade insuficiente para bem atender ao vasto território, em especial àquelas paróquias existentes no interior e tantas outras que estavam sendo criadas.

A partir dessa constatação, acreditamos que um provável motivo para se definir a escolha do dia principal da festa durante o ciclo festivo, decorresse de uma adequação à disponibilidade do padre que aceitasse participar das solenidades religiosas durante os festejos. Afinal, a capela não estava vinculada e subordinada a nenhuma paróquia ou diocese, pois era um local de culto particular, no qual

a família Guilherme da Rocha havia se apropriado da imagem da Santa Quitéria, um símbolo do catolicismo, e portanto, dependiam da disponibilidade e da boa vontade dos membros do clero para que a celebração da missa fizesse parte da programação da festa, já que se trata de ritual celebrado exclusivamente por membro do clero e de fundamental importância para os devotos durante qualquer festa religiosa. Fato que foi se agravando com o decorrer do tempo, a medida que a Igreja avançava com a implementação do processo de romanização do catolicismo no Brasil após o ano de 1891, que incluía entre seus objetivos, a apropriação dos locais sagrados exclusivamente pela Igreja.

O gráfico demonstrativo que segue adiante, informa a distribuição das datas em que foram realizadas as festas comemorativas em homenagem a Santa Quitéria durante o período 1880 a 1931, com a informação do percentual de incidência das referidas datas conforme os dias em que foram realizadas.

Gráfico 02: Incidência das festas de Santa Quitéria de Frexeiras por data.



Fonte: elaborado pelo autor a partir dos dados obtidos nos anúncios dos jornais da época.

3.3 A dinâmica da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras: o sagrado e o profano em conexão.

No mundo das crenças religiosas até então conhecidas sempre existiu a discussão sobre a divisão que classifica os elementos e as práticas em dois gêneros distintos, o sagrado e o profano, acerca dos quais criou-se a concepção de que estejam colocados em classes ou gêneros opostos, separados, antagônicos. Em razão disso, foram criadas proibições destinadas a proteção dos elementos sagrados, enquanto que, às práticas e elementos profanos são aplicadas essas proibições, as quais têm o condão de mantê-las afastadas entre si. Mas o fato é que esses dois gêneros inevitavelmente se aproximam, e quando essa comunicação acontece, não é mais possível que conservem uma natureza própria que seja radicalmente distinta e exclusiva (Durkheim, 1990, 67 – 74).

No tocante as festas religiosas não podemos deixar de observar uma estreita ligação que surge entre as naturezas das comemorações, inclusive, a depender do evento, é possível perceber concretamente a mistura que ocorre entre as manifestações sagradas e profanas.

Importante relembrar que o período pesquisado é marcado pela postura da Igreja na busca pela separação das manifestações sagradas, daquelas que eram profanas, no intuito de sacralizar os locais de culto e conter os vícios e os comportamentos impróprios ocorridos durante os eventos festivos dos santos e padroeiros, porém, é possível afirmar que tais aspirações não se concretizaram de forma homogênea e plena, pois continuavam a ser observados os excessos praticados pelos frequentadores dos eventos.

A historiadora Edilece Souza Couto, em suas pesquisas sobre as festas populares baianas em homenagem a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador, no período de 1860-1940, relata que existiam editais, programações e licenças municipais que disciplinavam as normas de conduta que deveriam ser seguidas em tais festas, que estabeleciam a separação entre as comemorações sagradas e profanas, e nelas estava previsto que a festa profana deveria começar após a celebração da última missa da noite, por volta das 9 horas, no entanto, as regras eram burladas tanto pelos participantes, quanto pelos organizadores, que tinham pouca preocupação com a separação entre o sagrado e o profano, e durante todo o dia se entregavam aos deleites dos banquetes nas barracas, aos batuques, as rodas de samba, a capoeira, aos desfiles de carros alegóricos, as batalhas de confetes e lança-perfumes (Couto, 2004, p. 161).

Vale acrescentar que uma festa se sustenta e se torna tradicional, também em razão da forma como é planejada, organizada e são executadas as atividades cerimoniais e de entretenimento. Dessa forma, o caráter profano surge como um complemento necessário para as festividades religiosas, já que, por mais significativas que sejam as demonstrações de devoções religiosas, abdicar dos eventos profanos, implica em abdicar dos negócios que integram esses eventos, os quais, não raramente são responsáveis pela manutenção da festa sagrada. Assim, quando se trata de festas religiosas populares, as práticas sagradas e profanas se complementam, pois nesses ambientes os espaços são repartidos pelos diversos rituais, ora sagrados, ora profanos, numa conciliação aparentemente improvável, mas necessária e aceitável, sendo combatidos, entretanto, os excessos consistentes em ilícitos.

Não há que se falar em festa sem que ocorram possíveis transgressões de regras, pois são momentos de euforia, empolgação e descontração, portanto, incompatíveis com um estado de consciência que determina um modo de agir totalmente arrazoado e responsável.

A historiadora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, em sua tese de doutorado, na qual faz uma análise sobre as festas públicas - cívicas e religiosas que ocorriam no Recife no período 1817-1848, resalta que,

A presença de distúrbios, nos mais diferentes tipos de festas, é um risco pra quem se responsabiliza pela sua realização. Era importante cuidar para que as comemorações existentes não se transformassem em fontes potenciais de distúrbios e se mostrassem assim contrárias ao júbilo. Entretanto, o excesso é intrínseco à realização das festas. (Santos, 2018, p. 187).

Observemos que da mesma forma como acontecia em tantas outras festas religiosas do período, as festividades em homenagem a Santa Quitéria de Frexeiras também era revestida de alguns dos simbolismos que faziam parte da cultura e da tradição festiva da época. O sinal que anunciava ao povo o início das festividades religiosas no vilarejo de Frexeiras era o hasteamento da bandeira. O jornal Diário de Pernambuco (06 set. 1884, p. 2), publicou o informe do correspondente de Garanhuns, enviado no dia 31 de agosto, que anunciava: “será hoje hasteada a bandeira da ínclita Santa Quitéria, que se venera em sua capela das Frexeiras, cuja tradicional festa será celebrada no dia 8 de setembro vindouro.”

O hasteamento da bandeira é um costume tradicional usado para marcar o início do período das festividades religiosas, mas também para demonstrar a importância e a imponência do evento. Costumava ficar hasteada em um mastro localizado na parte externa da capela e em uma altura que todos podiam vê-la. Segundo Rosendahl apud Brügger (2016, p. 3), “Bandeiras, hinos, desfiles, estátuas e memoriais enfatizam valores socializados, como nação, heroísmo, igualdade, classe ou etnia, articulados em um contexto de mais alto significado, podendo adquirir uma dimensão transcendente”. Ainda segundo Mariano; Silva (2012, p. 9), [...] outra simbologia bastante utilizada está implícita no hasteamento de bandeiras e/ou estandartes, remetendo às conquistas realizadas pelos antigos reinados e às instituições religiosas em torno de uma devoção específica.”

O costume de hastear a bandeira nas festas religiosas, constava das programações festivas que eram vastamente divulgadas nos jornais da época. Como exemplos, o Diário de Pernambuco (05 set. 1890, p. 3), assim anunciou a programação da Festa de Nossa Senhora do Bom Parto, na igreja de São José do Ribamar, em Recife-PE: “No sábado, 6, às 5 horas da tarde será hasteada a bandeira da nossa padroeira acompanhada por grande número de virgens, tocando neste ato a banda dos menores do Arsenal de Guerra.” Já o Diário de Pernambuco (17 jan. 1885, p. 2), anunciou assim a festa de São Sebastião, no Cabo: “No dia 2 de fevereiro vindouro, terá lugar na cidade do Cabo a festa de S. Sebastião [...]. A bandeira da festa será hasteada no dia 29 do corrente.”

O historiador Alfredo Leite Cavalcanti, assim relata o ritual de hasteamento da bandeira realizado em frente à igreja matriz da cidade de Garanhuns, durante as festas natalinas.

Os preparos para a realização das festas natalinas começavam na véspera do seu início, quando então grande parte da população masculina da cidade se dirigia às matas do Sítio Mundaú, donde tirava uma haste de quinze ou mais metros de comprimento para ser fincada em frente à matriz, a fim de nela ser hasteada a bandeira da festa. [...] depois de desganhada era conduzida nos ombros de muitos homens, [...]. Antes de entrar na cidade, no local em que a banda de música a aguardava, apareciam muitos meninos empunhando bandeirinhas e ramos de arbustos, e com grande acompanhamento de pessoas chegava ao adro principal da matriz. Preparada por carpinteiros, [...] era a haste ali fincada. Mais tarde a banda de música acompanhava a bandeira conduzida por meninas uniformemente trajadas e empunhando lanternas até o adro da matriz, onde era hasteada. (Cavalcanti, 1997, p. 221 - 222).

Ao findar o ritual do hasteamento da bandeira nas festividades de Frexeiras, iniciava-se o ciclo das novenas. Conforme o costume da época, normalmente eram puxadas por senhoras devotas da Santa Quitéria que residiam na comunidade ou pelos donos da casa onde estava a imagem da santa.

Os jornais traziam publicações de novenas celebradas em outras festas religiosas. Como exemplo, o Diário de Pernambuco (11 fev. 1880, p. 2), assim anunciou a festa de Nossa Senhora da Paz, padroeira da freguesia dos Afogados: “[...] será celebrada, com todo o esplendor, no dia 20 do corrente. A bandeira será hasteada na noite do dia 19, começando em seguida as novenas, nas quais serão entoados lindos versos, por duas distintas senhoras.”

NOVENA

1 - Conforme o Dicionário da Língua Brasileira: “Novena. f. O Espaço de nove dias. Fig. Orações repetidas nove dias sucessivos ou alternados.” (Pinto, 1832, p. 754).

2 - É uma prática religiosa de nome autoexplicativo, portanto, uma forma de oração que deve ser repetida por nove noites e cujas intenções são dirigidas a obtenção de algum benefício ou graça divina.

O ciclo das novenas de Santa Quitéria de Frexeiras iniciava no dia do hasteamento da bandeira, portanto em 31 de agosto, e estendia-se até completar o período de nove dias, os quais aconteciam com o acompanhamento dos moradores da comunidade e por devotos que se deslocavam para o povoado com a disposição de participar de parte ou de todo o evento festivo. Representava um elemento do ciclo das celebrações de grande importância para as festividades, pois atraía muitas pessoas para o povoado, vindas especialmente da cidade sede de Garanhuns. Nesse sentido encontramos a publicação do *Jornal do Recife* (10 set. 1921), que assim noticiava: “As novenas começadas a 31 de agosto têm se revestido de grande concorrência, [...] Desta cidade muitas são as pessoas que vão assistir às novenas, [...]”

Os momentos de maior expressão em todas as festas dos santos do catolicismo, sem dúvida acontecem com a participação do clero nas celebrações dos rituais católicos romanizados: missa, procissão, bênção aos fiéis, etc. Mas como já mencionado, estamos tratando de uma capela que era controlada e administrada por particulares membros de uma família, localizada em uma propriedade privada, sem a interferência da paróquia ou diocese na administração das atividades. Então conflitos existiram durante o período pesquisado e serão tratados mais adiante, porém, durante grande parte do mesmo período encontramos registros em publicações de jornais que indicam que o clero participava efetivamente das festividades, celebrando missa e realizando procissão.

O *Jornal Diário de Pernambuco* (17 set. 1885, p.2), informa que a tradicional festa da gloriosa Santa Quitéria, ocorrida no dia 8 de setembro de 1885, teve seu encerramento de forma esplendorosa, com a celebração de uma missa cantada e um lindo fogo artificial que abrilhantou a festa e iluminou os céus do povoado, que estava repleto de pessoas prestigiando as celebrações.

Conforme a historiadora Mary Del Priore, a queima de fogos tem sua origem na China, onde era uma característica tanto das solenidades sagradas, quanto profanas, porém, sua inserção no Brasil é feita pelos portugueses, replicando uma tradição lá existente. Era responsável por alegrar as festividades, e assim anunciava a abertura das festas, a partida e a chegada das procissões à igreja ou praça onde ocorriam as principais celebrações festivas, mas também serviam como representação de poder do governo imperial, marcando acontecimentos da família real como nascimentos, batizados e casamentos, além de significar uma simbologia da resistência quando a elite ou mesmos escravos libertos se contrapunham ou rebelavam-se contra o governo (Del Priore, 1994, p. 38 – 40).

Em outra oportunidade, por ocasião de uma grande romaria a Santa Quitéria, em homenagem a Jesus Redemptor, que aconteceu no dia 09 de setembro de 1900, coincidindo com o período das festividades em homenagem a santa milagrosa, foi celebrada uma missa campal em um elegante pavilhão armado em frente à capela de Frexeiras, pelo Reverendo Alexandre Cavalcante, vigário de Canhotinho; sobre o evento comentou-se que nunca foi visto tão expressivo público, quantificado em mais de cinco mil pessoas (*Jornal do Recife*, 28 set. 1900, p. 1).

PAVILHÃO

1. Tenda de campanha e dos mercados, que seguem os exércitos;
2. Barraca, pano e cortinas com que se cobre o Sacrário;
3. Abóbada ou sobrecéu que formam as árvores.
4. O pano que cobre o leito imperial.
Fonte: Silva, 1878, p. 423.

A Festa de Santa Quitéria é referida em vários momentos das publicações dos jornais, pela pompa do costume. Buscando a significação da palavra pompa para a época, encontramos no *Dicionário da Língua Brasileira*, o seguinte: “Pompa, s. f. Acompanhamento por cortejo. Apparato magnífico” (Pinto, 1832, p. 839). Enquanto que a palavra cortejo significava: “Gente que acompanha um acto de pompa, obséquio de quem corteja.” (Pinto, 1832, p. 99). Já aparato significava: “Preparação. Pompa” (Pinto, 1832, p. 99).

Portanto, a pompa envolvia desde os cuidados preparatórios para o evento, de forma a torná-lo apresentável e grandioso aos olhos de quem participasse ou o assistisse, até o cuidado e zelo com a execução dos diversos elementos e rituais, de forma a tornar a festa um evento que encantasse as pessoas e as envolvesse pelo clima místico do ambiente sagrado, mas também, pelo esplendor dos eventos profanos.

Em muitas outras festas religiosas do período encontramos relatos dos elementos e práticas que demonstravam a pompa dessas celebrações. A exemplo da Festa de Nossa Senhora do Carmo de Furquim-MG, reportada pela folclorista e historiadora Maria Agripina Maia, a qual é realizada desde o século XIX, na qual as cerimônias religiosas consistiam em “reza do terço, [...] missa, procissão com ruas enfeitadas de tapetes de serragem, flores e toalhas nas janelas, foguetes e fogueteiros, som da banda de música local e participação intensa da comunidade.”, e ainda por ocasião do encerramento era celebrada “Missa Cantada pela manhã e procissão à noite.” (Neves, 2014, p. 167 – 168).

A historiadora Martha Campos Abreu, em sua tese de doutorado intitulada “O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900”, discorre sobre o esplendor das festas que faziam parte das celebrações religiosas que aconteciam no período correspondente ao recorte temporal de sua pesquisa, apresentando as seguintes observações:

O século XIX recebeu de herança o que ficou conhecido por “religiosidade colonial” ou “catolicismo barroco”, como mais recentemente denominou João Reis. As práticas católicas eram marcadas pelas espetaculares manifestações externas da fé, presentes nas pomposas missas, “celebradas por dezenas de padres e acompanhadas por corais e orquestra”, nos funerais grandiosos, nas procissões cheias de alegorias” e nas festas, onde centenas de pessoas das mais variadas condições se “alegravam com a música, dança, mascaradas e fogos de artifício (Abreu, 1999, p. 08).

Durante o período pesquisado, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, apesar da simplicidade do vilarejo, também passou pela experiência de ter vivido momentos de esplendor, grandiosidade e pompa durante muitas das festas celebradas em comemoração à santa milagrosa, conforme demonstram alguns registros já apresentados, além de outros que virão adiante. O povoado passava pela transformação dos seus espaços, que eram preparados para se vivenciar e compartilhar as manifestações religiosas e profanas na sua forma mais intensa, possibilitando às pessoas expressarem sua devoção, mas também aproveitarem momentos agradáveis e divertidos, nos mesmos espaços onde inevitavelmente se conectavam o sagrado e o profano.

3.3.1 Encontro de festas religiosas: uma fusão entre o culto oficial e as práticas religiosas populares.

Conforme já foi tratado anteriormente, no catolicismo romanizado existe um primor pela padronização de rituais, pela sacralização dos elementos de culto e pela predominância da celebração desses rituais e elementos de culto pelo clero, na forma predeterminada através de uma cadeia hierárquica que é estabelecida a partir da Santa Sé. Às imagens são atribuídos o valor de representação dos santos católicos, da Santíssima Virgem e do próprio Cristo, cuja honra e veneração deve ser dirigida ao santo ou ao próprio Cristo nela representado, nunca aos elementos iconográficos representativos daqueles.

Por outro lado, no catolicismo popular predomina uma verdadeira confusão entre o elemento iconográfico e o próprio santo nela representado, “É como se a imagem tivesse vida: com ela o devoto conversa, a ela oferece flores e velas, enfeitada, visita no santuário, leva em procissão e romaria; mas pode também vir a ser punida pelo mesmo devoto quando este se sente desprotegido pelo santo.” (Oliveira, 1997, p. 46). Outra característica é a prevalente liberdade na manifestação do culto e da oração. Conforme Antoniazzi (1986, p. 8-15):

[...] parece bastante claro que o catolicismo rural tradicional (o de mais de 90% dos brasileiros até o início deste século!) é uma religião com “muita reza, pouca Missa; muito santo, pouco padre”. O que significa: bastante distante da religião “oficial”, de seus ritos, de sua doutrina; mas bastante autossuficiente, de modo que os leigos saibam, eles sozinhos, praticar sua religião.

No santuário de Frexeiras, prevalecem as características típicas do catolicismo popular, consistentes numa predominância da liberdade de culto, onde diversos grupos de romeiros, independentemente da classe social ou etnia a que pertencem, adentram no interior do casarão/capela e professam sua devoção mesclando orações próprias do catolicismo romanizado, com outras típicas do culto popular, além da inserção de elementos folclóricos. Assim, os romeiros professam sua devoção entoando cânticos, benditos e orações improvisadas, com a inserção, inclusive, de músicas e danças populares, a exemplo do reisado. Já em outros momentos, participam dos rituais romanizados que são celebrados pelo clero, ocorrendo uma perfeita fusão entre as práticas sagradas e profanas, inclusive nos momentos de culto.

Conforme Cavalcanti (1997, p. 226), os reisados eram compostos de pessoas com trajes exageradamente enfeitados por fitas e espelhos, que sob o ritmo cadenciado por violeiros, faziam a diversão das pessoas em Garanhuns durante as festas natalinas e daí até o dia de Reis.

Valioso elencar um costume folclórico tradicional que assume condição de prática sagrada sob a ótica do romeiro de Santa Quitéria, o qual se torna uma manifestação quase que obrigatória para quem visita o santuário em busca de milagre, que é fazer o pedido ou promessa à santa mártir e passar por debaixo do altar da santa. Acredita-se que se cumprindo esse ritual o pedido feito a Santa Quitéria não deixará de ser alcançado. Pois, se trata de uma criação folclórica comumente inventada em muitos locais do catolicismo popular, sob características próprias de cada local. Exemplo semelhante existe no Juazeiro do padre Cícero, no estado do Ceará, onde os peregrinos durante a visita ao Alto do Horto, local onde fica uma estátua gigante do padre Cícero, podem participar de uma trilha que os leva ao local conhecido por Santo Sepulcro, e lá se sentem instigados a atravessar uma abertura entre algumas pedras existentes no curso da trilha, acreditando que assim o fazendo obterão o perdão dos pecados. Não existe relatos ou documentos que indiquem que tal prática já existia em Frexeiras durante o período pesquisado, porém, é possível que já existisse, pois são tradições que são construídas no imaginário popular ao longo do tempo, e repassados pelo contato entre as gerações de romeiros.

Figura 32 – Apresentação de um grupo de reisado no salão dos milagres da capelinha de Frexeiras.



Fonte: Guilherme Nanes, 2016.

Figura 33 – Romeiro fazendo travessia por baixo do altar da Santa Quitéria de Frexeiras.



Fonte: TV Asa Branca, 2016.

Nesse contexto de aparente comunhão entre o catolicismo popular e o romanizado, cumpre apresentar um importante registro das festividades realizadas na capelinha de Santa Quitéria de Frexeiras, no dia 09 de setembro de 1900. O fato foi marcado pelo encontro de duas importantes festividades religiosas que aconteciam em Garanhuns naquele período, onde ficará explícito mais um momento em que a forma de culto romanizado foi celebrada na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras. O fato aconteceu no dia do encerramento da tradicional Festa de Santa Quitéria, quando foi realizada uma romaria em homenagem a Jesus Cristo Redentor, cuja procissão partiu da Igreja Matriz de Santo Antônio, padroeiro da freguesia de Garanhuns, com destino a capelinha de Frexeiras, e lá integrou a programação de encerramento da Festa de Santa Quitéria daquele ano. As celebrações foram marcadas por manifestações de fé externadas de forma esplendorosa, refletindo a grandiosidade e a pompa típica do catolicismo romanizado da época. O evento foi registrado na matéria publicada pelo *Jornal do Recife* (28 set. 1900, p. 1), conforme descreveremos adiante.

A romaria daquela data teve início pelas sete horas da manhã, quando a procissão em homenagem a Jesus Cristo Redentor partiu da Igreja Matriz da cidade de Garanhuns, instantes após encerrada a celebração da Missa pelo cônego Castro. O préstito iniciou o desfile formado por duas extensas alas de senhoras e cavalheiros, tendo à frente a banda de música sob a direção do professor João de Moraes.

PRÉSTITO: 1 - s. m. Procissão, em que o reitor sai da universidade acompanhado dos doutores, e estudantes, bedéis, etc. para ir assistir a alguma solenidade, etc. 2 – Em geral, série de pessoas ordenadas em alas ou fileiras numa festa solene, num saimento, etc. (Silva, 1878, p. 502).

Em destaque, no início do préstito, se encontrava o estandarte do Apostolado da Oração, o qual foi conduzido pela Dona Cecília Cardeal e acompanhado pelas associadas vestidas de branco, cujas vestes ressaltavam os distintivos.

Em seguida, a senhorita Dona Anna de Freitas levava um coração feito de flores artificiais, que simbolizava o Sagrado Coração de Jesus.

Na sequência, também acompanhavam o cortejo, uma comissão de senhoras que conduziam mais um estandarte com a efígie de Jesus Cristo inscrita ao centro, enquanto que no verso constava a seguinte legenda: “As senhoras de Garanhuns a Jesus Redentor”.

Dando continuidade, seguia uma comissão de distintos cavalheiros que prestavam a sua contribuição ao préstito, conduzindo outro exuberante estandarte tendo ao centro a imagem do glorioso Santo Antônio, com a seguinte inscrição no anverso: “A Jesus Redentor os Católicos de Garanhuns”.

Na formação da romaria tomavam parte ainda três lindas crianças, as quais simbolizavam a fé, a esperança, e a caridade. Estas eram Julieta Dourado, trajando branco, com capa de cetim encarnado, a qual levava um cálix e uma cruz, que representava a fé; a outra era Maria Brasilino, trajada com capa de cetim verde, levava uma âncora que representava a esperança; e a terceira era Maria Coelho, que conduzia um coração, o qual representava a caridade.

Nessa romaria muitos homens e mulheres que não suportavam acompanhar o préstito em seu longo percurso a pé, por motivo da idade ou outras razões pessoais, fizeram a romaria sobre carros ou cavalos. E como já foi inicialmente dito, coincidindo o dia da romaria com o da Festa de Santa Quitéria, foi imponentíssima a chegada da procissão no vilarejo de Frexeiras, onde se aglomeraram mais de cinco mil pessoas nas estradas, na rua e casas do povoado, o qual, como de costume durante o período das festas em homenagem a santa mártir, se encontrava adornado com arcos de folhagens e bandeirinhas entrelaçadas entre as casas, tendo sido dado um tom festivo nunca antes visto naquele vilarejo.

Após a chegada da procissão a Frexeiras, pelas onze horas da manhã foi dado início a celebração de uma missa campal, sob um elegante pavilhão armado em frente ao casarão/capela onde estava a imagem da Santa Quitéria, cuja celebração foi presidida pelo vigário da cidade de Canhotinho, Reverendo Alexandre Cavalcante.

Esse foi um dos encerramentos da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras que aconteceu em grande estilo, marcado pela pompa típica das solenidades religiosas celebradas pela Igreja Católica durante o respectivo período, influenciado ainda pela grandiosidade e exuberância própria das grandes e pomposas missas e procissões do período colonial e que continuavam sendo replicadas no período pós-colonial, sob a influência evangelizadora promovida pela Igreja durante a fase de expansão do catolicismo romanizado.

Sobre as missas, há registros de que foram celebradas em algumas edições das Festas de Santa Quitéria de Frexeiras. No entanto, no caso da procissão, só encontramos um único registro, não sendo possível afirmar que esse ritual fizesse parte das celebrações regulares em Frexeiras. A procissão do Cristo Redentor parece ter sido um evento único, realizado em 1900, como parte de um ciclo de homenagens a Jesus Cristo Redentor, que incluiu conferências e procissões em várias paróquias de Pernambuco. Este ciclo foi amplamente divulgado nos jornais do Recife na segunda metade de 1900, como atesta o anúncio no jornal A Província (25 jul. 1900, p. 1), que segue:

HOMENAGEM A JESUS CRISTO REDENTOR – Vão ser iniciadas em breve, e em local que previamente se anunciará, as conferências públicas e católicas que constituem uma das partes do programa das homenagens publicado na imprensa desta capital. Essas conferências visam um fim altamente moral e social qual o de firmar nas consciências o domínio da fé religiosa tão necessária nos tempos atuais. Com elas se prestará a Jesus Redentor um dos maiores preitos, porque é preciso que Ele reine em todos os espíritos e em todos os corações. Elas não terão absolutamente caráter político; serão doutrinárias, girarão apenas nas esferas da religião, e explanarão grandes assuntos sociais.

Em outro momento um novo anúncio das conferências em homenagem a Jesus Cristo Redentor é anunciado juntamente com uma grandiosa procissão que seria realizada na cidade do Recife, conforme publicação do jornal A Província (19 set. 1900, p. 1):

HOMENAGEM A JESUS CRISTO REDENTOR. A GRANDE ROMARIA. Desde o início do programa das festas que se pretendem fazer e estão se realizando sob nossas vistas e Jesus Redentor, fez-se menção de uma grande e solene manifestação de crenças, dadas ao Homem Deus nesta passagem de um ao outro século. Se, quando se comemora o centenário de um grande homem, não faltam entusiasmo e ovações, que se não há de esperar agora, que pela primeira vez no mundo, se prestam manifestações de amor, admiração, gratidão e respeito àquele que libertou o gênero humano da escravidão do corpo e da alma, morrendo no patíbulo da cruz como vil condenado? A comissão diocesana já concertou o plano da grande e solene romaria para o dia 4 de novembro deste ano, da igreja matriz da Boa Vista para a de S. José, pelas 4 horas da tarde, e seria uma injúria que se fazia nos sentimentos cristãos da população da cidade do Recife e subúrbios, si não se contasse com a mais plena adesão de todos para, formando um só e compacto corpo uníssono e cheio de fé e entusiasmo, proclamar de um ao outro extremo: Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera! E lá no término assistir ao Te Deum laudamus diante de uma população inteira que genéflexa receberá as bênçãos do Deus de amor!

Durante o período de julho de 1900 a janeiro do ano de 1901, são encontradas dezenas de anúncios divulgando as datas em que seriam realizadas as conferências e as procissões em homenagem a Jesus Cristo Redentor por diversas localidades e paróquias de Pernambuco, além de tantos outros anúncios comunicando os eventos que já haviam sido realizados, com relatos da forma grandiosa como ocorreram. Como exemplo relataremos adiante a festividade realizada na freguesia de Canhotinho e que foi publicada no jornal A Província (24 out. 1900, p. 1):

Canhotinho. SOLENE ROMARIA. Escrevem-nos: Conforme estava anunciada, realizou-se no domingo 14 do corrente, a solene romaria que os católicos desta freguesia promoveram em homenagem a Jesus Cristo Redentor. Desde o dia 13, à noite, era grande o número de romeiros que de diversos pontos chegaram a esta villa. Às 6 horas da tarde, ao repicar festivo do campanário, fendeu aos ares uma salva de foguetes anunciando a véspera do dia feliz, em que os fiéis deviam prestar sua homenagem a Jesus Redentor. Às 3 horas da manhã do dia 14 os romeiros foram despertados por uma salva e pelo toque dos sinos, que os convidavam a se reunirem na matriz, onde devia ser celebrado o santo sacrifício da missa. Às 5 horas da manhã, presente na matriz a irmandade do Santíssimo Coração de Jesus, toda trajada de branco, ostentando as dignas irmãs suas medalhas e escapulários, empunhando o rico estandarte do Coração de Jesus, (todo bordado a ouro) a distinta e incansável presidente do Apostolado, e segurando o estandarte do menino-Deus um dos membros da comissão paroquial, o revdm. vigário Alexandre celebrou a santa missa, oferecendo-a em intenção de todos os fiéis e romeiros. [...]

Em Garanhuns, o anúncio que divulgou a procissão de 9 de setembro de 1900, entre a Matriz de Santo Antônio e a capelinha de Frexeiras, assim também mencionou a conferência de 23 de agosto: “No dia 23 de Agosto realizou-se a terceira conferência católica em homenagem a Jesus Redentor. Foi conferencista o Sr. Dr. Severiano Peixoto, que, sobre a tese: 'A Justiça e a Caridade', falou por mais de uma hora, sendo muito aplaudido ao terminar seu discurso.” (Jornal do Recife, 28 set. 1900, p. 1).

As celebrações festivas em Santa Quitéria, através dos diversos elementos e rituais cristãos do catolicismo, atraíam e movimentavam milhares de pessoas anualmente até o povoado de Frexeiras para celebrar, agradecer e pedir proteção e graças a santa milagrosa, entretanto, muitos dos que lá frequentavam as festividades, se moviam atraídos pela diversão, descontração e lazer, proporcionada pela festa profana. Desta forma, vejamos como se dava a dinâmica das atividades profanas que integravam essa grandiosa festa.

3.3.2 A dinâmica das práticas profanas na Festa de Santa Quitéria de Frexeiras

Conforme vem sendo retratado no curso desse trabalho, faz parte da tradição da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, que os devotos e romeiros em suas homenagens à santa milagrosa insiram elementos da cultura popular, a exemplo da música, da dança e dos foguetórios, porém, esses são elementos, que apesar da natureza profana, podem ser direcionados para a exteriorização da fé e da devoção, portanto, aceitáveis e permissíveis no ambiente das manifestações religiosas.

Na sequência, daremos atenção àquelas práticas e elementos que têm natureza exclusivamente profana, mas que complementam as festividades em homenagem a Santa Quitéria e são direcionadas exclusivamente ao entretenimento e a diversão da comunidade, devotos ou não da Santa Quitéria.

Nesses momentos festivos recaíam as maiores preocupações dos membros do clero, pois era quando os participantes dos eventos ficavam mais suscetíveis a perda da lucidez e ao cometimento de excessos, seja no tocante ao consumo de bebidas, à prática de violência ou no tocante às práticas consideradas indecorosas. Daí a preocupação dos membros da igreja católica, pois a perda do controle sobre o comportamento das pessoas nesses eventos, e a consequente ocorrência de práticas consideradas impróprias ou inadequadas, poderiam resultar em impressões negativas e falatórios sobre a imagem da Igreja, tendo em vista que tais acontecimentos estariam ocorrendo no contexto de uma festa religiosa em homenagem a uma santa do catolicismo, e independentemente da Igreja ter responsabilidade direta ou não sobre a organização do evento, a perspectiva sob a ótica de quem visita a comunidade e participa dos festejos é de relacionar o evento festivo com a instituição Igreja Católica.

Os relatos encontrados durante os primeiros anos pesquisados demonstram um aparente controle sobre as práticas comportamentais durante as festividades, transparecendo a ideia de que as comemorações se davam num ambiente familiar e de decoro. Uma publicação do jornal Diário de Pernambuco (02 out. 1884, p. 2), relata que durante os dias festivos, uma prática comum no povoado eram os passeios que as famílias faziam pela rua e pelo pátio da capelinha, onde observavam o ambiente que havia sido cuidadosamente preparado e enfeitado para o período festivo e que aparentava um visual agradável e acolhedor. Ali permaneciam para presenciarem a chegada de mais e mais pessoas que compareciam em grande quantidade para participarem das comemorações que se seguiriam pela tarde e noite adentro.

Durante a tarde era quando se intensificava a chegada de pessoas para as comemorações a Santa Quitéria, que se aglomeravam para aguardar as solenidades religiosas e os festejos de cada noite. Nesse intervalo faziam suas visitas a imagem da santa milagrosa, onde rendiam graças, faziam suas promessas, faziam a travessia por debaixo do altar da santa, prestavam agradecimentos pelas graças alcançadas, via de regra, apresentando a entrega de um ex-voto que representasse o benefício recebido.

Mas ainda durante o período da tarde uma outra atividade compunha a programação e o entretenimento das festividades. Encontramos na publicação do jornal Diário de Pernambuco (17 set. 1885, p. 2), que durante as festividades de Santa Quitéria de Frexeiras daquele ano “Houve à tarde uma bonita cavalhada e á noite um lindo fogo artificial”.

Ao que parece a cavalhada era um tipo de manifestação recorrente nas festas religiosas de Garanhuns, pois conforme relata Alfredo Leite Cavalcanti, ela fazia parte da programação de encerramento das festas natalinas. Era composta de vinte e quatro cavalheiros elegantemente trajados, que cavalgavam corcéis escolhidos, arreados com guizos, e que empunhavam cada um a sua lança; enfileirados em duas colunas e sob o trote moderado dos cavalos percorriam as principais ruas da cidade. Ao término do percurso os cavalheiros realizavam corridas empunhando lanças com o objetivo de tirar umas argolinhas que ficavam penduradas em local específico. Àqueles que conseguissem tirá-las as ofereciam as suas beldades, e estas por sua vez correspondiam a amabilidade enlaçando na lança a fita que enfeitava o cabelo (Cavalcanti, 1997, p. 222 – 223).

Figura 34 – Ilustração de uma cavalhada realizada na Rua Cônego Costa, em Bebedouro, Maceió - AL.



Fonte: História de Alagoas, foto: Marcel Gautherot, 1955.

Segundo Marilyse Meyer, citada pela historiadora Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, em sua tese de doutorado intitulada: “Luminárias, músicas e sentimentos patrióticos: festas e política no Recife (1817-1848)”, as cavalhadas “eram uma ocasião de exibir não só destreza como ostentação de riqueza pelas vestimentas e ajaezamento dos cavalos. Nos tempos coloniais era praticada nos grandes festejos cívicos e nas festas de igreja, o que colaborou com a sua popularização (Meyer, 2001, p. 228 e 239 apud Santos, 2018, p. 181).

Ao anoitecer as pessoas participavam da novena ou da celebração da missa, conforme fosse a programação do dia festivo, e logo após encerradas essas manifestações de devoção e fé, os fogos marcavam o encerramento da celebração religiosa daquela data e os menos ortodoxos se entregavam ao deleite das comemorações profanas marcadas por música, dança, comida e bebida, que avançavam madrugada adentro. Eram ocasiões onde comumente famílias inteiras da comunidade local se reuniam em frente das suas residências em agradável e íntima convivência, dançavam, bebiam, cantarolavam, enfim, se divertiam (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 2).

Já ao longo da rua, sob o agradável ar livre exalado pelo clima campestre do vilarejo, homens, mulheres e crianças aproveitavam a noite nos entretenimentos oferecidos nas barracas, onde uns lançavam as guloseimas que eram comercializadas, como bolacha, bolo, cocada, arroz doce, cidras, capilés, gengiberras e outros refrigerantes; alguns curtiam a noite consumindo as bebidas alcoólicas típicas da época, como a genebra, o vinho do Porto e o aguardente; outros se entregavam as jogatinas, apostando dinheiro nos jogos de roleta, dados, baralhos, etc., e os demais se entregavam ao delírio do samba que era cantado ao som compassado da clássica viola, pelos poetas populares que entoavam suas trovas à desafio (Diário de Pernambuco, 02 out. 1884, p. 2; Cavalcanti, 1997, p. 222).

Cumprido esclarecer ao leitor, que diferentemente do ritmo que atualmente conhecemos, o termo samba outrora tinha outro significado. Conforme Baptista Siqueira, citado por Lídia Rafaela dos Santos, seu registro remonta aos tempos coloniais, era uma forma de dança, canto de trabalho ou estava associado às manifestações folclóricas das festas natalinas e juninas; suas manifestações ocorriam em especial nos povoados, vilas e engenhos, e quando chegou ao litoral fundiu-se, entre outras manifestações dançantes, com a dança de roda. (Siqueira, 1978 apud Santos, 2018, p. 239).

Na obra do romancista Franklin Távora, intitulada “O Matuto”, o samba era um ritmo tocado e cantado pelos tocadores de guitarra e viola, ao mesmo tempo que era dançado pelos participantes. A forma como o samba era dançado, é retratado por Távora sob a manifestação vivida pelo personagem Lourenço, protagonista do já referido romance, quando este tendo tomado uns goles de cachaça, soltou sua voz a cantarolar ao pé do violeiro, ao tempo que muitos convidados aproveitaram a empolgação para entrar na roda, tripudiando, fazendo recortes e negaças com o corpo e atirando umbigadas. (Távora, 1878, p. 179-180). “As umbigadas (movimento das ancas) durante o século XIX eram comumente associadas às danças dos escravos e taxadas como práticas ofensivas a moral pública e a barbárie, sendo muitas vezes proibidas.” (Santos, 2018, p. 238).

Já o historiador Alfredo Leite Cavalcanti, ao retratar as festas domésticas que aconteciam na cidade de Garanhuns durante o período que correspondia ao da presente pesquisa, informa que “a classe pobre dançava cocos, sambas e rodas de parselhas trocadas, bem como, sapateados, sendo estes exibidos através de engraçados trejeitos entre os quais as 'umbigadas', retribuídas e acompanhadas por estalos dos dedos das mãos.” Por outro lado, as classes sociais mais abastadas “dançavam lanceiros, quadrilhas, mazurcas, polcas, xotes e valsas.” (Cavalcanti (1997, p. 226).

Não podemos deixar de observar a forma como as pessoas que pertenciam as diferentes classes sociais se apropriavam de elementos e práticas que as distinguiam nos ambientes e eventos festivos, mesmo quando se está tratando de festas populares, cuja destinação é o amplo público. Afirmam Doralice Sátyro Maia e Nirvana Lígia Albino Rafael Sá, que “Enquanto fenômeno social e manifestação cultural, a festa simboliza os costumes, as crenças, mas também o poder e as diferenças sociais” (Maia; Sá, 2008, p. 20), assim, os símbolos são apropriados conforme a constituição e formação das camadas ou classes sociais nas quais as pessoas estejam inseridas.

Apesar da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras consistir num evento do catolicismo popular, cuja participação independia da classe ou condição social na qual a pessoa estivesse inserida, notamos que os elementos culturais e religiosos eram apropriados pelos participantes de forma que os distinguiam conforme as suas respectivas classes sociais. Como exemplo vimos o samba, que se tratava de uma dança comum das classes menos favorecidas, por outro lado, a cavallhada, que era uma prática que servia para distinguir a contribuição da classe mais abastada na realização dos festejos, entre outros.

3.4 Disputas pela Festa de Santa Quitéria de Frexeiras.

Vimos que a partir da década de 1890, com o advento da República, a Igreja promoveu um crescimento mais acelerado de sua estrutura e dos serviços de evangelização. Entretanto, não podemos deixar de pontuar que esse crescimento contou com o auxílio das receitas resultantes das doações, daquelas pertinentes às celebrações próprias dos rituais católicos, além do dízimo, já que este outrora era arrecadado pelo governo imperial, portanto, sob administração exclusiva da Igreja foi possível ser melhor aproveitado para os melhoramentos e benfeitorias da estrutura da própria Igreja.

É a partir desse novo paradigma, que nesse período tem início um processo de deterioração da relação entre os membros da Igreja que atuavam em Garanhuns e a família dona da imagem da Santa Quitéria de Frexeiras, visto que pelo processo de romanização a Igreja passou a se apropriar de forma mais incisiva, assumindo o controle dos elementos, dos símbolos e dos locais de culto católico, porém, a família proprietária da imagem da Santa Quitéria não aceitou entregar a capelinha e a imagem da Santa Quitéria para a administração e o controle pela Igreja Católica.

Já por outro lado, a família proprietária da imagem de Santa Quitéria se recusou a transferir o controle da capela para a Igreja Católica, fato supostamente explicável pelas possíveis vantagens econômicas que a família auferia em razão das doações ofertadas pelos romeiros, em virtude das graças alcançadas pelas promessas feitas à santa.

Nesse sentido, foram encontradas publicações jornalísticas que criticavam o comportamento dos proprietários do santuário. Uma delas, publicada anonimamente no *Jornal Pequeno* (20 ago. 1952, p. 3 e 5), sob o título: “A Industrialização da Fé. Os milagres de Sta. Quitéria são uma indústria rendosa”, aborda, entre outros temas, a questão da “propriedade privada” e faz as seguintes considerações:

Figura 35: Matéria sobre a exploração da fé dos romeiros. *Jornal Pequeno*, 20 de agosto de 1952.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

[...] Em palestra com a reportagem, disse o sr. Olegário Guilherme da Rocha, atual mandatário, que os seus parentes se celebrizaram pelo amor ao próximo e ele continua na mesma linha. Adiantou não auferir nenhum lucro das esmolas, pois as mesmas são investidas nos preparativos dos festejos anuais, por vezes onerosas. Mas, ao que conseguimos apurar, sucede justamente o contrário. O Sr. Guilherme da Rocha tem em sua Santa Quitéria um meio de vida dos mais fáceis, indústria rendosa para a qual não são necessários investimentos de capital. Quase todas as pessoas que se destinam a Frexeiras de Sta. Quitéria levam consigo vultosas esmolas, em dinheiro ou em objetos preciosos. Somente na manhã em que estivemos, fiéis depositaram num enorme cofre, cédulas, o que significa dizer que, no fim de cada dia, o montante em dinheiro se eleva a milhares de cruzeiros. Imagine-se no período dos festejos, data que os matutos escolhem para pagar as suas promessas!

Em uma segunda reportagem, produzida pela jornalista Luzanira Rêgo, publicada no *Diário de Pernambuco* (18 set. 1977, p. B-01), intitulada: “Frexeiras de Santa Quitéria: mais de dois séculos de fé e... lucros”, a referida jornalista faz a seguinte afirmação:

o decorrer desses 265 anos, porém, foram muitas as vantagens que os Correa da Rocha tiraram da posse da imagem de Santa Quitéria, entre elas se destacando os bens de Olegário Guilherme da Rocha, atual detentor da guarda do Santuário de Frexeiras. Proprietário de fazendas em Pernambuco e na Paraíba, de postos de gasolina em Garanhuns, casas e terrenos no Recife e gordas contas bancárias. Olegário é o que se pode chamar de “um homem discreto”: seus bens estão sabiamente registrados nos nomes da sua segunda esposa e dos seus [ilegível] filhos e ninguém sabe calcular exatamente o valor da sua fortuna pessoal e familiar.

Outros motivos podem ter existido para que a família proprietária da imagem da Santa Quitéria não tenha se desapegado dela, e conseqüentemente não a tenha transferido para quem detém o direito de exploração das imagens dos santos, bem como, da promoção da fé, da devoção e dos sacramentos católicos, que é a Igreja Católica, porém, os possíveis motivos propagados em matérias de jornais seriam os interesses e as vantagens econômicas que os proprietários da capela estariam auferindo.

O fato é que chegado ao ano de 1918, a Igreja Católica reunia uma considerável estrutura de patrimônio e de religiosos, através dos quais executava suas atividades pastorais e de evangelização, porém, não detinha o controle sobre a imagem da Santa Quitéria e da capelinha de Frexeiras.

Por outro lado, esse crescimento alçou Garanhuns a condição de se tornar diocese. E assim, a conquista se deu por meio da Bula do Papa Bento XV, de 2 de agosto de 1918, que criou a Diocese de Garanhuns, a qual teve como primeiro governador o bispo Dom João Tavares de Moura, eleito em 3 de julho de 1919, e empossado em 26 de outubro desse mesmo ano (Cavalcanti, 1997, p. 352; Diário de Pernambuco, 26 out. 1919, p. 2).

As solenidades da posse do reverendíssimo bispo se prolongaram por três dias (26, 27 e 28); estiveram revestidas de muita pompa e honrarias, e contaram com a participação ampla da sociedade garanhuense. Um trem partiu de Recife especialmente alocado para conduzir o prelado e sua comitiva, fazendo paradas nas localidades de Aripibu, Joaquim Nabuco, Catende e Palmares, onde ele também recebeu homenagens.

Então, no dia 28, pelas 19:00 horas, aconteceu o encerramento das homenagens e solenidades da posse em Garanhuns, com a realização de um grande concerto instrumental e vocal, no salão do cinema Grossi, com uma assistência numerosa e seleta, onde o reverendíssimo bispo recebeu grandes manifestações de carinho das famílias garanhuenses (Diário de Pernambuco, 26 out. 1919, p. 2; Diário de Pernambuco, 27 out. 1919, p.3; Diário de Pernambuco, 29 out. 1919, p. 1).

A diocese de Garanhuns, quando da sua criação, apresentava a seguinte estrutura, conforme dados publicados pelo jornal Diário de Pernambuco (26 out. 1919, p.2):

[...] Fazem parte dela as freguesias de Garanhuns, Bom Conselho, Correntes, Palmeiras, Águas Belas, São Bento, Canhotinho, Quipapá, Catende, Palmares, Pannels, Lagoa de Gatos, Belém de Maria, Água Preta e Barreiros, com uma população calculada em cerca de 500.000 habitantes. O novo bispado tem um patrimônio de 50 contos de réis, reunido pela comissão, e um palacete oferecido pelo revdm. cônego dr. Benigno de Lyra. Tem 15 padres seculares, 2 colégios para meninas dirigidos por freiras, um em Bom Conselho e outro em Garanhuns, dirigido por padres seculares e outro pertencente à Santa casa de misericórdia em Colônia, entregues aos padres salesianos. Em Bom Conselho, os religiosos capuchinhos têm uma residência. A catedral de Garanhuns e a igreja matriz consagrada a Santo Antônio, um dos maiores e mais famosos templos do sul do Estado. Reformada inteiramente nestes últimos anos, a catedral é digna da progressiva cidade serrana.

No ano de 1921, conforme publicação do Jornal do Recife (10 set. 1921, p. 04), o bispo diocesano Dom João Tavares de Moura promoveu mais um melhoramento para a estrutura da diocese de Garanhuns, que foi a aquisição e incorporação ao patrimônio da diocese, de um elegante e bem localizado imóvel, para onde foi transferido a sede do bispado. O novo palácio episcopal da Diocese de Garanhuns foi adquirido junto ao Sr. Antônio Dantas, pelo preço de 30 contos.

Figura 36 – Dom João Tavares de Moura, primeiro bispo da Diocese de Garanhuns.



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928

Após a criação da diocese e a posse do revdm. bispo Dom João Tavares de Moura, a relação entre os proprietários da capelinha de Frexeiras e a diocese de Garanhuns, que já era frágil, avança para um processo de deterioração durante os próximos anos.

Na matéria produzida pela jornalista Luzanira Rêgo, publicada no jornal Diário de Pernambuco (18 set. 1977, p. B-01), ela apresenta uma entrevista com o monsenhor Tarcísio Falcão, então Vigário-geral da diocese de Garanhuns, que a época tinha 69 anos de idade, na qual ele relembra as divergências ocorridas entre os membros da igreja e os proprietários da capelinha de Frexeiras desde a criação da diocese e faz as seguintes afirmações:

Figura 37 – Palácio episcopal da diocese de Garanhuns.



Fonte: Revista da Cidade, nº 86, de 14 de janeiro de 1928

[...] 'desde 1918, quando foi criada a diocese de Garanhuns, os representantes eclesiásticos tentam dar uma conotação religiosa à festa turística e profana de Santa Quitéria, mas a família proprietária do santuário nunca permitiu a nossa interferência no lugar. Daí ter sido proferida uma ordem no sentido de que não fossem celebrados ofícios religiosos de qualquer espécie, sob pena de serem suspensos de ordem os infratores'.

Em razão das divergências entre os proprietários e os membros da igreja acerca do controle sobre a capela e a imagem, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, principalmente após a primeira década do século XX, vai perdendo cada vez mais o caráter religioso oficial e se tornando uma festa exclusivamente leiga, cujos eventos vão deixando de ter a participação de membros do clero, passando a ser um local exclusivamente de culto popular ou leigo, cuja festa ganha uma conotação essencialmente profana, apesar da fé e da crença dos romeiros nos milagres alcançados pela intercessão da santa milagrosa, que aparentemente participam das festividades alheios a essa disputa, apenas motivados pela fé, pela crença na Santa Quitéria e atraídos pelo clima místico do santuário.

Também a partir da década anteriormente mencionada foram poucas as publicações encontradas que dão informações sobre a festa da Santa Quitéria, e as que foram possíveis de identificar, anunciavam ou relatavam as festividades de forma genérica, não indicando qualquer ocorrência de solenidades que tivessem sido realizadas por membros do clero, como a celebração da missa, bênção ou procissão. No máximo divulgavam as novenas, a exemplo da festa acontecida no ano de 1921, conforme publicação do Jornal do Recife (10 set. 1921, p. 04), com o seguinte teor: “As novenas começadas a 31 de agosto têm se revestido de grande concorrência, [...]” Ou ainda uma outra publicação da festa que aconteceu no ano de 1931, essa no Diário de Pernambuco (22 set. 1931, p. 5), com o seguinte conteúdo:

[...] Como nos anos anteriores realizaram-se com muita animação as tradicionais festas no povoado de Frexeiras em honra a Santa Quitéria. Àquele povoado compareceram vários romeiros das localidades vizinhas, que foram assistir às festividades religiosas, que tiveram um alto cunho de piedade cristã.

A principal justificativa para que a Igreja Católica orientasse seus membros para não participar e não celebrar durante os eventos festivos em homenagem a Santa Quitéria de Frexeiras, seriam os excessos profanos que estariam ocorrendo durante as referidas festividades. Falava-se em excessos e vícios que não eram explicitados, mas é possível que estivessem relacionados ao consumo excessivo de bebidas, violência e práticas consideradas indecorosas por conter conotação sexual.

Vejamos que enquanto no ano de 1931 o Diário de Pernambuco publicou o anúncio que o reproduzimos no penúltimo parágrafo, dando a informação de que a festa daquele ano teve um alto cunho de piedade cristã, dois anos antes o Jornal do Recife (24 set. 1929, p. 2), havia publicado na parte das informações sobre Garanhuns a seguinte crítica: “[...] Realizou-se na semana passada, a tradicional Festa de Santa Quitéria, a maior efervescência de vícios que tem lugar, anualmente, nesta região.”

Diante da manutenção da recusa da família proprietária do santuário em permitir que a Igreja se apropriasse da imagem da Santa Quitéria, controlasse as ações permanentes e organizasse as festi-

Figura 38 – Portaria proibitiva de Celebração de missas na capelinha de Frexeiras.



Fonte: Jornal O Monitor, 1931.

vidades anualmente realizadas no santuário de Frexeiras, além da insatisfação do governo da diocese com a forma como vinha sendo conduzida a organização do evento, finalmente foi tomada uma decisão extrema que proibiu em definitivo os sacerdotes de celebrarem no local, o que formalmente transformou a festa religiosa de Santa Quitéria de Frexeiras numa festa exclusivamente leiga, pois a partir de então a sua programação não mais teria a participação de sacerdotes para celebrar a santa eucaristia ou qualquer outro ato solene privativo do clero.

O ato que efetivou a decisão foi uma portaria do governador da diocese de Garanhuns, expedida no dia 10 de setembro do ano de 1931, logo após a realização da Festa de Santa Quitéria de Frexeiras daquele ano, a qual foi publicada no dia 18 de setembro do mesmo ano, no jornal O Monitor, órgão de imprensa pertencente a diocese de Garanhuns e de circulação local. O então governador da diocese de Garanhuns era o bispo Dom Manuel Antônio de Paiva, segundo prelado da referida diocese, o qual havia tomado posse no dia 08 de dezembro de 1928, em substituição ao falecido bispo Dom João Tavares de Moura. Em sua decisão, determinou que nenhum sacerdote poderia celebrar missa no santuário de Santa Quitéria de Frexeiras a partir da data da publicação da referida portaria. (O Monitor, 18 set. 1931, p. 3).

Por fim, vale ressaltar, que ao longo dos anos pesquisados, aparentemente alheios a disputa entre a família proprietária da capela de Santa Quitéria e a diocese de Garanhuns, estiveram os devotos e romeiros da santa milagrosa, que aos milhares frequentavam o santuário de Frexeiras e participavam da festa em homenagem a santa, pagando suas promessas e entregando aos pés do altar a simbologia representativa da graça ou do milagre alcançado, que são os ex-votos, os quais aos milhares ornaram o santuário e documentam os mais diversos milagres atribuídos a Santa Quitéria, pelos que nela depositaram sua fé e crença.

O MONITOR

O jornal O Monitor foi um órgão de imprensa que pertenceu a diocese de Garanhuns, teve o seu primeiro número editorial publicado no dia 15 de maio de 1931; em seu início foi dirigido pelo Padre Diegues Júnior, seguido do Mons. José de Anchieta Calou e muitos outros; mas enquanto esteve sob a propriedade da diocese sempre foi dirigido por sacerdotes ou religiosos; durante esse período vários sacerdotes também fizeram parte do corpo de redatores e da supervisão do conteúdo publicado. Possuiu oficina própria e foi o jornal local que mais tempo permaneceu em circulação na cidade de Garanhuns (Rêgo, 1987, p. 256 – 257)

3.5 Ex-votos de Santa Quitéria: representação de fé e comunicação com o divino.

Por fim, não podemos deixar de fazer uma breve, mas necessária abordagem sobre os elementos que se encontram relacionados à festa, ao santuário de Frexeiras, à imagem da Santa Quitéria e aos milagres por ela operados, que são os ex-votos. Esses elementos que representam uma materialização do milagre pelo romeiro ou peregrino, atribui uma característica que marcadamente associa o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras a um local de culto da religiosidade popular, e expressa o clima místico do santuário.

Os ex-votos consistem no desfecho, na conclusão da jornada do romeiro da Santa Quitéria, o qual, após haver feito uma promessa com a santa milagrosa e ter obtido uma graça ou milagre, comparece ao santuário para cumprir a sua missão de agradecer aos pés do altar, entregando um símbolo material ou uma penitência que represente a graça ou o milagre alcançado.

O que fundamenta o ex-voto cristão é o milagre, sendo assim, toda oferta votiva representará que se cumpriu o acordo firmado entre a divindade e o devoto, que a graça foi alcançada e é importante que ela seja revelada ao conhecimento dos cristãos e contribua para divulgar a força e o poder que o santo possui. De acordo com o jornalista, teólogo e filósofo, Luís Erlin Gomes Gordo:

O ex-voto é uma manifestação cultural enraizada na tradição greco-romana, configurando um “acerto de contas” de natureza mística. Trata-se em verdade de “transação simbólica”, cuja operação inicial transcorre no âmbito privado – o pedido feito e a promessa negociada – mas que se torna público quando (e se) houver o atendimento da súplica. Nesse momento, o milagre é anunciado por meio de penitências ou sinais que explicitam a graça alcançada (Gordo, 2014, p. 15).

Acrescenta a historiadora Julita Scarano, que essa exposição tem a função de comunicar aos demais membros da comunidade que se um deles alcançou uma graça, qualquer deles que confiar e tiver fé na divindade também poderá alcançar um favor dos Céus. “... o ex-voto divulga a fé, a crença no poder de Deus e na oração e é visto como algo que aumenta o fervor de toda a comunidade” (Scarano, 2004, p. 37).

A relação da promessa se manifesta em dois momentos. Primeiro, o fiel, em oração e na intimidade, faz um acordo com a divindade, estabelecendo o que cumprirá ao receber a graça. É um ato individual, baseado na fé de quem deseja alcançar a bênção. No segundo momento, após receber a graça, ocorre a exteriorização do milagre: a divulgação pública e o testemunho à comunidade por meio dos ex-votos, que concluem a comunicação entre o devoto e a divindade.

A historiadora Julita Scarano (2004, p.37), complementa a compreensão sobre os ex-votos com a seguinte afirmação:

A comunidade dos fiéis é capaz de LER a mensagem contida nos ex-votos. Ela faz parte do código católico e, formal ou informalmente, a população circundante dela tem conhecimento. É capaz, inclusive, de identificar do que se trata, mesmo que o ex-voto represente apenas uma pequena parte do corpo humano.

Enfim, sentir-se que não é só e não está sozinho diante das dificuldades, que tem um poder ou força superior que o protege, que o livra das infelicidades e dos desalentos. Que nos momentos difíceis pode contar com essa força divina vinda dos Céus, produz uma sensação de que é possível vencer o aparentemente invencível, superar o aparentemente insuperável, alcançar o aparentemente inalcançável. E nessa relação, as igrejas, os santuários, enfim, todos e quaisquer locais sagrados funcionam como os portais para contato com as divindades, são ambientes que auxiliam nas etapas da pactuação humana com o sagrado, em especial para o agradecimento e a oferta votiva.

A crença em forças superiores nasce da espiritualidade que muitos acreditam ser inata, intrínseca ao ser humano, um homem espiritual. “Diz-se que o ser humano é espiritual quando se considera que, em sua maioria, o gênero humano acredita que a vida não é só matéria, mas existe uma força maior que organiza ou rege a existência” (Gordo, 2019, p. 51).

Consistindo numa prática milenar, os ex-votos representam o agradecimento ou o pagamento por um milagre ou graça alcançada pelo devoto, por uma promessa realizada ao santo de sua devoção. Essa forma de agradecimento, entendida por uns, ou de pagamento, compreendida por outros, se trata de uma prática recorrentemente manifestada pelo catolicismo popular. Porém, conforme ressalta Gordo (2019, p. 28-29), atribuir essa prática exclusivamente ao catolicismo popular, parte de uma visão reducionista de compreender os ex-votos, e elenca formas de ex-votos que também são manifestadas e incentivadas em denominações evangélicas, através de oferendas por milagres recebidos, mesmo que lá essas práticas não recebam a conceituação de ex-votos. Também relata que são encontradas manifestações análogas aos ex-votos nas oferendas oferecidas aos orixás, nas religiões afro-brasileiras.

O ex-voto se diferencia da penitência, pois esta, mesmo quando utilizada para agradecer ou pagar uma graça ou milagre recebido, é feita por meio de atos praticados na forma de orações, esmolas, vigílias, sacrifícios, como: jejuns e peregrinações, que também são oferecidos à divindade a quem confiou seu pedido. “Aos olhos dos humanos, o ex-voto é um legítimo e válido veículo de troca de bens e apresenta ainda outra variável: é uma paga, paga simbólica, feita por aquele que recebeu a graça” (Scarano, 2004, p. 36).

De acordo com Luís Erlin Gordo, a palavra ex-voto tem origem no latim “Ex” e “Votum”, que juntas, era uma prática votiva na antiga Roma. Votum (singular), vota (plural), significa uma promessa ou um voto feito a uma divindade. Criada pelos romanos, nasce com um cunho estritamente religioso, pois significava as promessas que eram feitas aos deuses. O Votum decorre do particípio do passado do verbo latino voveo – vovere, que também tem o significado de “voto”, prometer, dedicar algo a alguém (Gordo, 2014, p. 31; Gordo, 2019, p. 75). A primeira imagem religiosa utilizada pela Igreja sobre a qual se tem notícia, foi doada na forma de votos pela família imperial romana à igreja de Blachernae, no século VI (Belting, 2010, p. 179).

Acrescentamos ainda, que “A locução latina *ex voto* significa pela graça recebida em seu sentido lato. Assim, a intenção do *ex-voto* (usando o sentido escolástico do termo) é o pagamento de algo que foi recebido” (Scarano, 2004, p. 36). O *ex-voto* resulta de um processo pelo qual o fiel, diante de uma dificuldade, estabelece uma comunicação com a divindade com a qual tem uma relação de crença e de fé, buscado dela a intercessão pelo socorro ou auxílio dos céus. Sendo a graça ou o milagre alcançado, estará o devoto envolvido no compromisso de agradecer a divindade, o qual o faz na forma de uma oferta material simbólica, que no geral representa o bem ou o favor obtido. Essa comunicação com a divindade surge da promessa de entregar algo como retribuição e agradecimento, evidenciando a comunicação e gratidão entre o devoto e o ser divino.

Conforme o doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, José Cláudio Alves de Oliveira, os *ex-votos* no Brasil surgiram a partir da seguinte concepção:

Um modelo provável do *ex-voto* é o emblema, gênero composto de imagem e discurso e que passou a circular a partir de 1531 com a edição de *Emblemata*, de Andrea Alciato. No emblema, uma imagem chamada “corpo”, é posta em relação com um discurso chamado “alma”. No *ex-voto*, encontramos uma relação semelhante à do corpo/alma do emblema: a imagem pintada é uma cena composta como memória de um evento milagroso em que uma força sobrenatural representada por um santo, pela Virgem maria ou Jesus Cristo, às vezes pelo Espírito Santo, interveio, alterando o estado desesperado de um doente com a Graça Divina da cura. Abaixo, uma inscrição comenta a imagem, fornecendo elementos que identificam o agraciado e as circunstância em que se deu o milagre. Posto no espaço público da igreja em agradecimento e memória do bem recebido, o *ex-voto* integra-se aos outros, que repetem o mesmo sentido providencial como exemplo e reforço da fé. O *ex-voto* testemunha, desse modo, uma concepção particular da temporalidade: o fiel crê em Deus como Causa Primeira e Final da história. Quando apresenta seu *ex-voto*, reitera a concepção providencialista que é, aliás, concepção de toda a sociedade luso-brasileira desse tempo (Oliveira, 2017, p. 58).

Existem diversas teses sobre como originou-se os *ex-votos* no Brasil, entretanto, o que pode ser afirmado é que se trata de um objeto da devoção e que ingressou no Brasil por intermédio dos navegantes portugueses, que tradicionalmente tinham nessa forma de expressão a possibilidade de agradecer ao santo de sua crença pelo fato de haverem sobrevivido aos desafios do mar durante suas aventuras a caminho do Brasil (Oliveira, 2017, p. 58).

Já no santuário de Santa Quitéria de Frexeiras, é possível que os *ex-votos* façam parte da história do local desde o seu surgimento, pois os documentos de jornais do período pesquisado já retratam referências ao grande acervo de *ex-votos* que lá existia. O jornal *Diário de Pernambuco* (02 out. 1884, p. 2), ao publicar uma matéria sobre a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras acontecida naquele ano, faz a seguinte consideração: “O que há de notável nela é uma grande e variada coleção dos milagres feitos pela gloriosa Santa que existe na sacristia de sua interessante capelinha.” Notadamente a expressão coleção de milagres está fazendo referência ao grande número de *ex-votos* que recobria as paredes e preenchia todo o interior do casarão/capela.

Conforme Oliveira (2017, p. 59), na tradição portuguesa os *ex-votos* são conhecidos apenas por “milagres”, e transmitem a ideia de “promessa”, cuja fé é materialmente representada. O fiel em algum momento estabeleceu uma comunicação com o santo, buscando a intercessão dele com Deus, e foi nessa relação entre o homem e o sagrado, que firmou a promessa de materializar em forma de *ex-voto* o agradecimento pela graça que venha a alcançar do Alto.

Cumpramos informar que não identificamos no santuário de Santa Quitéria a existência de ex-votos com inscrição de data, cuja indicação das ofertas remonte ao período abrangido pela pesquisa, porém, não podemos afirmar que não existam elementos votivos remanescentes daquele período, pois muitos dos ex-votos não constam inscrição de data, sendo mais comum a informação relativa a data nas tábuas votivas, porém, quanto a estas existem indicações de que vêm sendo vendidas ao longo do tempo pelos proprietários do santuário, para colecionadores, para museus, ou para outros interessados nesse tipo de arte. Fato possível de ter ocorrido com diversos tipos de peças e obras de artes votivas, pois fazendo uma simples busca na rede mundial de computadores, encontramos algumas tábuas votivas oferecidas à santa milagrosa, que foram negociadas no site Paulo Vasconcelos Leilões, onde consta a informação de que foram vendidas. Também encontramos a obra de arte “Autorretrato”, disponível no Museu do Homem do Nordeste, cuja fotografia consta publicada no site da FUNDAJ, com a informação de que foi adquirida pelo referido museu, junto aos proprietários do santuário.

FIGURA 39 – tábua votiva em agradecimento pela libertação dos vícios dos jogos e das bebidas.



Fonte: Paulo Vasconcelos Leilões.

FIGURA 40 – tábua votiva em agradecimento pela água do poço.



Fonte: Paulo Vasconcelos Leilões.



Cada santo ou grupo de santos são invocados de acordo a situação, pois a ele é atribuído, via de regra, o poder de cura ou proteção específica. Não significa que pedidos diversos daqueles que são tradicionalmente atribuídos a determinados santos não possam ser também solicitados a ele, porém, quando se identifica o santo que a tradição a ele atribui o poder de ação, é a regra que seja direcionado o específico pedido ao mesmo.

AUTORRETRATO

Obra de arte popular produzida em barro cozido pelo ceramista Vitalino Pereira dos Santos (o Mestre Vitalino), natural de Caruaru-PE, durante a década de 1950.

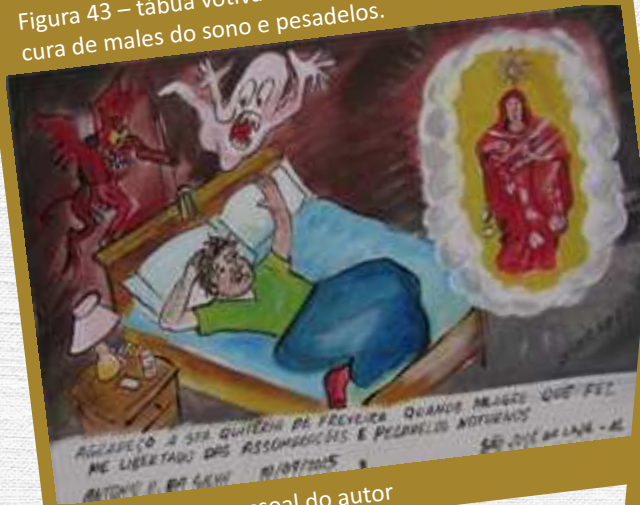
Em razão do Mestre Vitalino ser devoto da virgem mártir, utilizou a referida obra como um ex-voto para pagar uma promessa na capela de Santa Quitéria de Frexeiras.

Na obra o artista reproduz a imagem que lembra sua fisionomia, caracterizada pelo início de uma calvície e o formato do bigode. A qual apresenta ainda manchas vermelhas nas pernas, indicando sintomas de erisipela, infecção bacteriana que atinge a camada mais profunda da pele, provocando vermelhidão, dor e inchaço.

O Museu do Homem do Nordeste adquiriu a peça no ano de 2007, ao Sr. Ivanildo Guilherme Nanes Júnior, membro da família Guilherme da Rocha (FUNDAJ, 2019).

A Santa Quitéria é atribuído o poder de proteção e cura de pessoas angustiadas e deprimidas, além de proteção contra mordida de cachorro e raiva do gado, mas a ela têm sido feitas promessas que abrangem os mais variados pedidos, e atribuídos milagres em diversos aspectos da vida humana, como evidenciado pelos numerosos ex-votos depositados na capelinha de Frexeiras, alguns dos quais são ilustrados neste trabalho. Esses ex-votos estão associados a energia mística que envolve a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras e testemunham a gratidão dos romeiros pelos milagres alcançados, especialmente relacionados à saúde, incluindo curas de doenças e recuperações de traumas de acidentes, atribuídos à virgem mártir.

Figura 43 – tábuas votivas oferecidas em agradecimento pela cura de males do sono e pesadelos.



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 44 – tábuas votivas oferecidas em agradecimento pela cura da depressão.



Fonte: FUNDAJ

Os ex-votos estavam associados a energia mística que envolve a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, cujas manifestações expressavam a gratidão dos romeiros pelos milagres alcançados, os quais em sua grande maioria estavam relacionados a saúde, conforme registram os milhares de ex-votos lá depositados a cada ciclo festivo ou durante as visitas diárias, e que testemunhavam, entre tantos outros benefícios, curas de doenças e recuperações de traumas de acidentes que os devotos atribuem à virgem mártir.

Figura 45 – Ex-votos com temática sobre diversos males da saúde.



Fonte: Anna Terra, 2014

Os conhecimentos fincados em crenças antigas e magias continuavam a manter importante relevância na vida das pessoas, principalmente nas regiões periféricas e mais afastadas do Brasil (Scarano, 2004, p. 11). Verifica-se que em razão do Brasil possuir um vasto território, parte da população afastada ficava condenada ao abandono, pobreza e miséria, e por mais que existisse o desejoso esforço das autoridades governamentais por estudar e analisar produtos naturais que fossem encontrados no território, destinando a eles uma finalidade medicamentosa, essas medidas atingiam apenas uma parcela mais privilegiada da população, como moradores de áreas urbanizadas ou apenas a própria Corte. Assim, formas alternativas de tratamento fundadas em credices, simpatias e na fé das pessoas, ganhavam força como última via para o enfrentamento dos males que afetavam a saúde (Scarano, 2004, p.12).

Se nos dias atuais os recursos espirituais são usados como forma de auxílio e socorro ao alto para proteção do imprevisível, no passado esses recursos já consistiram quase que na única e exclusiva opção aos brasileiros que habitavam os locais mais pobres, miseráveis, abandonados e isolados. Assim, a busca da cura pelo sagrado marcava intimamente uma realidade de abandono que as pessoas viviam, os pedidos aos santos e os agradecimentos na forma dos ex-votos, estabelecia um cotidiano marcado pela necessidade de sobrevivência. Afirma Scarano (2004, p. 13), que: “Ninguém ignora que os ex-votos que conhecemos fazem parte dos artefatos que vigoram desde a Antiguidade ou mesmo da pré-história, ...”.

No contexto dos ex-votos depositados nos santuários, é possível enxergar denúncias que podem revelar verdadeiras tragédias. As imagens de crianças e adultos curados de doenças, mostram que a saúde pública, em determinados momentos do curso da história, não cumpriu com o seu papel de forma eficaz, em especial na região Nordeste. O grande número de esculturas de braços, pernas, cabeças e tantos outros membros depositados, além de inúmeras fotografias de sobreviventes dos males que afetaram a saúde, servem para denunciar como se comportou o atendimento à saúde ao longo do tempo. No tocante as mortes com crianças, Beltrão (apud Gordo, 2013, p.62), afirma que:

A enormidade de promessas com relação a crianças atesta a hecatombe produzida entre elas pela doença, num estado onde os obituários ultrapassam normalmente 60 por cento dos nascidos num só ano. Essa é a razão pela qual as paredes estão cobertas de retratos dos escapados à morte, de ex-votos dos ex-anjos.

Assim, os ex-votos encontrados nos santuários também servem como verdadeiros documentos que retratam as diversas situações das mazelas humanas ao longo da história, portanto, importantes objetos de pesquisa além do âmbito da religiosidade.

Nesse período a religiosidade exercia considerável influência sobre o comportamento das pessoas, em especial sobre àquelas de comunidades interioranas e rurais. Pois, veja que a Igreja Católica exerceu a religião oficial do Estado brasileiro até a Proclamação da República, entretanto, mesmo após alcançar a independência administrativa, continuou gozando de influência política no novo regime. Portanto, a Igreja tendo obtido independência não implicou em retrocesso da influência que exercia sobre o comportamento das pessoas, ao contrário, como instituição independente pode ampliar com maior propriedade a missão de evangelizar, portanto, passou a disseminar com maior vigor a doutrina cristã e expandiu o seu campo de atuação e influência na sociedade.

A cidade de Garanhuns e a região, assim como os demais rincões do país, sentiam os efeitos de uma estrutura de saúde ainda insipiente, com escassez de médicos, leitos hospitalares e demais serviços de saúde, principalmente para atender aos mais humildes e àqueles residentes nas áreas rurais, então, os meios de cura para uma parcela considerável dos males da saúde eram encontrados na fé, nas simpatias e nos tratamentos com plantas e ervas. Afirma Scarano (2004, p. 12), que as novidades com fins terapêuticos obtinham pouco alcance, atingiam moradores de áreas mais urbanizadas, não alcançando a maioria dos habitantes, e o que era considerado pelos mais cultos como meras crenças tradicionais ou superstições ganhava força e permanecia como forma alternativa, ou última via, de enfrentar os males e alcançar a cura.

A situação deficitária da assistência em saúde no interior do estado de Pernambuco, foi motivo de discussão em Congresso Médico promovido pelo Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns, pertencente ao Dr. Tavares Correia, realizado na década de 1930, cujos dados foram publicados no Jornal Diário de Pernambuco (24 dez. 1933, p. 33), os quais informavam que enquanto em Recife existia a disponibilidade de 2.904 leitos, o que correspondia a proporção de 01 leito para cada 139 habitantes, apresentando índice superior aos de Paris, Bruxelas, Amiens, Gand, Berlim, Leipzig, Viena e Brooklyn, o interior do Estado padecia com a escassez de leitos, existindo disponíveis apenas 253 leitos, o que correspondia a uma proporção de 01 leito para cada 20.276 habitantes rurais. Implicando na necessidade de que os leitos fossem aumentados em 74 vezes para atingir uma equivalência com a capital do Estado. Ainda foi relatado o fato de que existiam deliberações tomadas pelas diretorias dos hospitais do Recife, de devolver para os hospitais do interior do Estado, sempre que possível, os doentes deles providos.

Um relato do historiador Alberto da Silva Rêgo, em sua obra “Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os 'players', os poetas, e árvores genealógicas”, através do qual revela um drama pessoal de saúde que, antes da chegada do Instituto Médico Cirúrgico de Garanhuns, foi durante anos enfrentado por meio de tratamento alternativo baseado em credence popular, revela um pouco das crenças e costumes da época aplicados no tratamento dos males da saúde.

Conforme descreveu Rêgo (1987, p. 159), ele que foi levado pelo pai aos Drs. Tavares Correia e Lessa de Azevedo para buscar o diagnóstico e o tratamento de uma cicatriz no peito, resultante de uma queimadura de terceiro grau, a qual apresentava um tecido cutâneo muito fino, que ficava irritado e sangrava, principalmente durante o período invernos. Os médicos ofereceram a opção de tratar por meio de transplante de tecido das nádegas ou pelo uso de ultravioleta, tendo o pai dele optado pelo segundo, o qual foi executado até alcançar o resultado desejado. O tratamento médico-hospitalar aplicado ao caso exposto pelo historiador, substituiu o tratamento alternativo que os pais dele aplicavam baseados em um costume popular que acreditavam poder produzir a cura, o qual consistia em colocar esterco bovino, ainda quente, sobre a cicatriz, deixando-o no local por aproximadamente uma hora, e em seguida era feita a retirada, cuidadosamente, com o uso de água.

Essas formas de tratamento da saúde comumente eram realizadas em associação com práticas relacionadas a religiosidade e a fé, pois ao tempo que se buscava a cura de doenças pela aplicação de substâncias baseadas em conhecimento empírico, orações e promessas eram feitas ao santo devocional com pedidos pela obtenção da cura.

Um fato que não pode deixar de ser considerado é que nunca os conhecimentos humanos e a ciência atingiram poder e força capaz de resolver todas as mazelas da saúde humana. Diante disso, ainda nos dias atuais, quando o homem se sente incapaz de alcançar uma cura desejosa, seja por sentir que suas forças e capacidades de enfrentamento do mal se esvaem ou porque um profissional de saúde já atestou haver findado toda a capacidade do alcance da ciência e da medicina, resta o apelo ao improvável ou ao impossível, cuja capacidade humana compreende que somente poderá ser alcançada por intercessão das divindades espirituais.

Valioso salientar, que mesmo existindo um avanço considerável da ciência e da medicina, inclusive alcançando uma maior parcela da população nos dias atuais, não existe impedimento para que as pessoas conciliem o tratamento pela medicina com os pedidos de auxílio aos Céus buscando a intercessão junto aos seus santos e divindades preferenciais. Não é a descrença na medicina, mas também não é a crença inabalável na ação dela, ocorre uma relativização quando se busca o auxílio do Alto, inclusive são invocadas para encaminhar e orientar as ações do profissional de saúde para que ele obtenha sucesso em sua empreitada de promover a cura. Nos dizeres de Scarano (2004, p. 12 – 13):

É como dizer que sem esse empurrão do Alto não haveria possibilidade de cura; os meios científicos teriam valor, mas eram relativos. É a afirmação de que o poder humano depende em tudo daquele divino e o engenho humano é incapaz de solucionar por si só as questões mais preocupantes, sejam estas relativas à saúde ou a outros males (Scarano, 2004, p. 12-13).

Em síntese, a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras foi um evento cuja mística conciliou a fé, a oração, o entretenimento, a diversão e o lazer, com a busca e o agradecimento pela cura dos males que afetavam a saúde, o espírito e os bens materiais dos devotos, por meio das promessas e das romarias. Nesse contexto, a festa religiosa dedicada a Santa Quitéria transitou pelo tempo deixando marcas naqueles que acreditavam no poder da cura dos males pela intercessão da virgem mártir, e assim, cumpriam anualmente o ritual de participar da festa celebrada em homenagem a referida santa, e alheios às disputas que aconteceram entre o clero e a família proprietária do santuário, se rendiam aos pés da imagem da virgem mártir para agradecer pelos milagres alcançados e para pedir por novas graças. Enfim, celebravam a sua religiosidade e fé, e muitos deles finalizavam as romarias aproveitando o divertimento e o lazer proporcionados pelo consumo das comidas e bebidas típicas, pelas jogatins e pelo o embalo das músicas e das danças tradicionais da época.

Assim, encerramos as narrativas sobre a Festa de Santa Quitéria de Frexeiras, uma festa feita do povo, para o povo e dentro do povo, o qual no estilo mais genuíno de expressar a fé, mantém viva a mística que envolve o santuário de Santa Quitéria de Frexeiras.

FONTES CONSULTADAS

DOCUMENTOS (JORNAIS)

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital

- . **A Província:** 25 de julho de 1900 / 19 de setembro de 1900 / 24 de outubro de 1900 / 03 de dezembro de 1904 / 08 de dezembro de 1904 / 25 de dezembro de 1904 / 27 de dezembro de 1904 / 05 de setembro de 1905 / 30 de agosto de 1906.
- . **Diário da Manhã:** 29 de janeiro de 1930.
- . **Diário de Pernambuco:** 11 de fevereiro de 1880 / 06 de setembro de 1884 / 02 de outubro de 1884 / 17 de janeiro de 1885 / 17 de setembro de 1885 / 17 de setembro de 1887 / 26 de janeiro de 1888 / 05 de setembro de 1890 / 26 de outubro de 1919 / 27 de outubro de 1919 / 29 de outubro de 1919 / 22 de setembro de 1931 / 12 de fevereiro de 1932 / 24 de dezembro de 1933 / 21 de julho de 1937 / 02 de setembro de 1976 / 18 de setembro de 1977 / 07 de julho de 1978.
- . **Jornal Pequeno:** 04 de março de 1909 / 20 de agosto de 1952.
- . **Jornal do Recife:** 02 de outubro de 1887 / 28 de setembro de 1900 / 05 de dezembro de 1905 / 05 de setembro de 1908 / 10 de setembro de 1921 / 14 de agosto de 1924 / 16 agosto de 1924 / 01 de julho de 1928 / 21 de dezembro de 1928 / 25 de agosto de 1929 / 24 de setembro de 1929 / 03 de outubro de 1929.

Cúria Diocesana de Garanhuns

- . **O Monitor:** 18 de setembro de 1931.

DOCUMENTOS (LEIS)

BRASIL. **Lei de 09 de setembro de 1826.** Marca os dias de festividades nacional em todo o Império. Rio de Janeiro: publicada na Chancellaria-mór do Império do Brasil, 1826. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-9-9-1826.htm>. Acesso em 15 de mai. 2023.

PERNAMBUCO (Estado). **Lei nº 3.280/1958, de 25 de novembro de 1958.** Cria o Município de São João, desmembrando do de Garanhuns. Diário Oficial do Estado – Poder Executivo: pág. 1, col. 1, 26 nov. 1958, PL 111/1958.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. **O Império do Divino**. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALMEIDA, Onildo. Onde o Nordeste Garoa. GONZAGA, Luiz. **Dengo**, 1978, RCA. Disponível em: <<https://luizluagonzaga.com.br/onde-o-nordeste-garoa/>>. Acesso em: 25 mai. 2023.
- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. Mudanças na religião. **Vida Pastoral**, São Paulo, Paulus, 1986, ed. 129, p. 8-15.
- AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época**. Tomo II. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977.
- BELO, José Eudes Alves. **Nas colinas onde o Nordeste garoa: Narrativas, memórias e práticas de espaço na cidade de Garanhuns – PE (1937-1951)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História Social. Niterói, RJ, p. 176, 2019.
- BELTING, Hans. **Semelhança e Presença: a história da imagem antes da era da arte**. Trad. De Maria Beatriz Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.
- BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários, capelinhas de beira de estrada. **REB - Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, Vozes, 1977, vol. 37, fasc. 148, p. 741-758.
- BESEN, José Artulino. O Concílio de Trento e a reforma católica. **Encontros Teológicos**. Florianópolis, v.31, n. 2, mai.-ago., 2016, p. 279-294.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Azhar Editor, 2001.
- BLUTEAU, D. Raphael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de JESU, 1712.
- BOADA, Luis. **O espaço recriado**. São Paulo: Nobel, 1991.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. **Rede Nacional de Identificação de Museus**. Brasília. Disponível em: <<https://cadastro.museus.gov.br/painel-analitico/>>. Acesso em: 15 ago. 2023.
- BRÜGGER, Aline Pandeló. **Festa do Rosário em Milho Verde – MG**. In: II Colóquio do Nugea. Juiz de Fora: 2016, p. 1–8. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www2.ufjf.br/nugea/wp-content/uploads/sites/338/2016/06/Texto-Nugea-a-Aline-Pandel%C3%B3.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- BURKE, Peter. **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**, 2ª ed. Recife: FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, 1997.

CARDOSO, Jorge – **Agiológico Lusitano**. Edição fac-similada do original de 1666, vol. III. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

CASIMIRO, Luís Alberto. Quitéria, uma santa da Lusitânia nas terras de Entre-Douro-e-Minho. **Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, Edições Húmus, 2010, v. 27, p. 143 – 162. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/127360>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1**. Artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **O lugar do outro: história religiosa e mística**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2021.

CONCÍLIO Ecumênico de Trento. **Montfort Associação Cultural**. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/bra/documentos/concilio/trento/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CONGONHAS, Festa dedicada a Santa Quitéria é realizada em. **Arquidiocese de Mariana – Minas Gerais**, 2022. Disponível em: <<https://arqmariana.com.br/noticia/festa-dedicada-a-santa-quiteria-e-realizada-em-congonhas/>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860 – 1940)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista. Assis, SP: UNESP, 2004.

DEL PRIORE, Mary Lucy M. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIAS, Juliana Karlla Paes. Frexeiras: **um retrato da fé**. Vídeo-documentário sobre o santuário de Santa Quitéria em Frexeiras. Monografia de graduação em Jornalismo. 30 pag. Caruaru: Faculdade do Vale do Ipojuda. 2011, p 11-12. Disponível em: <<https://silo.tips/download/frexeiras-um-retrato-de-fe-video-documentario-sobre-o-santuario-de-santa-quiteria>>. Acesso em 22 fev. 2022.

DIAS, Jussara Duarte Soares. **O patrimônio na corda bamba de sombrinha: o caso da capela e da Festa de Santa Quitéria no distrito de Rodrigo Silva (Ouro Preto – MG)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Viçosa, MG, p. 289, 2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa (o sistema totêmico na Austrália)**. São Paulo: Paulus, 1990.

ESMERALDAS, Santa Quitéria – Padroeira. **Prefeitura de Esmeraldas – MG**, 2023. Disponível em: <<https://www.esmeraldas.mg.gov.br/historia-de-santa-quiteria-padroeira-de-esmeraldas>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FUNDAJ. **Autorretrato**. Mestre Vitalino (Vitalino Pereira dos Santos), cerâmica Alto do Moura, Pernambuco. Disponível em: <<https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/19-autorretrato>>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GARANHUNS, Sobre. **Prefeitura de Garanhuns**, 2023. Disponível em: <https://garanhuns.pe.gov.br/sobre-garanhuns/>. Acesso em: 16 mai. 2023.

GOMES GORDO, Luís Erlin. **Comunicação (i)material com as divindades: tipos e formas de ex-votos na religiosidade popular**. São Paulo: Ave-Maria, 2019.

GOMES GORDO, Luís Erlin. **Ex-votos: A saga da comunicação perseguida**. São Paulo: Ave Maria, 2015.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época**. Tomo II. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1977.

IBGE. População no último censo, 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-joao/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2023.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n.º 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406/1274>. Acesso em 15 ago. 2022.

KRAAY, Hendrik. **Alferes Gamboa e a Sociedade Comemorativa da Independência do Império, 1869-1889**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, n.º 61, p. 15-40, 2011. Disponível em: www.scielo.br/j/rbh/a/frzJmyPKqzKST8mrNxV4Fwh/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 abr. 2023

KRAAY, Hendrik. **Sete de Setembro: 200 anos de comemorações da independência. Festas cívicas celebrando a Independência do Brasil tiveram diferentes significados ao longo do tempo**. Ciência e Cultura [online], Campinas, vol. 74, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000100009&script=sci_abstract >. Acesso em: 27 abr. 2023.

LEGAIS, Leis, atos e normativos. **Prefeitura de Santa Quitéria-CE**, 2015. Disponível em: <https://www.santaquiteria.ce.gov.br/leis.php?id=140>. Acesso em: 20 mai 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto. **Iconoclastas, Antirréticos, e o Poder da Imagem**. Ágora Filosófica, Recife, ano 1, n.º 2, jul.-dez., p. 149-168, 2001.

MAIA, Doralice Sátyro; SÁ, Nirvana Lígia Albino Rafael. **A festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba – Brasil**. Ateliê geográfico - revista eletrônica, Goiânia-GO, v. 2, n. 2, p. 18-39, 2008.

MALERBA, Jurandir. **Almanaque do Brasil nos tempos da Independência**. São Paulo: Ática, 2022.

MARIANO, Fabiene Passamani; SILVA, Sonia Souza da. **A simbologia do divino espírito santo: dos Açores para Viana**. In: V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo. Terceira / Açores: 2012, p. 1 – 10. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/http://roteirodesazores.com/wp-content/uploads/2014/09/Fabiane-Passamani-Mariano-e-Sonia-Souza-da-Silva.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

- MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n. 30, p. 149-169, out. 2001.
- MARIN, Jérri Roberto (org). **Questões de religiões: teorias e metodologias**. Grande Dourados: Editora UFGD, 2013.
- MARIZ, Cecília Loreto; THEIJE, Marjo de. A santa do povo: o catolicismo dos leigos no Santuário de Santa Quitéria. **Comunicações do ISER**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 42-57, 1991.
- MAUÉS, Raimundo Heraldo. Catolicismo popular e controle eclesiástico. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ano 6, nº 26, p. 38 – 49, 1987. Disponível em: <https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2020/07/comunicacoes-26_compressed.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- NEVES, Maria Agripina. Aspectos Folclóricos nas Festas Religiosas em Mariana – MG. **Revista da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, ano 38, n. 26, p. 145 - 174 – fev. 2014.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**. São Paulo, p. 7 - 28, 10 dez. 1993.
- OLIVEIRA, José Cláudio Alves de (org). **Ex-votos das Américas: comunicação e memória social**. Curitiba: CRV, 2017.
- OLIVEIRA, Marlon Anderson de. **“Esculpindo na alma do povo a imagem viva de Cristo”: a ação do Pe. Francisco Geraedts, S.C.J.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Mestrado em Ciências da Religião. Recife, 165 f., 2009.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Adeus à sociologia da religião popular. **Religião & Sociedade**. Rio de Janeiro, ISER, 1977, v. 1, p. 43 – 62.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Na Typographia de Silva, 1832.
- RÊGO, Alberto da Silva. **Os aldeões de Garanhuns, sua gente, seus jovens, suas associações, o mundo literário, os “players”, os poetas, e árvores genealógicas**. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1987.
- SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Das festas aos botequins: organização e controle dos divertimentos no Recife (1822-1850)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 144 f., 2011.
- SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Luminárias, músicas e ?sentimentos patrióticos?: Festas e política no Recife (1817-1848)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 277 f., 2018.
- SCARANO, Julita. **Fé e Milagre: Ex-votos Pintados em Madeira: Séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SILVA, Antônio de Moraes. **Diccionario da Língua Portuguesa**. 7ª ed. melhorada e muito acrescentada com grande número de termos novos usados no Brasil e no portuguez da Índia. Lisboa: Typografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1878.
- TÁVORA, Franklin. **O Matuto: chronica pernambucana**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1878.
- TEIXEIRA, Manoel Neto. **O Diocesano de Garanhuns: cem anos de ciência e fé**. 3ª ed. Recife: Polys Editora, 2015.

TÚNEL do tempo: hotel e hospedaria Motta. **Hecatombe de Garanhuns – Comissão Memorial do Centenário, 2016.** Disponível em: <<http://hecatombedegaranhunscmc.blogspot.com/2016/06/tunel-do-tempo-do-tempo-e-hospedaria.html>>. Acesso em: 25 abr 2023.

VALENTINI, Dom Luiz Demétrio. Sínodos e concílio. **CNBB**, 2008. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/sinodos-e-concilio/>>. Acesso em: 01 out. 2023.

VITALINO, Urbano de Melo Filho; REINAUX, Marcílio Lins. **Colégio XV - 100 anos: servindo a Deus, à pátria e a Garanhuns.** Recife/Garanhuns: Editora dos autores, 1999.

A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS



A FESTA DE
SANTA
QUITÉRIA
DE FREXEIRAS